



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

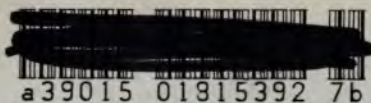
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

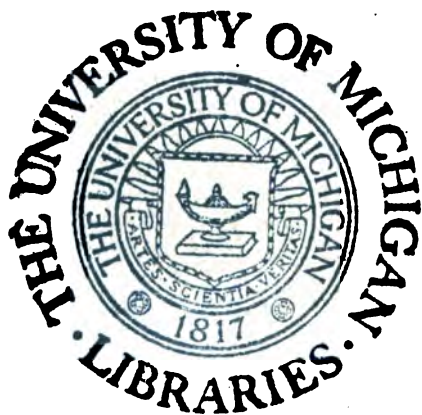
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

DP
585
.L85
189
v.1

BUHR A



a39015 01915392 7b



BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario
CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador
EMELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA
DE
EL-REI D. JOÃO I

POR

Fernão Lopes

VOL. I

ESCRITORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1897

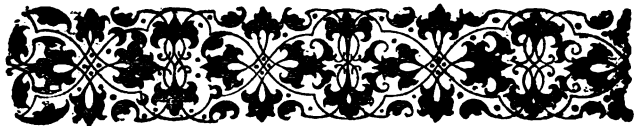
DP

585

1885

1897

N 1



GL
GL
v Bebhoven
11-5-70
853684-190
add nol.

DUAS PALAVRAS DE PROLOGO

DEPOIS da reproducção, tão auspiciosamente acolhida, das duas chronicas do patriarcha da Historia e da Prosa portugueza, — que de ambas o foi, — a de Dom Pedro e a de Dom Fernando, estava naturalmente indicada e como prevista e resolvida se achava já, na intenção patriotica do editor, a republicação da chronica de Dom João I, pelo menos na parte d'ella que pôde ainda ser testemunhada e escripta por Fernão Lopes.

N'aquellas duas, especialmente na segunda, ficaram lançados já os fundamentos d'esta chronica ou d'esta parte d'ella, não sómente pela logica sequencia dos acontecimentos, mas tambem pelo senso critico, tão penetrante e seguro, de verdadeira historia philosophica, que cimenta e vivifica a bella historia narrativa do velho chronista.

A chronica do Rei de «boa memoria» que foi, a bem diser, o segundo fundador da Nação, é a necessaria illação da do Rei «Formoso» que abre, com as suas loucuras e com a sua subserviencia á traição machinada pelas ambições da Rainha bigama,— aos dois maridos, adultera— a terrivel prova real da consolidação do Estado e do Povo portugueza.

Vae este provar se deve desaparecer, perante a Historia e o Futuro, na massa obscura e informe dos povos sem nome;— se os prodómos singularmente gloriosos da sua existencia militante, se a intrepidez, a habilidade, o valor, a vontade heroica durante tres seculos posta, ininterruptamente, na affirmação do seu direito á vida e da sua rasão politica, foram apenas um simulacro de individualidade ethnica e social que podesse ruir e desfazer-se facilmente na conjuração das sofregas cubiças da visinhança e das perfidas ambições de uma camarilha de aventureiros e traidores.

Como vimos, na Chronica de Dom Fernando, Leonor Telles, por consolidar a sua realesa bastarda, enxertando-a definitivamente na successão realenga, mal vira viuvo o Rei de Castella mandara offerecer-lhe a filha, a Infanta Dona Brites, alcovitando-lhe a posse apetecida de Portugal.

Com a mesma luminosa singeleza com que nos contou a pulha sugestão da camarilha e o alvoroço alegre dos cortesãos e politicos castelhanos, vae dizer-nos Fernão Lopes — «breve e saãmente» — como o povo portuguez respondeu ao odioso trama e ao novo ensaio da singular obsessão que havia de acompanhar a historia de Portugal e de Hespanha até se transformâr nos nossos dias, no disparate doutrina-

rio conhecido pelo nome de «união» ou de «federação ibérica».

Sempre que se tem pensado em reproduzir a *Chronica* de D. João I, se atravessa ao generoso pensamento a idéa, nunca bem apurada e definida, das imperfeições da edição do bom Antonio Alvares e da existencia de uns codices, pelos quaes conviria refazer-a ou emendal-a.

Não faltou agora, e d'esta vez com o bello annuncio de que a Academia das Sciencias se sente animada do mais auspicioso empenho de satisfazer o voto que ha tantos annos, um pouco irreverentemente, a feriu, de que «antes de ter publicado muitos livros... de bem fraco merecimento, nos devera ter livrado da vergonha de uma tal edição.»

Mas além de que nos parece exagerado e ingrato este juizo da patriotica dedicação de Antonio Alvares, e que a questão dos famosos codices ineditos de Fernão Lopes, se nos afigura sofrivelmente complicada, para ser resolvida sem maiores ceremonias de estudo, como em tempo dissémos, não pôde, por emquanto, pelo menos, a nossa bibliotheca propôr-se a offerecer reproduções criticas e definitivas, não é até aos eruditos que ella procura servir, e o que agora nos importa é completar a obra impressa, mas rara, de Fernão Lopes, e até sob o mesmo pensamento e empenho que moveu em 1644 o bom do Antonio Alvares: — o de avivar na memoria do povo, a bella licção que ella encerra, declinando a lastima com que o dedicado — «Impressor» — accusava alguns de occultar — «em cuidadoso silencio as victorias e gloriosas empresas por que o Serenissimo Rei Dom João o 1.^o mereceu ser acclamado e

eleito por Rei, sendo novo Restaurador e, em certo modo, Fundador do Reino.»

Mantemo-nos, pois, na reproducção simplesmente subordinada aos principios que n'outras expozémos, da unica edição existente:

Chronica
Del Rey D. Ioam I
De Boa Memoria,
E dos Reys de Portvgal o Decimo.
Primeira Parte.
Em Qve se contem A Defensam
do Reyno até ser eleito Rey.
Offerecida A Magestade Del Rey
Dom Ioam o IV. N. Senhor
De Miracvlosa Memoria.
Composta por Fernam Lopez.
Anno de 1644.

Em Lisbôa. Com todas as licenças necessarias.
A custa de Antonio Alvarez Impressor Del Rey N. S.

Como no emprego, succedeu a Fernão Lopes, n'esta Chronica, Gomes Eannes de Azurara, mas parece-nos preferivel deixar para a reproducção do trabalho deste ultimo Chronista, sob todos os aspectos tão outro, a parte da sua cooperação na historia de João I.

L. C.



LICENÇAS

POR mandado do Conselho Geral do Santo Officio vi esta primeira parte da Chronica de El-rei D. João, o primeiro, de gloriosa memoria, composta por Fernão Lopes, escrivão da Puridade do Infante D. Fernando, e não tem cousa que encontre nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes será mui proveitosa para animar os portuguezes d'este nosso tempo, a que com maior fervor defendam o seu Reino, imitando tão gloriosos antepassados.

Lisboa no Convento da Santissima Trindade, em
27 de Outubro de 1642.

O D. Fr. Adrião Pedro.

Vi por ordem dos Senhores do Conselho Geral do Santo Officio esta primeira parte da Chronica de El-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, composta por Fernão Lopes, Escrivão da Puridade do Infante D. Fernando, filho do mesmo rei D. João, e não achei n'ella cousa alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes com esta historia se mostra com singelo e não affectado estylo o zêlo da honra de Deus, e amor da patria, que nos Portuguezes d'aquelle tempo, ardia, para louvor dos quaes tão merecido por seus excellentes feitos, quando não tiveramos d'este livro outros proveitos, era bem que se imprimisse, quanto mais que os exemplos que nos deram são poderosos para efficaçmente nos obrigar aos imitar. E assim me parece esta Chronica dignissima de sair a luz.

S. Dommingos de Lisboa, 14 de novembro de 1642.

O M. Fr. Ignacio Galvão.

Vistas as informações pôde-se imprimir a primeira parte da Chronica d'El-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, auctor Fernão Lopes, e depois de impressa tornará ao Conselho para se conferir com o original, e se dar licença para correr, e sem ella não correrá.

Lisboa, 14 de Novembro de 1642.

Fr. João de Vasconcellos. — Francisco Cardoso de Torneo. — Pedro da Silva. — Diogo de Sousa.

Pôde-se imprimir. Lisboa 27 de Novembro de 1642.

O Bispo de Targa.

Não achei n'esta Chronica de El-rei D. João, o primeiro, de gloriosa memoria, como por onde se possa negar a licença, que pedem para se imprimir. Lisboa 31 de dezembro de 1642.

Diogo de Paiva d'Andrada.

Que se possa imprimir esta Chronica, visto as licenças do Santo Officio e Ordinario, que offerece, e depois de impressa torne para se taxar, e sem isso nada correrá. Lisboa 13 de Janeiro de 1643.

João Sanches de Baena. — D. Rodrigo de Menezes. — João Pinheiro.

Esta primeira, segunda e terceira parte da Chronica de El-rei D. João, o primeiro, estão conforme o seu original. Lisboa em 18 de agosto de 1644.—*O D. Fr. Adrião Pedro.*

Visto estar conforme com o original podem correr estes livros. — Lisboa 19 de agosto de 1644.—*P. da Silva. — Francis. Cardoso de Torn. — Pantal. Rõrç. Pacheco.*

Taixam estes livros da Chronica de El-rei D. João, o primeiro, de boa memoria, em dois mil réis em papel. Lisboa 27 de Agosto de 1644.—*I. Pinheiro. — M. A. Coelho. — Ribeiro. — Cazado.*

SENHOR:

Em a Chronica, que o anno de 1642 que imprimi dos Serenissimos Reis de Portugal D. João o primeiro, D. Duarte seu filho e D. Affonso V seu neto se referiram em breve compendio suas virtudes e proezas, na fórma que o Licenciado Duarte Nunes de Leão as tinha já com licença recopiladas: pera avivar de novo a lembrança com que se conservam sempre vivas estas memorias e se vencer com a publicação d'ellas o impedimento que com a invasão n'estes reinos d'El-rei Catholico D. Filippe de Castella se occasionou pera se occultarem em cuidadoso silencio as victorias e gloriosas imprezas porque o Serenissimo Rei D. João, o primeiro, mereceu ser aclamado e eleito por Rei sendo novo Restaurador, e em certo modo Fundador do Reino e com que o soube segurar com a celebre batalha de Aljubarrota, com as de Valverde, Trancoso e outras, e ultimamente augmental-o e engrandecel-o com a gloriosissima conquista de Ceuta em que se lhe offereceram ao mesmo passo das difficuldades e riscos, victorias e glorias em que se vê tanto de verdadeiras quanto de impossiveis. E porque era justo que a Chronica d'este Serenissimo Rei se imprimisse mais por extenso, como se achou escripta em tres partes por os Chronistas Fernão Lopes e Gomes Eannes d'Azurara, em o tempo que já Vossa Magestade tão felicemente, em conservação de seu direito recobrou os reinos que a violencia injustamente lhe tinha usurpados, restituindo-os a sua filha, defendendo-os e conservando-os á imitação do nome,

valor, prudencia, magnanidade e fortuna de tão glorioso Principe, me deliberei, movido do zêlo da patria e do serviço de Vossa Magestade a dar á impressão esta Chronica do Serenissimo Rei D. João, o primeiro, de quem Vossa Magestade gloriosamente descende, não só por ser pae do Senhor D. Affonso, primeiro duque da serenissima casa de Bragança, que casou com a excellentissima Senhora Dona Beatriz filha unica do grande Condestable D. Nuno Alvares Pereira, progenitores de Vossa Magestade, mas ainda pela descendencia de El-rei D. Duarte, de quem Vossa Magestade traz a successão direita da Casa Real e herança d'estes reinos e mais conquistas, estados e senhorios. O zêlo da Patria mostro em publicar as virtudes d'um rei Pae d'ella e o de serviço de Vossa Magestade em o reconhecer, n'esta offerta, por herdeiro d'ellas no direito do sangue, successão e imitação, Cuja Real Pessoa Nosso Senhor guarde, etc.

Antonio Alvarez.

A João Rodrigues de Sá e Menezes, conde de Penaguião, Camareiro mór de Sua Magestade, etc.

Andaram sempre em competencia Letras e Armas, mas em Vossa Senhoria se acham tão unidas, que se póde bem dizer, talvez armado Apolo, talvez graduado Marte; pois leixando no anno passado tão celebre seu nome, nas gloriosas emprezas em que se achou nas entradas que fez o nosso exercito nos reinos de Castella, e tomada de suas forças, agora tanto que soube Vossa Senhoria da memoravel batalha dos Campos de Montijo, foi o primeiro que

leixando sua casa, e regalo, e ainda assistencia pessoal, que por rasão do cargo tem junto á pessoa Real (por servir mais calificada e arriscadamente) se partiu para Campo Maior offerecido aos perigos, que se offerecem, d'onde reconhecendo, que a respeito da victoria alcançada pelas armas de Sua Magestade, não era necessaria sua presença n'aquella praça, voltou Vossa Senhoria ao exercicio do Paço, em que é exemplar tão continuo, em beneficio do Reino, que sendo digno de ser imitado, o não póde ser de muitos. Estes motivos me incitaram a imprimir esta Chronica sabendo que Vossa Senhoria desejava, que ella sahisse á luz, confiado em que Vossa Senhoria além de a estimar a poderia melhor offerecer em meu nome a Sua Magestade. Uma e outra cousa espero de Vossa Senhoria, a quem Deus dê largos annos de vida com felice augmento de prosperidades.

Antonio Alvarez.





AQUI COMEÇA
A CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO
DE BOA MEMORIA
O PRIMEIRO D'ESTE NOME
E DOS REIS DE PORTUGAL O DECIMO

Capitulada, e composta por Fernão Lopes, escrivão da Puridade do Infante D. Fernando, filho do mesmo Rei D. João. A qual Chronica o dito Fernão Lopes fez por mandado d'El-rei D. Duarte, sendo Principe.

CAPITULO I

Rações em prologo do auctor d'esta obra, ante que fale dos feitos do Mestre.

GRANDE licença deu a affeição a muitos, que tiveram cargo de ordenar historias, mormente dos Senhores, em cuja mercê e terra viviam, e onde foram nados seus antigos avós, sendo-lhe muito favoraveis no recontamento de seus feitos. E tal favoreza, como esta, nace de mundanal affeição, a qual não é, salvo conformidade de alguma cousa ao entendimento do homem.

Assim que a terra, em que os homens, por longo costume e tempo, foram criados, gera uma tal conformidade entre o entendimento, e ella, que havendo de julgar alguma sua cousa assim em louvor, como por contrario, nunca por elles é directamente recon-tada, porque louvando-a, dizem sempre mais d'a-quello, e se d'outro modo não escreverem suas per-das tão mingudadamente, como acontecerem, outra cousa gera ainda esta conformidade e natural incli-nação, segundo sentença d'alguns, que o pregoeiro da vida é a fama, recebendo refeição, para o corpo, o sangue, e espiritos gerados de tantas viandas teem uma tal similhaça entre os que causa esta confor-midade. Alguns outros tiveram que isto descia na semente, no tempo de geração, a qual dispõem por tal guisa aquello, que d'ella é grado, que lhe fica esta conformidade, tambem ácerca da terra, como de seus dividos, e ao que parece que o sentiu Tu-lío, quando veiu a dizer :

Nós não somos nados a nós mesmos, porque uma parte de nós tem a terra, e a outra os paren-tes; e porém o juizo do homem ácerca de tal terra, ou pessoas recontando seus feitos sempre copega.

Esta mundanal affeição fez alguns historiadores, que os feitos de Castella, com os de Portugal, escre-veram, posto que homens de boa authoridade fos-sem, desviar da verdadeira estrada, e colher por se-mideiros escusos, por as minguas das terras de que eram em certos passos claramente não serem vis-tas, especialmente no grande desvairo, que o mui virtuoso Rei de boa memoria D. João, cujo regi-mento e reinado se segue, houve com o nobre e poderoso rei D. João de Castella, pondo parte de seus bons feitos fóra do louvor, que merecia, e eva-

dindo em alguns outros de guisa, que não aconteceram, atrevendo-se a publicar esto em vida de taes que lhe foram companheiros, bem veadores de todo o contrario.

Nós certamente levando outro modo, posta a de parte toda a affeição, que por azo das ditas razões haver podiamos, nosso desejo foi em esta obra escrever verdade, sem outra mistura, leixando nos bons aquecimentos todo fingido louvor, e mormente mostrar ao povo, quaesquer contrarias causas da guisa que avierem. E se o Senhor Deos a nós outorgasse o que a alguns escrevendo não negou, convem a saber: em suas obras clara certidão da verdade, sem duvida não sómente mentir do que sabemos, mas ainda errando falso não queriamos dizer, como assim seja, que outra cousa não é de errar, salvo cuidar que é verdade aquello que é salvo, e nós enganados por ignorancia de velhas escripturas e desvairados authores, bem podiamos ditando errar; porém que escrevendo homem do que não é certo, ou contar mais curto que foi, ou falar a mais largo do que devemos, mentirá, e este costume é muito afastado de nossa vontade.

E com quanto cuidado e diligencia vimos grandes volumes de livros, e desvairadas linguagens, e terras, e isso mesmo publicas escripturas de muitos cartorios, e outros logares, nos quaes depois de longas vigílias, e grandes trabalhos, mais certidão haver não podemos do conteudo em esta obra. E sendo achado em alguns livros o contrario do que em ello falla, cuidae que não sabedormente, mas errando muito serão taes cousas. Se outros por ventura em esta chronica buscam formosura, e novidade de palavras, e não a certidão das historias desprazer-lhe-ha

de nosso razoado, muito ligeiro a elle de ouvir, e não sem gram trabalho em nós de o ordenar. Mas nós não curando de seu juizo, deixando os compostos, e enfeitados razoamentos, que muito desleixam aquelles que ouvem, antepomos a simples verdade, que aformosentando falsidade. Nem entendaes que certificamos cousa, salvo o de muitos approvado, e por escripturas vestidas de fé. D'outra guisa ante nos calariamos, que escrever cousas falsas, que logar nos ficaria para a formosura, e afeitamento das palavras, pois todo o nosso cuidado é isto despezo não a basta para ordenar a má verdade; porém apegoando-nos em ella firme os claros feitos dignos de grande relembração do mui famoso rei D. João sendo Mestre; de que guisa matou o conde João Fernandes, e como o povo de Lisboa o tomou primeiro por seu regedor e defensor, e depois outros alguns do reino; e des-ahi em diante como reinou, e em que tempo, breve e sãmente contados pomos em praça na seguinte obra.

CAPITULO II

Como o conde houvera de ser morto por vezes, e nenhuma houve aço de se acabar.

FALANDO alguns da morte do conde João Fernandes, onde se começam os feitos do Mestre, allegam um dito, de que nos não praz, dizendo que fortuna muitas vezes por longo tempo escusa amôr a alguns homens por lhe depois azar mais deshon-

rado fim, assim como fez a este conde João Fernandes, que muitas vezes lhe desviou a morte, que alguns tiveram cuidado de lhe dar, porque depois o leixasse nas mãos do Mestre para o matar mais deshonradamente.

E nós d'este dito não somos contente; e assim por razão do que o matou, como da morte, que por elle, nenhum dos outros o matar podéra, que lhe muito mór deshonra não fôra, mas temos que o muito alto Deus, que em sua providencia nenhuma cousa falece, que tinha disposto de o Mestre ser rei ordenou que o não matasse outrem, senão elle. E esto em tempo assignado e com certos azos, posto que poderoso fosse de o d'outra guisa fazer, cá certo é que uzando o conde por tempo d'aquella grão maldade que dissemos, dormindo com a mulher do seu senhor, de que tantas mercês e acrescentamentos havia recebidos.

Não soou isto assim simplesmente nas orelhas dos grandes senhores e fidalgos, que lhe não gerasse grande e assignado desejo de vingança da deshonra de el-rei D. Fernando; mas o pôr esto em obra embargavam muito duas cousas. A primeira ser o conde guardado de muitos e bons fidalgos que o sempre acompanhavam de dia e de noute, a segunda que quem se a tal feito pozesse, aventurava a vida e perdia-se de todo, que os mais dos homens muito arreceavam de fazer.

Outros lhe enadiam ainda, que por tal cousa seria el-rei muito mais infamado e seu linhagem d'ella em maior deshonra que eram os condes e outros grandes do reino, pero falando em ello por vezes todos outorgavam de ser em tal feito, mas nenhum não se atrevia de ser o primeiro. E o conde bem

entendia que de taes pessoas não era bem seguro, não dando porém a entender nada, mas seu grande estado e guardamentos, que por azo d'elle haviam grandes desembargos d'el-rei e da rainha o fazia segurar.

Pero foi assim que o conde D. João Affonso, irmão da rainha, quando veio de Castella que foi lá prezo na de Saltes, chegou a Lisboa, e achando a fama de sua irmã muito peor do que a leixara com este conde que dissemos, houve d'ello grande queixume e determinou de o matar, e fallou esta cousa com alguns dos melhores que na cidade havia, assim como Affonso Eanes Nogueira e outros que eram todos seus vassallos, e encaminhou por ir vêr el-rei a Rio Maior onde entonce estava, quando veio d'Elvas que houvera d'haver a batalha, acompanhado o conde de muitos que se com elle foram.

E como hi foi, segundo alguns contam, uma noite se fez prestes e aguardou muito escusamente com os seus para o matar. E indo o conde alta noite desacompanhado, salvo com uma tocha, trigaram-se os outros mais do que deveram, como viram o ar da candeia, e elle que os sentia e em sabendo quem era receou-se muito e tornou a traz, e guardando aquella hora passou assim que se não fez por então mais.

Outros escrevem por outra maneira, dizendo que a rainha como era mulher avisada, já por onde quer que foi, ante que seu irmão chegasse soube a tenção que contra o conde levava, e quando pediram pousadas, para elle mandou ella correger uma camara nos passos onde pousava, dizendo que queria que pousasse com ella e recebeu-o mui bem, e fez-lhe grão gazalhado, e presumiam que lhe déra a rainha

alguma grande dadiva e que o desanojara e o desviara de em esto poer mão, porque o conde nunca se d'ello mais trabalhou, e que assim escapára o conde João Fernandes d'aquella vez.

CAPITULO III

Como alguns ordenaram de o conde ser morto, e porque aço se não fez.

PASSOU aquella hora que se não fez mais e partiu el-rei d'alli e veiu-se para Santarem, e em esto morreu a el-rei de Castella a rainha D. Leonor sua mulher, e foi lá enviado por embàixador o conde João Fernandes, como ouvistes, e não cessando a deshonesta fama da rainha com elle fallava-se esto largamente entre alguns senhores do reino, e especialmente entre aquelles que por privança e acrescentamento de honroso estado eram chegados com el-rei, pezando-lhe muito da deshonna que a seu senhor era feita por tal modo, e entre aquelles a que d'esto muito pezava era este conde D. João Affonso, irmão da rainha, que dissémos, sendo grão privado d'el-rei e muito de seu conselho, que el-rei mostrava grão boa vontade; a rainha por contrario, posto que sua irmã fosse, não era tanto em sua privança e amor, sentindo ella que elle não havia bom desejo ao conde João Fernandes por a fama que ambos haviam.

Este conde de Barcellos, seu irmão, doendo-se muito da deshonna d'el-rei, e vendo como sua irmã

emquanto o conde João Fernandes fosse vivo não havia de cessar do fazimento que com ella havia, cuidou de ordenar outra vez como fosse morto, e fallou esto com o Mestre d'Aviz, e com D. Pedralveres, Priol do Esprital, e com Gonçalo Vasques d'Azevedo; e acordaram todos que era bem de fazer um homem de pequena conta para qualquer cousa, que se d'ello seguisse, porque melhor era perder-se um homem ligeiro que um de grande honra e maior estado, e fallaram primeiro com Fernandalvares de Queiroz, criado d'el-rei, e para muito homem, a que acompanhavam de cote quatro de besta, e elle se escusou por muitas razões, dizendo que por nenhuma guisa faria cousa em que fizesse desprazer á rainha, mormente tal como esta de que era certo que ella haveria assignado nojo.

Então o vieram fallar com Rodrigo Eanes de Barcos, escudeiro de similhante conta de Fernandalvares, o qual acompanhava continuamente Gonçalo Vasques d'Azevedo e era todo seu. A este aprouve de tomar este encarrego, e acordaram como o conde João Fernandes viesse da embaixada de Castella e entrasse em Portugal, que lhe sahisse Rodrigo Eanes ao caminho com cinco ou seis de cavallo, e o matasse e se pozesse em salvo até que lhe depois elles houvessem remedio.

Este acordo havido souberam como o conde João Fernandes era partido de Castella e vinha já por Portugal, e Rodrigo Eanes se partiu logo e foi para Alcobaca, caminho de Leiria, por onde diziam que o conde João Fernandes vinha, e elle trouve o caminho do Esprital, e assim o errou d'aquella vez, e escapou da morte.

CAPITULO IV

Como el-rei mandava matar o conde João Fernandes, e porque se deixou de fazer.

Não parece cousa indigna se algum que lêr ou ouvir esta historia fizer pergunta: pois que tanto tempo havia que era fama largamente publicada entre a rainha e o conde João Fernandes, se tinha el-rei d'ello alguma suspeita, ou sabia de tal fama parte? ás quaes se responde d'esta guisa.

Certo é que entre as condições, que do amor escrevem os que d'elle compridamente fallaram e foram criados em sua côrte, assim é, que por muito que encobrir queiram o que ama, não se pôde tanto ter, porque alguns finaes e falas, e outros demostadores geitos, hão dar a entender, aquelle ardente desejo, que em sua vontade continuadamente móra, e quando os homens tem desacostumadas afeições, e privanças, onde não ha tal devido, que má fama embargar possa ligeiramente, vem a presumpção do erro em que taes pessoas pôdem cair.

E portanto el-rei D. Fernando vendo os muitos modos porque a rainha mostrava desordenada afeição e bemquerença ao conde João Fernandes, e grande acrescentamento que lhe procurava por qualquer guisa que podia, bem certificou em seu pensamento ser verdade o que as gentes presumiam, posto que da publica voz e fama que a rainha havia com o conde, elle nenhuma parte soubesse, não

era algum ouzado de lhe tal cousa dizer, posto que se de sua deshonra com bom desejo doesse, receando pena por galardão, e mortal odio por amizade, como já a alguns aconteceu por taes novas recontarem, mórmente aos reis, e grandes senhores.

Assim que el-rei D. Fernando bem entendia o que era, mas nenhuma cousa dava a entender, receando novamente descobrir com duvida aquello, que a publica voz e fama muito tempo havia que affirmava, e quando a rainha levou sua filha a Elvas por lhe fazer bodas com el-rei de Castella, e se el-rei D. Fernando mandou trazer de Salvaterra para Almada, cuidou de o matar por esta guisa:

Mandou ao seu escrivão da Puridade que fizesse uma carta para o Mestre d'Aviz seu irmão, em que lhe mandava e encomendava, que vista aquella carta, tivesse geito de matar o conde João Fernandes não dizendo porém a razão porquê, e por ella mandava a Gonçalo Mendes de Vasconcellos, alcaide mór de Coimbra, que ordenasse de guisa que o Mestre seu irmão fosse recebido na cidade, e lhe entregassem a fortaleza do castello, e que lhe quitava a menagem, uma, e duas, e tres vezes.

O escrivão fez a carta, e entendeu bem por quem era, e dizem alguns, que foi João Fernandes. E como foi feita tornou a el-rei, e disse:

—Senhor: vós me mandaes fazer esta carta; rezumindo-lhe quejanda era; porem, senhor, disse elle, se vós esta cousa bem esguardar quizerdes, vossa mercê pode entender que por nenhuma guisa a deveis de mandar, pelo gram damno que se d'ello seguir pode. Vós senhor, bem vedes como o Mestre vosso irmão é bemquisto de todos os do reino, e se elle tivesse Coimbra, falecendo vós, o que Deus

não mande, juntar-se-hiam a elle todas as gentes, e ficaria por rei d'esta terra, e vossa filha assim desherdada, de guisa que ella nem filho que de seu marido houvesse, seria grão maravilha de nunca em elle mais poder cobrar. E porém me parece se vossa mercê fôr, que tal mandado deveis escusar por hora. E se do conde João Fernandes haveis tal queixume, porque vos esta tenha merecido, bem tereis depois tempo para o mandar matar, cada vez que quizerdes, por outra maneira e não d'esta guisa.

E el-rei cuidou n'este feito, e pareceu-lhe as razões boas e rompeu a carta, e não foi enviada, e assim escapou o conde João Fernandes de não ser morto. E depois d'esto, sendo el-rei D. Fernando doente, e muito aficado d'aquella dôr, que murreu, ao serão, na noite que se finou, estava ahí o conde João Fernandes, com aquelles que eram presentes, e quando viu que não havia em elle outro remedio, senão morte, receando-se muito do que feito tinha lhe ser acoimado por algum áquella hora, houve tão grão temor, que aquelle medo lhe foi assim como degredo, que o fez logo sahir da camara, por se ir á pressa para seu condado, e em saindo pela porta um escudeiro do conde João Affonso, chamado por nome Pedroanes Lobato, sabendo como o elle quizerá matar em Rio Maior, como dissemos, disse ao conde se queria que o matasse entonce, pois havia tempo azado para o fazer a seu salvo, e o conde de Barcellos, ainda que o desejasse muito de vêr morto, defendeu-lho, que o não fizesse, e assim escapou o conde João Fernandes aquelle serão, porque parece que não viera a hora.

CAPITULO V

*Como o conde João Fernandes houvera de ser morto,
e porque azo se desviou sua morte.*

HOUVERA ainda o conde de ser morto por outra vez, e vêde de que guisa se azáva de ser. Assim é que escrevendo a rainha a todos os do reino, que viessem ao sahimento do mez, que se havia de fazer por el-rei D. Fernando, mandou seu recado a Nuno Alvares, que estava entre Douro e Minho com sua mulher, que viesse áquelle sahimento.

Nuno Alvares mui anojado pela morte d'el-rei, sem poer mais tardança se fez logo prestes com trinta escudeiros bem corregidos de suas armas, e certos homens de pé com elles, e nenhum outro veio ao trintario corregido com gentes senão elle, e assim chegou a Lisboa, onde o sahimento havia de ser, e feitas suas exequias, e acabado tudo, foi um dia Nuno Alvares vêr o Priol D. Pedralveres seu irmão, e depois que elle fallou, e espaçou um pouco com alguns fidalgos, que hi estavam, apartou-se pelo paço só a cuidar que havia de ser do reino, e que assim ficava deserto, e quem o havia de defender de alguns, se contra elle quizessem vir, mórmente que se dizia, que el-rei de Castella prendera o infante D. João, e o conde D. Affonso, seu irmão, como soubera que el-rei D. Fernendo era morto, e que juntava gentes para entrar poderosamente no reino.

E cuidando esto certificou em seu pensamento, que não havia outro, que mais razão tivesse de se pôr em defeza do reino que o Mestre d'Aviz, filho d'el-rei D. Pedro, o qual elle sabia que era bom cavalleiro, de que havia grão conhecimento tempo havia. E logo veiu a cuidar que o começo de tal obra havia de ser o conde João Fernandes d'Andeiro ser morto, no qual a rainha havia grande esperança.

E andando assim só em esto cuidando, olhou pelo paço, e viu Ruy Pereira, seu tio, que hi estava, e chegou-se a elle e contou-lhe tudo o que havia pensado em razão da defensa do reino, e quem devia d'elle de tomar cargo, e sobre a morte de João Fernandes, declarando-lhe certamente que em esto seria elle de boa vontade, querendo o Mestre em ello poer mão.

Ruy Pereira, que já esto trazia em grande cuidado, foi muito ledo do que lhe Nuno Alvares dizia; e tanto lhe prouve que não se pôde mais ter, e foi-se logo ao Mestre fazer-lhe recontamento de todo.

O Mestre sendo ledo mandou logo chamar Nuno Alvares agradecendo-lhe muito o que com Ruy Pereira falára; pero disse o Mestre contra Ruy Pereira:

— A mim parece que não ouço agora murmurar as gentes tanto dos feitos da rainha, nem fallar em esto como sabiam.

— O' senhor, disse Ruy Pereira, vós não sabeis como isto é; quando eu andava para casar com minha mulher, todos falavam como eu queria casar com Violante Lopes, e depois que fomos casados, nunca ninguem mais falou em nosso casamento. E estes senhores, assim agora taes são e usarão tanto de suas maldades, e por isso não falam já em elles como da primeira.

O Mestre começou de rir d'esto, e encommendou a Nuno Alvares que logo trabalhasse de haver da sua parte mais gentes que podesse, para em outro dia ser morto o conde João Fernandes, da qual cousa Nuno Alvares muito aprouve, e logo se partiu do Mestre para sua pousada, para se aviar e concertar do que para tal feito cumpria. E corregendo-se para ello com grande aguça, mandou-lhe o Mestre dizer que cessasse do que lhe dissera, porque se não podia por então fazer.

Nuno Alvares foi d'esto mui annojado por se poer mór espaço em tal ira, e tornou-se ao Mestre falando-lhe sobre esto muitas e boas rasões pelo reduzir a se fazer logo, e vendo que não podia espediuse d'elle, e foi-se para o Priol seu irmão, que já era partido caminho de Santarem, e encalçou em Pontevel, onde esteve mui poucos dias.

E d'esta guisa se desviou a morte do conde João Fernandes d'esta vez e das outras porque como já dissemos, parece que ainda não viera sua hora.

CAPITULO VI

Como se azou a morte do conde João Fernandes: e quem fallou em ello primeiro.

SOHEM ás vezes os altos feitos, haver começo por taes pessoas, cujo ázo nenhum commum povo podia cuidar, que por elles viesse onde assim haveiu: que em Lisboa havia um cidadão por nome Alvaro Paes, homem honrado e de boa fazenda, e

foi chanceler mór d'el-rei D. Pedro, e depois d'el-rei D. Fernando.

Este vivendo em casa d'el-rei, e sendo muito doente de gota, veio pedir a el-rei por mercê fosse, e o aposentasse em Lisboa, onde tinha suas casas, a assentamento. Sua dôr porém não era tamanha quanto foi o grão nojo, que por azo da deshonra d'el-rei, segundo a má fama que a rainha havia, se gerava em seu coração, e foi assim que el-rei aposentou-o honradamente em Lisboa, e a seu requerimento mandou aos vereadores da cidade que nenhuma cousa fizessem sem acordo d'elle. Pela qual razão algumas vezes iam a sua casa ter conselho sobre o que haviam de fazer, quando elle por azo de sua enfermidade, na camara, onde faziam seu conselho, não podia ser presente. Natureza que força os homens uzar das condições, que com elles naceram, constrangeu tanto este Alvaro Paes, de guisa que não perdendo rancor e odio da deshonra, que a el-rei seu senhor fôra feita, nenhuma cousa então mais desejava, que vêr o conde João Fernandes morto, pois que o não fôra em vida d'el-rei D. Fernando. E parecendo-lhe tempo azado para arrazoar em esto fallou secretamente com o conde de Barcellos D. João Affonso, irmão da rainha, que sabia bem que queria mal ao conde João Fernandes por esta razão, e disse:

— Senhor, vós sabeis bem como eu, são criado d'el-rei D. Fernando, cuja alma Deus haja, e a honra, e acrescentamento que em mim fez, pela qual causa eu, e todos quaesquer seus criados se deviam doer muito de sua deshonra, e vingal-a por onde quer que poder ser, posto que elle morto seja, mórmente aquelles que teem tal honra e estado que ligeira-

mente o podem fazer. Ora, senhor, vós sabeis bem quanto ha que as gentes fallam da má fama que a rainha vossa irmã ha com o conde João Fernandes, e isto não sómente em vida d'el-rei, mas ainda agora sua má fama não cessa, nem cessará enquanto este homem fôr vivo, e sendo morto, cessará por tempo, e esqueceão as cousas. Pela qual razão todos os homens bons se deviam doer de tal cousa, mórmente vós que sois seu irmão: á uma pelas grandes mercês e grandes accrescentamentos que el-rei em vós fez; á outra por ser vossa irmã, e deshonrando assi deshonra a vós, e toda sua linhagem. E posto que eu sabia que vós isso entendeis, e que já em ello quizereis poer mão, cuidei porém de vol-o dizer, que vós podeis a ello tornar, como vossa mercê fôr, mas de mim vos digo que sendo eu quem vós sois, e podendo-o fazer como vós, que muito ha que eu não leixara passar tal cousa, pondo-me á ventura que me Deus dar quizerá.

O conde disse que bem sabia todo, que lhe guardecia sua boa vontade, e que já tempo fôra, que houvera talante de o poer em obra, mas que por entonce não havia geito azado de o poder fazer.

E falando em esto muito, disse o conde a Alvaro Paes.

— Sabeis com quem me parece que é bem que faleis esta cousa? falai com D. João, Mestre d'Aviz, que ha tamanha rasão de se doer da deshonra d'el-rei como eu, e não vejo aqui homem mais azado para fazer isto, e para travar em qualquer ardideza que lhe á mão vier, como elle.

— Muito me praz, disse Alvaro Paes, de o com elle tratar, e com qualquer outro que eu entendesse que o poria em obra: mas quando o vós fazer não

quereis, que tantos azos tendes mais que outro nenhum, duvido muito de o elle, nem outro querer fazer.

— Eu direi ao Mestre, disse o conde, como lhe vós quereis falar uma cousa de sua honra, e que por quanto vós sois embargado de dôr, e não podereis ala ir, que quando cavalgar por a villa, que venha por aqui, e vos fale, e bem creio d'elle que o queira fazer.

Ficaram n'este accordo, e espediu-se o conde, e quedou Alvaro Paes com novo cuidado para falar ao Mestre.

CAPITULO VII

Como Alvaro Paes fallou com o Mestre sobre a morte do conde João Fernandes, e do accordo em que ambos ficaram.

FALLOU o conde ao Mestre d'Aviz dizendo como Alvaro Paes havia de fallar com elle algumas cousas de sua honra e serviço, e que o fosse vêr quando cavalgasse pela villa, por quanto por azo de sua doença, não podia ir onde elle pousava.

O Mestre, por saber que era, não tardou muito em ir alá; e foi-lhe fallar a sua pousada; sendo ambos em lugar apartado, começou Alvaro Paes de arrazoar todo o que dissera ao conde de Barcellos, e a resposta de escusa que em elle achára, e que depois viera a cuidar que nenhum outro havia no reino que mais razões tivesse para o fazer que elle.

— Primeiramente disse Alvaro Paes, por vós serdes irmão d'el-rei que sua deshonra mais deve doer que outro nenhum, a segunda porque fostes por azo d'elle, e da rainha, posto em tal perigo, e prezo, como todos sabem. E que por al não fosse, senão por segurar por vossa vida, que nunca ha-de ser segura, emquanto o conde João Fernandes fôr vivo, por isso sómente o deveis fazer, ca pois el-rei agora é morto, uzarão mais de sua maldade, e receando-se de vós, que bem sabem que d'isto deveis ter mór sentido, que outra pessoa, sempre vos buscarão azo e caminho por onde vossa vida seja cedo finda. E pois que a vingança d'este feito a nenhum mais pertence que a vós, fazendo da guisa que vos eu digo, mostrareis em ello grande façanha, e muito de lembrar aos que depois vierem, em tanto que nenhuma cousa de louvor ante os homens será agora achada, que fosse igual, nem parelha d'esta.

O Mestre ouvindo suas boas e muitas razões, com grande vontade que d'ello havia, bem outorgava de o fazer, mas eram-lhe presentes taes e tão grandes duvidas, que todos os caminhos para o poer em obra, eram a elle escusos com grandes empaços, especialmente dizendo o Mestre que quem se a tal feito houvesse d'aventurar, mórmente dentro na cidade, compria ter alguma ajuda de povo, por azo do cajão que se crescer podia.

Alvaro Paes com o desejo que havia, mostrava ao Mestre serem todas as rasões tão ligeiras para o acabar, como se fosse um pequeno feito: e quanto á ajuda do povo, em que o Mestre fallou muito, respondeu elle, e disse, que se o elle fazer quizesse, que elle lhe offereceria a cidade e sua ajuda, entendendo de o fazer assim.

O Mestre, cubiçoso d'honra por sua ardente natureza e grande coração, movido por os ditos d'elle determinou de o poer em obra. O homem bom quando lhe ouviu dizer, que todavia queria poer mão em tal feito, foi tão ledo, que mais ser não poudes, e assim como chorando com prazer, se afastou d'elle um pouco olhando, e disse:

— E é isto verdade, filho senhor, que vós tão boa cousa quereis fazer?

— Certamente, disse o Mestre, sim, e não leixaria de a acabar por cousa que avir podesse.

Então se chegou a elle Alvaro Paes, e beijou-o no rosto dizendo:

— Ora vejo eu, filho senhor, a differença que ha dos filhos dos reis aos outros homens.

Começaram entonce a fallar muito como se poderia fazer e melhor azár sua morte, e porque guisas; depois de grande espaço, que em esto houveram fallando, espediu-se o Mestre e foi-se para sua pousada.

CAPITULO VIII

Como o conde João Fernandes veiu ao sahimento d'el-rei e o mestre foi ordenado por Fronteiro em Riba d'Odiana.

POR quanto dissemos do conde João Fernandes que na noite que se el-rei finou, partiu mui triggoso para seu condado receando-se áquella hora de receber damno por o que feito tinha, bem podem alguns dizer n'este ponto, como foi depois ouza-

do vir ao sahimento, onde foram juntos muitos mais senhores e fidalgos dos que eram presentes quando el-rei morreu, pois se d'alguns tanto receava, ca mui poucos eram em Lisboa á aquella sezão, que se elle finou, porque como vieram das bodas com a rainha, cada um se foram para suas terras e alcaidarias, assim como Gonçalo Vasques d'Azevedo para Santarem d'onde era Alcaide e tinha seus bens, e assim outros muitos.

Aonde sabeí que assim aconteceu que elle receando-se, e com temor veiu, e quando a rainha escreveu a todos os fidalgados que viessem ao sahimento e chegou a carta ao conde João Fernandes, sua mulher lhe contradisse muito tal vinda, pedindo-lhe por mercê que se escuzasse, cá o entendia por seu proveito, e elle não curando de seu conselho partiu para Lisboa e chegou a Santarem, e foi pousar com Gonçalo Vasques d'Azevedo, muito seu amigo, segundo mostrança de fóra, o qual o recebeu mui bem, e começou de o prasmear, porque trazia preto, e não burel como os outros, e fez-lh'o então vestir.

O conde lhe perguntou se havia de ir ao sahimento, e elle respondeu que não, dando suas coloradas escusas; mas a verdadeira, que elle suspeitava, o que depois aconteceu, e não se queria vêr em tal alvoroço, por não saber o que se havia de seguir, porém aconselhou-lhe que não fosse lá.

O conde pero se tanto receasse d'algumas pessoas, de nenhum se tanto temia em sua vontade, como do Mestre d'Aviz, irmão d'el-rei, mas este receio d'elle e dos outros, não era porém privança de falla, mas de leda conversação e mostrança de bemquerença, e se alguma cousa se receava em vida

d'el-rei D. Fernando, e muito mais quando elle morreu, agora ia já cobrando mais segura vontade, entendendo que cada um de tal feito perderia sentido por os muitos cuidados que se a todos recresciam, cobrando mundo novo.

E com esta fouteza partiu estonce de Santarem, sem crendo nenhum contrario que lhe avir podesse, des-ahi a fortuna lh'o fazia mais largo entender, que tinha ordenado de o cedo offerecer á morte, e chegou a Lisboa, aonde já achou muitos que vinham ao sahimento. E bem recebido de todos foi em grão privança agazalhado da rainha, desembargando com elle todos os desembargos do reino.

E como o sahimento foi feito, entrou logo a rainha em conselho com esses senhores por fallar nos tratos que entre os reis haviam, os quaes diziam que el-rei de Castella queria quebrar, e juntava gentes para entrar no reino.

E foi acordado por a rainha e por todos os que hi eram, que o reino se deffendesse, querendo el-rei de Castella vir a elle, e não lhe obedecessem em outra cousa, salvo n'aquellas que nos tratos era conteudo, e que pois todos alli eram juntos, que ordenassem logo as frontarias e quaes estivessem em ellas, e cada um com quantas lanças, e foi assim de feito, que foram logo partidas as comarcas, e ordenado ao Mestre as terras do Mestrado e certas villas e castellos de arredor, dando-lhe logo em escripto todos os que com elle haviam de guardar e o desembargo do soldo para elles.

CAPITULO IX

Como foi ordenada a morte do conde João Fernandes, e como o Mestre partiu de Lisboa, sem levando intenção de o matar.

BUSCADAS rasões dos que livros fizeram d'esta historia por testemunho d'aquelles que presentes foram, segundo todos pela maior parte dizem, o Mestre, como teve accordado com Alvaro de Paes de matar o conde João Fernandes, logo falou este segredo com o conde de Barcellos D. João Afonso e com Ruy Pereira e outros, os quaes lhe certificaram que seriam presentes com elle quando em ello pozesse e quizesse poer mão. E emquanto a rainha ordenava suas cousas sobre regimento e percebimento do reino, em que o Mestre porém sempre estava, ia elle muitas vezes a casa de Alvaro Paes algumas horas com o conde, e outras a departe, falar com elle sobre a morte do conde João Fernandes, e especialmente como se poderia haver ajuda do povo por sua parte.

Alvaro Paes, muito talentoso de vêr tal feito acabado, todavia lhe certificava que sim, e não que elle descobrisse a nenhum tal segredo, mas entendia, como era certo, que a não boa vontade que as gentes tinham á rainha e ao conde o faria todos demover contra elles, como vissem logar e tempo azado, e accordaram que para se todo melhor fazer que, tanto que o Mestre chegasse aos paços e começasse em esto de poer mão, que logo Gomes Freire, seu

pagem, em cima do cavallo em que andava, comesse de vir rijo pera a villa, bradando até á casa de Alvaro Paes, dizendo a altas vozes: «Que acorressem ao Mestre d'Aviz, que o matavã»; e que então se sahiria elle com os seus, em maneira de acorro, chamando quantos achasse pelas ruas, os quaes se iriam com elle de boamente como houvesse tal apellido, e que d'esta guisa juntaria toda a cidade em sua ajuda. Falando d'esta maneira e acertando de se fazer assim, foi o Mestre desembargado de todo, e dadas cartas, quejandas cumpriam, e elle espedido da rainha pera partir.

Ora aqui desvairam alguns auctores sobre a partida do Mestre, e dizem assim:

Uns contam que elle fingiu que se partiu aquelle dia, como de feito partiu, por o conde João Fernandes segurar d'elle, se algum receio tinha do Mestre, e tornar em outro dia e o achar mais despercebido e não tão acompanhado, e que Alvaro Paes se avizasse em tanto de sua parte.

Outros affirmam sua partida por outro modo, e d'este nos praz mais, dizendo que, não embargando que o Mestre ficasse com Alvaro Paes de poer em tal feito mão, da guisa que ouvistes, que elle se receou muito depois de o fazer, por estas seguintes razões:

A primeira, porque taes hi houve, com que elle falou, que se escusaram d'ello quando o houve de poer em obra, temendo-se da rainha, que tinha elrei de Castella por sua parte, que lhe podia depois azar sua deshonna e morte, salvo se foi Ruy Pereira e alguns seus do Mestre, a que elle isto descobria; des-ahi, duvidando muito o Mestre da ajuda do povo se não seguir como dizia Alvaro Paes, ou a tempo

que não prestasse, era posto em grande pensamento.

Porém, principal sobre todas era o grão aguardamento de muitos e bons fidalgos que sempre acompanhavam com o conde João Fernandes, tal como Martim Gonçalves d'Athayde, e João Affonso Pimentel, e Pedro Rodrigues da Fonseca, e Fernão Affonso de Miranda, e outros, e bem trinta escudeiros seus de cote.

Assim que cuidadas bem taes rasões, não embarcando seu ardido coração e boa vontade, foi-lhe mui duvidoso de o começar, e partiu da cidade depois de comer, e foi partir a Santo Antonio, aldeia que são d'ahi a tres leguas, sem levando já nenhuma tenção de matar o conde; e elle ahi tornou a cuidar como esta cousa fôra falada com tantos, que porventura, entonce ou depois, alguns, por cobrar graça da rainha e isso mesmo do conde João Fernandes, o podiam dizer a cada um d'elles, da qual cousa descoberta, se seguia a elle e aos seus grão cajão e perda, e, por essa guisa, a todos os que foram em tal conselho. E, cuidando bem isso, começou de crescer em elle um esforçado desejo, com firme proposito, de em outro dia matar o conde, poendo-se a qualquer aventura que aquécer podesse; e por tirar suspeita de sua tornada, chamou logo Fernão d'Alvares de Almeida, um cavalleiro da Ordem e veador de sua casa, e disse:

— «Tornae-vos logo dormir a Lisboa e fazei-me de manhã prestes de jantar, e dizei á rainha que eu entendo lá de tornar, porque me parece que não vou bem desembargado como cumpre».

E elle partiu logo e chegou alto serão á cidade, porém ainda falou á rainha e ao conde o porque

vinha, e como outro dia o Mestre havia de tornar, porque lhe parecia que não ia desembargado como cumpria. A rainha e o conde responderam «que tornasse muito embora, que elle haveria desembargo como chegasse».

CAPITULO X

Como o Mestre tornou a Lisboa e de que guisa matou ao conde João Fernandes.

EM o outro dia, pela manhã, partiu o mestre d'aquella aldeia hu dormira, e começou d'andar seu caminho, sem trigança alguma desacostumada; e no caminho dizem que descobriu o Mestre d'Aviz esta cousa a alguns dos seus, s.: ao commendador de Juromenha, e Fernão d'Alvares, e a Lourenço Martins de Leiria, e a Vasco Lourenço Meirinho e a Lopo Vasques, que depois foi commendador-mór, e a Ruy Pereira, que o foi receber; e disse a um d'elles:

— «I-vos deante quanto poderdes, e dizei a Alvaro Paes que se faça prestes, ca eu vou pera fazer aquello que elle sabe».

E o escudeiro andou á pressa e deu-lhe o recado, e tornou-se para o Mestre onde vinha; e elle trazia uma cota vestida, e até vinte comsigo, com cotas e braçaes e espadas cintas, como homens caminheiros, e chegou ao paço a hora de terça ou pouco mais, sem deter porém em outra parte. E quando descavalgou e começaram de subir acima, disseram uns aos outros, mui manso:

— «Sêde todos prestes, cá o Mestre quer matar ao conde João Fernandes.»

A rainha estava em sua camara, e donas algumas assentadas no estrado; e o conde de Barcellos seu irmão, e o conde D. Alvaro Peres, Fernão Affonso de Samora, e Vasco Peres e outros estavam em um banco; e o conde João Fernandes, que d'ante estava á cabeceira d'elles, estava entonce de gíolhos ante ella, e começava de lhe falar passamente. E em lhe sendo assim falando, bateram á porta, e o porteiro, como entrou o Mestre, quiz cerrar a porta, por não entrarem nenhum dos seus, e disse que o perguntaria á rainha, não por d'elles haver nenhuma suspeita, mas porque a rainha estava com dó, e em semelhante tempo a este, por respeito devido a sua pessoa e real estado, não era costume de nenhum entrar, salvo esses senhores, sem lhe primeiro fazer saber.

E o Mestre respondeu ao porteiro: «Quê has tu assim de dizer?» E em esto entrou de guisa que entraram todos os seus com elle, e elle moveu passamente contra onde estava a rainha, e ella se levantou e todo os outros que eram presentes. E depois que o Mestre fez reverencia á rainha, e mesura a todos, e elles a elle recebimento, com toda a cortezia que pera com taes pessoas e em taes tempos se costumava de ordinario no paço, disse a rainha que se assentasse, e falou ao Mestre, dizendo:

— «E pois, irmão, que é isso? A que tornastes de vosso caminho?»

— «Tornei, Senhora, disse elle, porque me pareceu que não ia desembargado como cumpria. Vós me ordenastes que tivesse cargo da comarca d'Antre Tejo e Odiana, se porventura el-rei de Castella quizesse vir ao reino e quebrantar os tratos d'an-

tre nós e elle; e porque aquella frontaria é grossa e de grandes senhores, assim como do mestre d'Alcantara e d'outros senhores fidalgos, e aquelles que vós assignastes pera a guardarem commigo me parecem poucos, porende tornei, pera me dardes mais vassallos pera vos eu bem poder servir, segundo cumpre a minha honra e a vosso serviço.»

A rainha disse que era mui bem, e mandou logo chamar João Gonçalves, seu escrivão da puridade, que visse o livro dos vassallos, e d'aquella comarca, e que lhe desse fé quantos e quaes o Mestre quizesse e que fosse logo desembargado de todo. João Gonçalves foi logo chamado depressa, e foi-se assentar com seus escrivães a prover o livro para desembargar o Mestre.

E em esto começaram de o convidar os condes, cada um por si, e isso mesmo o conde João Fernandes se afficava mais que comesse com elle, que os outros. O Mestre não quiz tomar o convite de nenhum, escusando-se por suas palavras, dizendo «que só tinha prestes de comer, que mandara fazer ao seu veador»; porém dizem que disse mui escusamente ao conde de Barcellos, que o não sentiu nenhum:

— «Conde, i-vos d'aqui, que logo quero matar o conde João Fernandes.»

E respondeu «que se não iria, mas que estaria ali com elle, pera o ajudar.»

— «Não sejaes, disse o Mestre, mas rogo-vos todavia que vos vades d'aqui e me aguardeis pera o jantar, cá eu, Deus querendo, tanto que esto fôr feito, logo irei comer convosco.»

A ventura, pera melhor azar a morte do conde João Fernandes, começou de lhe fazer arrecear a

vinda do Mestre, por tal guisa, que lhe poz em vontade que mandasse todos os seus que se fossem armar, e se viessem pera elle; e de qualquer geito que foi, partiram-se os seus todos do paço, assim fidalgos que o acompanhavam como os outros, e foram-se armar, pera se virem pera elle: — esta foi a razão porque elle ficou só de todos elles, e nenhum estava ahi quando elle morreu. A rainha, isso mesmo por femença nos do Mestre, vendo-os assim todos armados, não lhe aprouve em seu coração, e disse, falando contra todos:

— «Santa Maria val! Como os inglezes hão mui bom costume: que quando são no tempo da paz, não trazem armas, nem curam de andar armados, mas boas roupas alvas nas mãos, como donzellas, e quando são na guerra então costumam as armas e uzam d'ellas, como todo o mundo sabe.»

— «Senhora, disse o Mestre, é mui grão verdade, porém isso fazem elles porque hão mui a miude guerras e poucas vezes paz, e podem-n'o mui bem fazer, mas a nós é pelo contrario, ça havemos pelo miude paz e poucas vezes guerra; e, se no tempo de paz não usamos das armas, quando viesse a guerra não as poderíamos supportar.»

E falando esto e em outras cousas, chegaram-se as horas de comer; espediu-se o conde de Barcellos e des-ahi os outros, ca aos mais d'elles dava a vontade aquello que se depois fez. Ficando assim, o conde João Fernandes agastava-se-lhe o coração, e tornou a dizer ao mestre:

— «Vós, senhor, todavia, comer-heis commigo.»

— «Não comerei, disse o Mestre, ca tenho feito de comer.»

— «Sim, comereis, disse elle, e emquanto vós fa laes irei eu mandar fazer prestes.»

— «Não vades, disse o Mestre; eu vos hei de falar uma cousa ante que me vá, e logo me quero ir, ca é já horas de comer.»

Entonce se despediu da rainha e tomou o conde pela mão, e sahiram ambos da camara a uma grande casa que era dante, e os do Mestre todos com elle, e Ruy Pereira e Lourenço Martins mais acerca; e chegando-se o Mestre com o conde acerca de uma fresta, sentiram os seus que o Mestre lhe começava de falar passo, e estiveram todos quedos, e as palavras foram entre elles tão poucas, e tão baixo ditas, que nenhum por entonce entendeu quejandas eram, porém affirmam que fôra d'esta guiza:

— «Conde, eu me maravilho muito de vós serdes homem que eu bem queria, e trabalhades vós de minha deshonra e morte!»

— «Eu, senhor?! disse elle. Quem vos tal cousa disse mentiu-vos mui grão mentira.»

O Mestre, que mais tinha em vontade de o matar que de estar com elle em razões, tirou logo um cutello comprido e enviou-lhe um golpe á cabeça; porem, não foi a ferida tamanha que d'ella morrera se mais não houvera. Os outros todos, que estavam d'arredor, quando esto viram, lançaram logo a espadas fóra, para lhe dar, e elle, movendo para se acolher á camara da rainha, com aquella ferida, e Ruy Pereira, que era mais acerca, metteu entonce um estoque d'armas por elle, de que logo cahiu em terra morto. Os outros quizeram-lhe dar mais feridas, e o Mestre disse que estivessem quedos, e nenhum foi ousado de lhe mais dar.

E mandou logo Fernão d'Alvares e Lourenço Martins que fossem cerrar as portas, que não entrasse ninguém, e dissessem ao seu pagem que fosse á pressa pela villa bradando: «Que matavam o Mestre»; e elles fizeram-n'o assim. E era o Mestre, quando matou o conde, em idade de vinte e cinco annos, e andava em vinte e seis, e foi morto a 6 dias de dezembro, era já escripta de 421.

CAPITULO XI

Do que a rainha disse por a morte do conde, e d'outras cousas que hi avieram

LEIXEMOS o pagem ir hu lhe mandaram e vejamos em tanto que se fez no paço da rainha: onde assim foi que os estrupos e voltas que todos fizeram, quando o conde foi morto, soaram rijamente na camara onde ella estava, que era muito perto, e taès hi houve que pensaram que eram alguns que não vieram com tempo ao saimento, e chegaram entonce e faziam dó.

A rainha, espantada da volta, levantou-se em pé, não sabendo que cuidar, e disse que vissem que era aquello; os outros á pressa olharam por entre as portas, e disseram que o conde João Fernandes era morto. A rainha, quando esto ouviu, houve grão temor, pero disse:

— «Oh! Santa Maria val! Me mataram em elle um bom servidor, e sem n'o merecer, ca o mataram bem sei porque. Mas eu prometto a Deus que me vá de manhã a S. Francisco, e que mande hi fa-

zer uma fogueira, e hi farei taes salvas quaes nunca mulher fez por estas cousas!» — o que ella tinha mui pouco em vontade de fazer.

Os outros que hi estavam, assim homens como mulheres, quando esto ouviram, cuidaram áquella hora ser todos mortos, que não ousavam de fugir pelas portas, mas fugiam pelas janellas e d'elles pelos telhados, outros por degraus não contados, e assim cada um por hu melhor podia. João Gonçalves, escrivão da rainha, que estava vendo o livro dos vasallos, quando esto viu, começaram de fugir, elle e os seus, cada um por hu melhor azado achava.

O Mestre moveu d'ali pera um grande eirado muito acerca, e a rainha começou de dizer:

— «Vão perguntar ao Mestre se hai eu de morrer».

E foram-lhe a perguntar, a grão medo, e elle respondeu muito mansamente:

— «Dizei lá á rainha, minha senhora, que Deus me guarde de mal, e que assossegue em sua camara e não haja nenhum temor, ca eu não vim aqui por empécer a ella, mas por fazer esto a este homem, que m'o tinha bem merecido.»

E foram-lhe com esta resposta, e ella disse:

— «Pois assim é, dizei-lhe que me desembargue meus paços,» — ca ella não via hora que se o Mestre partissem, porque não era segura de sua vida emquanto elle ali esteve.

E, em tornando Lourenço Martins d'onde fôra a cerrar as portas, viu estar uma somma de prata ante a cosinha, em uma meza, e tomou-a toda e lançou-a na aba, e levou-a ao Mestre e disse:

— «Digo, senhor, já vos aqui tendes pera a despeza d'hoje».

O Mestre lhe respondeu asperamente, que tor-

nasse a prata onde a achara, ca elle não viera ali por aquello, mas por fazer o que tinha feito; e Lourenço Martins feze-o assim.

Os fidalgos que acompanhavam o conde e os que com elle vinham, não sabendo parte do que o Mestre tinha feito, vinham já todos armados para o paço da rainha; e, vindo muito acerca d'elles a volta da gente que começava já de ferver pela rua, e alguns que sahiram de dentro e lhe disseram que não fossem lá, que o conde era já morto e as portas cerradas, e que as gentes eram tantas, que vinham contra os paços, segundo diziam, que se lá fossem que não escaparia nenhum d'elles e veriam des-ahi mau pesar. Tornaram-se entonce pera hu vieram, e cada um trabalhou de se poer em salvo, receando-se que todos os que eram da parte da rainha e do conde fossem mortos áquella hora.

CAPITULO XII

Do alvoroço que foi na cidade, cuidando que matavam o Mestre, e como alá foi Alvavo Paes e muitas gentes com elle.

O pagem do Mestre, que estava á porta, como lhe disseram que fosse pela villa, segundo já era percebido, começou d'ir rijamente e ao galope, em cima do cavallo em que estava, dizendo a altas vozes, bradando pela rua: «Matam o Mestre! Matam o Mestre nos paços da rainha! Acorrei ao Mestre, que o matam!» E assim chegou a casa de Alvaro Paes, que era d'ali um grande espaço. As gentes

que esto ouviram, sahiam á rua, vêr que cousa era, e, começando de falar uns com os outros, alvoroçaram-se nas vontades e começavam de tomar armas, cada um como melhor e mais azinha podiam.

Alvaro Paes, que estava já prestes e armado, com uma coifa na cabeça, segundo usança d'aquelle tempo, cavalgou logo á pressa, em cima de um cavallo que annos havia que não cavalgara, e todos os seus creados com elle, bradando a quaesquer que achava, dizendo: «Acorramos ao Mestre, amigos! Acorramos ao Mestre, ca filho é d'el-rei D. Pedro!» E assim bradavam elle e o pagem, indo pela rua.

Soaram as vozes do arruido pela cidade, ouvindo todos bradar que matavam o Mestre, e, assim como viuva que rei não tinha, e como se lhe este ficasse em loge de marido, se moveram todos com mão armada, correndo á pressa para hu diziam que se esto fazia, pera lhe dar vida e escusar morte. Alvaro Paes não quedava de ir pera alá, bradando a todos: «Acorramos ao Mestre, amigos! Acorramos ao Mestre, que o matam sem porque!»

A gente começou de se ajuntar a elle, e era tanta que era extranha cousa de vêr; não cabiam pelas ruas principaes e atravessavam logares escuzos, desejando cada um de ser o primeiro; e perguntando uns aos outros «quem matou ao Mestre?» não minguava quem responder «que o matava o conde João Fernandes, por mandado da rainha. «E por vontade de Deus, todos feitos de um coração com talante de o vingar, como foram ás portas dos paços, que eram já cerradas, ante que chegassem, com espantosas palavras, começaram de dizer: «Hu matam o Mestre? Que é do Mestre? Quem cerrou estas portas?»

Ali, eram ouvidos brados de desvairadas maneiras. Taes haviam que certificavam que o Mestre era morto, pois as portas estavam cerradas, dizendo que as britassem pera entrar dentro, e veriam que era do Mestre ou que cousa era aquella; d'elles bradavam por lenha e que viesse lume, pera pôrem fogo ás portas e queimarem o trédor e a aleivosa; outros afficavam pedindo escadas pera subir acima, pera verem que era do Mestre. E em todo esto era o arruido tão grande que se não entendiam uns aos outros nem determinavam nenhuma cousa. E não sómente era isto á porta dos paços, mas ainda a redor d'elles, por hu homens e mulheres podiam estar: uns vinham com feixes de lenha, outros traziam carqueja para accender o fogo, cuidando queimar o muro dos paços com ella, dizendo muitos doestos contra a rainha.

De cima, não faltava quem bradar que o Mestre era vivo e o conde João Fernandes morto; mas esto não queria nenhum crer, dizendo: «Pois se vivo é, mostrae-nol-o.»

Então os do Mestre, vendo tão grande alvoroço como este, e que cada vez se accendia mais, disseram que fosse sua mercê de se mostrar áquellas gentes, d'outra maneira poderiam quebrar as portas ou lhe poer fogo, e entrando assim dentro por força, não lhe poderiam depois tolher de fazer o que quizessem. Ali se mostrou o Mestre a uma grande janella que vinha sobre a rua onde estava Alvaro Paes e a mais força da gente, e disse: «Amigos, apacificae vos, ca eu vivo e são sou, a Deus graças.»

E tanto era a torvação d'elles e assim tinham já em crença que o Mestre era morto, que taes havia hi que aporfiavam que não era aquella, porém conhe-

cendo-o todos claramente houveram grão prazer quando o viram, e diziam uns contra outros : «Oh! Que mal fez, pois que matou o trédor do conde, que não matou logo a aleivosa com elle ! Crêdes em Deus : inda lhe ha de vir algum mal por ella. Olhae, olhae e vêde que maldade tão grande : mandarem-n'o chamar onde ia já de seu caminho, pera o matarem aqui por treição! Oh! Aleivosa! Já nos matou um senhor e agora queria matar outro! Leixae-a, que ainda ha de acabar mal por estas cousas que faz.» E sem duvida, se elles entraram dentro, não se escusara a rainha da morte, e fôra maravilha quantos eram da sua parte e do conde poderem escapar.

O Mestre estava á janella e todos olhavam contra elle, dizendo : Oh! Senhor, como vos queriam matar por treição, bento seja Deus, que vos guardou d'esse trédor! Vinde-vos, dae ao démo esses paços, não sejaes lá mais.» E em dizendo esto muitos choravam com prazer de o vêr vivo.

Vendo elle entonce que nenhuma duvida tinha em sua segurança, desceu a fundo e cavalgou com os seus, acompanhado de todos os outros, que era maravilha de vêr, os quaes, mui ledos ao derredor d'elle, bradavam dizendo : «Que nos mandaes fazer, senhor? Que quereis que façamos?» E elle respondia adur, podendo ser ouvido: «que o agradezia muito e que por entonce não havia mais mister d'elles.»

E assim encaminhou pera os paços do almirante, hu pousava o conde João Affonso, irmão da rainha, com que havia de comer. As donas da cidade, por a rua por onde elle ia, sahiam todas ás janellas com prazer, dizendo a altas vozes: «Mantenha-vos Deus, senhor! Bento seja Deus, que vos guardou de ta-

manha treição qual vos tinham bastecida!» — ca nenhum por entonce podia outra cousa cuidar.

E indo assim até á entrada do Rocio, e o conde vinha com todos os seus e outros bons da cidade, que o guardavam, assim como Affonso Eannes Nogueira e Martim Affonso Valente e Estevão Vasques Philippe e Alvaro do Rego e outros fidalgos; e quando viu o Mestre ir d'aquella guisa foi-o abraçar com prazer e disse: «Mantenha-vos Deus, senhor! Sei que vos tirastes de grande cuidado, mas vós mereceis esta honra melhor que nós. Andae, vamos logo comer.» E assim foram pera os paços hu pousava o conde.

E, estando elles pera se assentar á meza, disseram ao Mestre como os da cidade queriam matar o bispo, e que faria bem de lhe ir acorrer; e o Mestre quizera alá ir. Disse entonce o conde:

— «Não cureis d'isso, senhor. Se o matarem, quer o matem quer não, minguará outro bispo portuguez que vos sirva melhor que elle?»

Ao dito do conde cessou o Mestre de sua boa vontade, e o bispo foi morto d'esta guisa que se segue.

CAPITULO XIII

Como o bispo de Lisboa e outros foram mortos e lançados da torre da Sé a fundo.

SENDO toda a cidade occupada com este alvoroço, e vindo commummente por junto com a Sé, foram alguns lembrados que, indo por ali com Alvaro Paes, que bradaram aos de cima que repicassem, e que repicando em S. Martinho e



nas outras egrejas, que na Sé não quizeram repicar, e souberam que o bispo era em cima e que mandara cerrar as portas sobre si; e porque era castellão, disseram logo que era da parte da rainha e do conde, e que elle fôra sabedor da treição e morte que quizeram dar ao Mestre, e que por aquello não repicaram, assacando contra elle estas e outras más suspeitas que não minguava quem as affirmar. E ficou logo ali grão parte do povo á Sé, com brava sanha, por haver á pressa entrada na Sé e filharem logo do bispo vingança.

O bispo era natural de Zamora, e havia nome D. Martinho, e sendo bispo do Algarve houvera o bispado de Lisboa por Gonçalo Vasques, licenceado em degredos, e lh'o ganhou do papa Clemente, por haver o priorado de Guimarães. Este bispo era grande lettrado e bom ecclesiastico, e regia mui bem sua egreja, morando em cima da crasta d'ella, por continuadamente vêr as horas e divinos officios, e ali tinha em vontade de mandar fazer casas pera morarem todos os conegos, pera haver azo de melhor servir.

E sendo elle comendo aquelle dia, o priol de Guimarães com elle, que havia um anno e mais que o não vira, senão então, ouviram grão volta no paço da rainha, que era hi acerca, e carpinha de mulheres, com grandes vozes de gentes pelas ruas de redor bradando todos «que matam o Mestre.» O bispo, ouvindo tamanha volta, e cada vez era mais, bem cuidou que não era feito leve, e, por segurança de qualquer cousa que avir pudesse, leixou a meza a que estava e desceu-se por uma escada a fundo á crasta, elle e o priol de Guimarães e um tabellião de Silves, que esse dia chegara por recadar com

elle. Com esses dois convidados e com alguns seus com elles, se foi o bispo á mais alta torre da Sé, onde estavam os sinos, mandando primeiro fechar aos de dentro todas as portas da egreja.

E quando Alvaro Paes por ali passou á ida bradaram aos de cima, como dissemos, que repicassem, e o homem bom não sabia que volta era aquella; des-ahi, porque o dar da campana em tal egreja era azo de grande alvoroço da cidade, duvidou muito de o fazer.

E elles, quando viram que não repicaram na Sé, e que o bispo d'aquella guisa estava na torre e as portas da egreja fortemente cerradas, que as não podiam tão azinha quebrar, houveram escadas e entraram por uma fresta, e foram mui á pressa abertas, e entraram entonce quantos quizeram, sendo muito poucos, em respeito dos que estavam fóra. E a commum voz de todos era que fossem acima vêr quem estava na torre, e porque não repicara, como nas outras egrejas; e se fosse o bispo que o deitassem a fundo.

Silvestre Esteves, homem honrado, procurador da cidade e alcaide pequeno d'ella, e outros, subiram por uma estreita escada que anda a de redor, porque não ia mais que um ante outro, nem podia ninguem entrar a torre emquanto a de cima defender quizessem. O bispo, vendo como era castellão, e de nação a elles contraíra, receava muito em tal união (e todo sizudo deve recear), e não lhe dava logar que entrassem, porém, vendo-se sem culpa, des-ahi tal pessoa ecclesiastica, segurando-o elles porém primeiro, e osquecom elle estavam, houveram entrada acima; e perguntando-lhe porque não mandara dar á campana, pois aquellas gentes bra-

davam que repicasse, e elle se escusou por suas mansas e boas razões, de geito que todos foram contentes.

A secca sanha, que em taes feitos nenhuma razão esguarda, começou tanto de dar nos entendimentos do povo que á porta principal da egreja estava, que começaram de bradar, altas vozes, aos de cima, «que estavam fazendo que não deitavam o bispo a fundo», dizendo: «Guardae-vos, não vamos nós lá, ca se nós imos todos vós haveis d'ir a fundo com elle.»

Os de cima, que vontade não tinham de lhe fazer mal nem nojo, era-lhe muito grave de fazer, a uma, por ser bispo, e mais seu prelado; des-ahi, por a segurança que lhe haviam feitas não sabiam que fizessem.

A sanha trigava os corações, e com mencoria começaram de bradar, olhando todos pera cima, dizendo: Que tardada é essa que vós lá fazeis, que não deitaes esse trédor a fundo? Já vos tornastes castellãos com elle? De mais se vos peitou que o não deitasseis, e sois já todos de um accordo? Então começaram todos de jurar que se o não deitassem iam acima, que todos viessem a fundo com elle.

E porquanto todo o temor é justo, por que homem pode vir á morte ou acerca d'ello, houveram d'esto tão grão receio, que logo o bispo foi morto com feridas, e lançado á pressa a fundo, onde lhe foram dadas outras muitas, como se ganhassem perdoança, que sua carne já pouco sentia. Ali o desarmaram de toda a vestidura, dando-lhe pedradas, com muitos e feios doestos, até que se enfadaram d'elles os homens e os cachopos, e foi roubado de quanto havia.

Similhantermente, foi lançado a fundo aquelle priol de Guimarães, seu convidado, por um escudeiro que lhe mal queria: subindo acima com os do conselho, e viu tempo azado pera o matar, e, buscando-o pela torre, achou-o escondido e matou-o, e não tendo ninguem sentido da morte d'elle, porque estavam com o bispo. Nem o vendo como levar d'ali, deitaram da torre a fundo o coitado do tabellião, que tão pouca culpa havia, como os outros: começaram de o trazer a fundo e de o doesttar e empuxar, dizendo que, com o bispo estava, bem sabia parte d'aquella treição; e tantas lhe deram de punhadas até que lhe começaram de dar feridas, e mataram-n'o; e assim mataram todos tres, e outros fugiram.

E jouveram ali aquelle dia e á noite o priol e o tabellião, e em esse dia algumas pessoas refeces lançaram ao bispo, onde jazia nu, um baraço nas pernas, e, chamando muitos cachopos que o arrastassem, e ia um rustico bradando deante: «Justiça que manda fazer Nosso Senhor o papa Urbano VI a este trêdor, scismatico, castellão, porque não tinha com a Santa Madre Egreja.» E assim o arrastaram pela cidade, com as vergonhosas partes descobertas, e o levaram ao Rocio, onde o começaram de comer os cães, que o não ousavam nenhum soterrar; e sendo já d'elle muito comesto o soterraram em outro dia, ali no Rocio. E os outros dois foram depois soterrados, por tirarem fedor d'ante sua vista.

E posto que algumas pessoas taes coisas parecessem mal e deshonestamente feitas, nenhum era ousado de dizer o contrario.

CAPITULO XIV

Como o Mestre, depois que comeu, foi pedir perdão á rainha, e das rasões que foram faladas.

DEPOIS que o Mestre e o conde houveram comido, segundo dissemos no capitulo antes d'este, veio-se pera elles o conde D. Alvaro Peres de Castro e Ruy Pereira e outros bons fidalgos, e o Mestre falou com os condes, dizendo que elle entendia que fizera grão desprazer á rainha em matar o conde em seus paços, e que lhe parecia que era bem de lhe ir perdão, se o elles por bem houvessem. E accordado por todos que era bem, cavalgaram á tarde pela villa e foram-se ao paço da rainha, e ella estava em sua camara, coberta de dó, segundo havia em costume; e entrando elles pela porta fizeram-lhe sua reverencia, e ella alçou-se a elles; e os do Mestre, como os condes entraram, assim foram elles todos dentro, de volta, armados como andavam.

A rainha, quando os assim viu entrar, disse contra elles, como queixosa :

— «Ah! Santa Maria val! Que desmesura é ora essa, ou que entrada de camara? E como? Todos nos havemos de ser em conselho?»

E elles calaram-se e não disseram nada, leixando-se estar quedos; e ella, quando isso viu, disse:

— «Andar, pois ora a Deus assim apraz; estae em boa hora».

E tornou-se a assentar em seu estrado, e disse

aos condes que se assentassem ; e o Mestre se assentou entonce, e os condes ambos, cada um de sua parte. E sendo elles assim assentados, disse o conde D. Alvaro Peres ao Mestre :

— «Senhor, dizei á rainha o porque aqui viestes, e des-ahi falaremos em al».

E então se alçou o Mestre, e poz-se em giolhos ante a rainha, e o Mestre começou de dizer :

— «Senhora, aquelle que não erra não tem de que pedir perdão, e eu, pois vos erreí, é razão que vol-o peça, como quer que Deus sobe que minha intenção não foi de vos errar, nem fazer nojo nem desprazer ; mas, porque esta cousa que eu fiz se me ázou de ser feita em vossos paços, porém vos peço por mercê que me perdoeis, ca este homem que matei não o fiz por vos fazer nojo nem deshonra, mas fiz-o por segurança de minha vida, ca entendia que emquanto elle visesse que a minha vida não seria segura ; e polo eu matar em vossos paços d'esto vos peço eu perdão, e não de outra cousa, ca a morte que lhe eu dei, Deus é sabedor de todas as cousas, sabe bem que muito ha que m'a elle tinha merecida de lh'a eu dar, mas matal-o em vossos paços isso não devera eu de fazer. E porém, Senhora, seja vossa mercê de me perdoar, e se me esta cousa perdoardes inda me chegará Deus a tempo que vol-o pague n'aquellas que vós mandardes e que eu entender por vosso serviço».

A rainha, emquanto o Mestre falou, não fez nenhum signal que lhe aprazia de suas rasões, ante, calando, mostrava triste gesto, e os outros olhando, como era razão, esperando sua boa resposta, vendo como a não dava, falou o conde D. Alvaro Peres de Castro, dizendo contra a rainha :

— «Que é isso Senhora ? Não respondeis vós ao que vos diz o Mestre ? E não lhe perdoaes ? Parece-me que vos diz bem, ca não é homem mais teudo, ainda que fosse a Deus, que, se lhe erra, pedir-lhe perdão. E, pois que vol-o elle pede, vós lhe deveis de perdoar, mórmente filho d'el-rei; e des-ahi o erro não foi ora tamanho, nem feito por tão má guisa, que vos elle móres serviços não possa fazer.»

A rainha não respondeu nada a isto. Disse então o conde de Barcellos, seu irmão.

— «Que cousa é esta, Senhora ? Porque não perdoaes ao Mestre ? Ca bem vos diz o conde ca não é homem mais teudo, ainda que seja a Deus, ca lhe pedir perdão quando erra ; e, pois vol-o elle pede e é filho de rei, sempre em todo o tempo vol-o servirá com bons merecimentos. E porém todavia perdoar-lhe, pois se tambem conhece ca em tempo estaes de lhe perdoar».

E ella, quando esta palavra ouviu, foi forçada de responder, e disse, como em som de escarneo :

— «Pera que é ora tal pedir perdão ? Ou pera que são essas rasões ? Perdoado é elle de seu, mas dizei-me ora, que lh'o acoime, vós, que sois meu irmão, parece-me que sobejo é pedir homem o que tem, e elle, pois que é perdoado, não ha por que pedir mais perdão. E porém leixemos ora isso e falemos em outras cousas que vos mais cumprem de falar».

Então respondeu o Mestre e disse :

— «Senhora, se vos a vós isso anoja, não falemos em ello mais, e d'aqui em deante falemos o que vossa mercê fôr.»

— «Falemos ora, disse ella, em como dizer todavia como el-rei de Castella queria vir a este reino, antes do tempo que é posto nos tratos.»

— «E isso, Senhora, boa cousa é de se falar, disse o Mestre. Posto que assaz já falado fosse com ello, quanto a mim, parece o que já dito hei : que vós lhe deveis enviar vosso recado e frontardes-lhe que o não faça, e elle homem de razão é, e creio que o não fará, quando lh'o vós assim mandardes requerer.»

— «E ponhamos, disse ella, que lh'o envio requerer e elle diz que o não quer fazer?»

— «Certamente, disse o Mestre, se lh'o vós enviásseis requerer, e o elle fazer não quizesse, então deveis vós de ajuntar vossas gentes e embargar-lhe sua vinda a todo vosso poder.»

A rainha começou então de se sorrir por modo d'escarneo, e disse:

— «Oh! Que boa razão essa! E hi era el-rei, meu senhor, vivo, e vós outros todos com elle, e não o podieis fazer, quanto mais agora, que elle é morto, e toda vossa esperança soterrada com elle!

Quando estas razões ouviu, o conde D. Alvaro Peres levantou-se em pé e disse:

— «Alçae-vos, senhor, e vamo-nos, ca me parece que não praz aqui com quanto nós dizemos.»

Então se levantou o Mestre e os condes, e despediram-se d'ella e foram-se. Em sahindo elles pela porta da camara, olhou ella e viu ainda jazer o conde João Fernandes morto, ali onde ficara, ali onde o Mestre o matou, e disse contra elles:

— «Ah! Santa Maria val! Que crueldade tamanha! E não haveis ora dó d'esse homem que ahi jaz assim, morto tão deshonradamente?! E sequer por ser homem fidalgo, como vós?! Havei ora d'elle dó, e fazei-o soterrar e não jaça ahi d'essa guisa.»

E elles não curaram d'isto e foram-se pera suas

pousadas. O conde João Fernandes jouve ali morto e coberto em um tapete velho, que nenhum não ousara poer em ello mão pera o soterrar. E elle jazia vestido e atacado, e um gibão vermelho e uma atabarda de fino panno preto, com alhetos e mangas; mui bem feito corpo de homem, até idade de quarenta annos. E depois que foi bem noite, mandou-o a rainha soterrar, mais escusamente que ser pode, na egreja de S. Martinho, que é logo junto; e partiu-se essa noite d'ali e foi-se para Alcaçova, pera outros paços que alá tinha.

CAPITULO XV

Como os da cidade quizeram roubar os judeus, e o Mestre os defendeu, que lhe não foi feito.

PASSADO aquelle grão arruido com que as gentes da cidade chegaram ao paço da rainha, e que o bispo foi morto da guisa que ouvis-tes, gerou-se entre elles uma união de mortal odio contra quaesquer que sua intenção não tinham, e tanto que nenhum logar era seguro áquelles que não seguiam sua opinião. Cada um dava folgança a seu officio e toda sua occupação era juntarem-se em magotes, a falar na morte do conde e cousas que haviam acontecido; des-ahi, pois el-rei de Castella diziam que vinha ao reino, que maneira se teria na defensão d'elle. E uns nomeavam o infante D. João, dizendo que a elle pertencia o reino de direito; outros diziam que não podia ser, ca era já preso em

Castella e que nunca havia de ser solto, ou que porventura o matariam por este azo; e, porque esto assim acontecera, que cumpria mais outro infante no reino, salvo o Mestre d'Aviz, que era filho d'el-rei D. Pedro, como o outro? E que este tomassem por seu rei e senhor.

Gastado aquelle dia em taes falamentos, na seguinte manhã tornaram a similhantes razões, e, contando cada um o que lhe parecia de taes feitos, nasceu entre elles um novo accordo, dizendo que era bem de roubar alguns judeus ricos da Judaria, assi como D. Judas, que fôra thesoureiro-mór d'el-rei D. Fernando, e D. David Negro, que era grande seu privado, e outros, e que d'estes poderia o Mestre haver mui grande riqueza pera supportamento de sua honra. E, falando uns com outros para o poer em obra, começou-se d'alvoraçar e juntar muito povo.

Os judeus, como esto sentiram, não curaram d'ir á rainha, mas foram-se á pressa alguns d'elles ás casas de João Miguel, junto com a Sé, onde o Mestre aquella noite dormira, e disseram ao Mestre que os da cidade se alvoraçavam para os irem roubar e matar todos, e que lhe pediam por mercê que lhe accorresse á pressa, e se não que todos eram mortos.

O Mestre dizia que se fossem á rainha, que elle não tinha ora com aquelle de fazer, e elles se afficavam cada vez mais, pedindo trigosamente acorro. Os condes D. João Afonso e D. Alvaro Peres, que estavam com o Mestre, quando viram que elle se escusava, disseram, com dó que d'elles houveram:

— «Oh! Senhor, por mercê, hi alá e ante que comecem, e não lh'o leixareis fazer, ca depois que co-

meçarem servos-hão mui maus de desviar de tal feito».

Cavallou então o Mestre, e os condes com elle, e foi-se logo lá, e quando chegou á Judaria achou grão parte dos da cidade, que se juntavam quanto podiam, e todos alvoroçados pera entrarem dentro e roubarem; e disse entonce o Mestre contra elles :

— «Que é isto, amigos ? Qne obra é esta que quereis fazer ?»

— «Senhor, disseram elles, estes trédores d'estes judeus, D. Judas e D. David Negro, que são da parte da rainha, teem grandes thesouros escondidos, e queremol-os tomar e dal-os a vós, que queremos por nosso senhor».

— «Amigos, disse elle, não queiraes esta cousa fazer, mas leixae vós a mim esse cuidado, e eu sobra ello porei remedio».

— «Senhor, disseram elles, não assim, mas nós iremos buscar os trédores onde jazem escondidos, e trazel-os-hemos a vós, e haveis todo quanto elles teem».

O Mestre, dizendo que não curassem d'aquelle, e elles todos aporfiando que sim, era-lhe grave cousa desvial-os d'esta vontade. Disseram então os condes ao Mestre :

— «Quereis bem fazer ? Parti-vos d'aqui, e ir-se-ha esta gente toda comvosco e não curarão mais d'esto que fazer querem».

E o Mestre feze-o assim, e foram-se todos com elle pela rua Nova, e, ficando poucos a poucos, desfeze-se grão parte d'aquella assuada. E alli disse o Mestre a Antão Vasques, que era juiz do crime na cidade, que mandasse apregoar da parte da rainha, sob certa pena, que não fosse nenhum tão ousado

de ir á Judaria, por fazer mal aos judeus. Elle disse que o mandaria apregoar de sua parte, mas não já da rainha, e o Mestre lhe defendeu que o não fizesse, e elle não curou em esto de sua defeza e mandou-o apregoar de sua parte.

As gentes todas, quando ouviram este pregão, muito em suas vontades, diziam uns contra os outros: «Que fazemos estando? Tomemos este homem por senhor e alcemol-o por rei». E elle ouvia estas cousas e fechava-se a sorrir, louvando muito a Deus em seu coração, que tal desejo punha no povo contra elle. Então se tornaram a elle e os condes para a Sé, e ali descavalgaram para ouvir missa.

CAPITULO XVI

Que maneira tinha a rainha D. Leonor com o Mestre e alguns outros a que não tinha bom desejo.

Os antigos que louvaram as nobres mulheres que viveram no tempo da rainha D. Leonor muito erraram em seu escrever se a não pozeram na conta das mui famosas, porque se o dom da formosura, de todos mui prezado, fez a algumas ganhar perpetual nome, d'este houve ella tão grande parte, acompanhada de aprazivel graça, que aquelle que o mais desejar podesse seria assaz descontente de sua natureza. A ella proveiu des-ahi, com esto, costumes de grande avisamento, de nenhuma cousa que a prudente mulher pertencia era ignorante; foi mulher mui inteira e de coração ca-

valleiroso, buscador de maravilhosas artes, por firmeza de seu estado. Dês que ella reinou, aprenderam as mulheres ter novos geitos com seus maridos, e as mostranças de uma cousa por outra mais perfeitamente do que se acha, nos ancianos tempos, que outra rainha de Portugal fizesse. E ella havia grandes fundamentos pera quem tinha má vontade nunca lh'o poder conhecer, e onde entendia fazer damno ázara mortaes empecimentos, com mostrança de todo o contraio.

Assim, que posto que ella tivesse ao Mestre em tão mortal odio, por a morte do conde João Fernandes, em guisa que de nenhum mal lhe podia então vir tão grão parte que a ella fôra abastada vingança, pero com tudo isso ella poude tanto com seu grande coração, a mui poucos ligeiro de fazer, que nenhuns signaes de malquerença mostrava ao Mestre de fóra, como se lhe nunca houvesse feito nenhum desprazer, mas estes poucos dias que lhe ella depois falou, estando elle na cidade, sempre suas falas e respostas eram contra elle boas, sem mostrança de mau desejo.

Ella, aos dois dias depois da morte do conde João Fernandes, quitou a Fernão Lopes, escudeiro do Mestre, a seu rogo, cem dobras, que lhe demandou a que pagasse por Lourenço Eannes, seu sogro, que fôra almoxarife d'el-rei D. Affonso. E não sómente ao Mestre, mas ainda a alguns outros que ella por tal razão má vontade tinha, nenhuma cousa dava a entender de rancor que tivesse contra elles, mas suas falas e desembargos todo era feito lédamente, com bom geito, até que visse tempo ázado de se poder vingar, segundo seu desejo.

CAPITULO XVII

Como a rainha partiu de Lisboa pera Alemquer, e que maneira teve em sua partida.

M OVIDA tal discordia, como dissemos, e trabalhando-se os seguidores d'ella por levar adeante sua opinião, foi a rainha posta em grandes pensamentos, com mistura de temor, e a ella era certa da maneira que o Mestre queria ter com ella; d'outra parte, temia-se dos moradores da cidade. Assim, que não sabia que geito tivesse por segurança de sua vida e honra; e, cuidando sobre esto muitas e mui desvairadas cousas, entendeu que a melhor e mais segura que por presente podia fazer era partir-se d'aquella cidade e ir-se para outro lugar mais seguro.

Então ordenou de se ir pera uma sua villa, oito leguas da cidade, a que chamam Alemquer, e partiu a rainha grande manhã, sendo já espaço do dia andado, com donas e donzellas, quantas havia em sua casa, e todos os seus com ella, s.: o conde D. João Affonso, seu irmão, e o mestre de S. Thiago, D. Fernão Affonso, e o almirante *mice* Lançarote, e Gonçalo Mendes de Vasconcellos, tio da rainha, e Martim Gonçalves d'Athayde, e Pero Lourenço de Tavora, e João Affonso Pimentel, e Vasco Peres de Camões, e Ayres Vasques de Alvalade, e João Gonçalves, anadel-mór, e Lourenço Eannes Fogaça; e todos os do desembargo d'el-rei D. Fernando, assim como Alvaro Gonçalves, veador da fazenda, e

Gil Eannes, corregedor; e outros muitos creados da rainha e d'el-rei D. Fernando.

E D. Judas, thesoureiro-mór que fôra d'el-rei D. Fernando, e seu veador da fazenda, com temor dos grandes aggravos que fazia ao povo com os officios que tinha, e não ousou ir de praça, assim como os outros, mas com uma funda de barrete na cabeça, com lança na mão, assim como pagem, por ser conhecido. Bernaldim e Martim Paulo Garcez, que ficaram no reino, do tempo d'el-rei D. Fernando, iam de traz com certas lanças, por guarda das azemo-las, com temor dos de Lisboa, receando que fossem depóz elles.

A rainha chegou a Alverca com trigoso andar, e d'ali partiu e foi dormir a Alemquer; e quando entrou pela porta da villa disse Gonçalo Mendes:

— «Minha Senhora, agora entendo eu bem que vós estaes segura, ca não em Lisboa.»

A rainha não respondeu a estas palavras, nem disse cousa alguma, mas não minguava dos da sua companhia, quem pelo caminho, olhando por de-traz, disse contra Lisboa: «Que mau fogo a queimasse, e que ainda a visse destruida e arada toda a bois.»

Ali esteve a rainha por dias, pousando os seus fóra e dentro na villa, a qual se não velava, nem tinha outra guarda, senão as portas abertas de dia e de noite.

CAPITULO XVIII — XIX

*Como o Mestre guisava pera se ir pera Inglaterra
e como pediu perdão a Vasco Porcalho.*

Pois que os humanaes e espritaes feitos se julgavam segundo a intenção que se d'elles segue, nenhum tenha sentido de prasmar o Mestre vendo as cousas que se depois seguiram, dizendo que elle, com desordenada cobiça de reinar ou haver outro senhorio no reino, e não por outra cousa, se moveu a matar o conde João Fernandes; e a sua vontade nunca esta foi, nem má: sómente por usar de honrosa façanha, vingando a deshonra de seu irmão. Antes poz a vida e honra em grande aventura, temendo de se fazer tal obra, despoendo de deixar o reino e o mestrado por esto, como de feito quizera fazer, porque tanto que a rainha partiu para Alemquer, e elle ficou na cidade, houve o Mestre conselho, por segurança da sua vida, se ir pera Inglaterra, vendo que lhe não convinha ficar no reino. E mandou fazer prestes todo o que cumpria para sua ida, em duas naus que jaziam ante o porto da cidade, carregadas de mercadorias dos mercadores.

E como aquelle que era discreto e comprido de toda bondade, esguardou o tempo em que havia de partir; e como era forçado de passar por lugar onde taes perigos costumam de ser, a que artificios nem resistencia humana prestava, sem humanal

ajuda d'aquelle Senhor que todas as cousas tem em governança, e, por alimpamento de sua consciencia, entre as cousas que primeiro fez, mandou chamar a Vasco Porcalho, commendador-mór de sua ordem, e contou-lhe por amiude como lhe a rainha dissera, quando fôra preso, que lhe fizera entender a el-rei D. Fernando que elle se queria ir pera Castella, pera o infante D. João, em deserviço do reino, e que portanto o mandára el-rei prender, e não por outra cousa.

— «Por a qual razão, disse o Mestre, eu vos tive tão má vontade que minha tenção foi de vos matar, e depois cuidei que a mim não vinha grande honra de o fazer, posto que vós o dissesseis, e perdi de vós toda a má vontade e queixume, de guisa que nunca vol-o dei a entender des então até agora, que commigo andaes».

Então lhe contou muitas razões porque o leixára de fazer, e disse:

— «Não embargando que eu teudo não seja de vos pedir perdão tal como este, por mór avondamento, vos rogo que aquella má vontade que eu vos então tive vos praza de me perdoar».

O commendador-mór ficou espantado, e maravi lhando-se muito de tal cousa disse:

— «Oh! Má mulher, aleivosa, comprida de toda maldade! Eu, senhor, vos tenho em mercê, por vós de mim haverdes tão grande causa, e não me quereis matar, nem fazerdes outro nojo; e agradeço muito a Deus e lhe sou muito teudo, por vos dar tão bom entendimento pera vós cuidardes a verdade da guiza que foi, e não d'outro geito; que vos juro, senhor, em minh'alma, que nunca lhe tal cousa disse nem me passou por imaginação».

Então lhe começou de jurar que nunca tal cousa dissera, nem sabia d'ello parte, e disse-lhe que fizera mui mal que lh'o não dissera depois que d'elle perdера aquelle queixume.

— «Que sêde certo, senhor, disse elle, que, se o eu soubera quando vós mataste o conde João Fernandes, que eu nunca podera ter que o não matara».

O Mestre disse que não curasse d'aquelle, ca bem cria que elle dizia verdade, e cessando esto falaram em outras cousas mais necessarias.

CAPITULO XX

Por quaes rasões os da cidade disseram ao Mestre que ficasse no reino, e o tomariam por senhor.

FAZENDO-SE o Mestre prestes para se partir e posto nos navios todas as bitalhas, e feitas as mage-douras para as bestas, eram todos os da cidade, assim os grandes como os pequenos, abalados com medrosos pensamentos. Muitas cousas lhe mostravam claros signaes de nova guerra e nenhuns podiam cuidar certamente onde taes feitos haviam de ir ter. Era inda em este tempo grão damno nos povos do reino, especialmente no de Lisboa, vendo taes cousas muito duvidosas e postas sob esperança de gram destruição da terra.

Nem os da cidade entonce ser tão seguros que sempre não fossem muito acompanhados de temor, vendo como a rainha partira tão queixosa de todos elles, por em tal guisa terem com o Mestre na morte do

conde João Fernandes. Demais, que diziam que escrevera a el-rei de Castella que logo trigosamente viesse ao reino, o qual, vindo, bem entendiam todos que não era salvo por se assenhorear d'elles, e por destruição dos que contra a rainha foram, e o mesmo na morte do bispo.

O coração de quantos hi haviam era dado a grandes pensamentos, poendo desvairados fins e mal que se de taes feitos seguir podia. Um cuidado era vêr-se ficar sem firmeza de paz por morte d'el-rei D. Fernando, pois el-rei de Castella não queria guardar os tratos segundo era conteudo, e vinha contra o reino por tomar posse d'elle, e segundo a sujeição grande em que esperavam de ser postos sob o poder dos castellãos, temendo-se ser d'elles subjugados como de seus mortaes inimigos.

D'outra parte, grande temor que da rainha haviam, sendo lembrados do grande mal que ante d'esto haviam recebido dos que contradisseram o casamento d'el-rei D. Fernando com ella. Demais entonce que não sómente foram contra a rainha em ajuda do Mestre, na morte do conde João Fernandes, mas ainda em alçando-se em deshonestas palavras e doestos, que a ella foram mui graves de supportar. Assim, que ficando á mercê da rainha, que conheciam por mui vingadora de vontade, era-lhe assaz forte cousa esperar sua execução.

Além d'esto, entendiam que vindo el-rei de Castella ao reino, entrando sanhoso dentro na cidade, assim por razão do pendão que não consentiram levar pela cidade, tomando voz por a rainha sua mulher, como por união que alevantaram contra sua sogra, que era por força receberem damno nos corpos e bens, a que contradizer não podiam. Que a quizes-

sem deixar cercar e defender-se d'el-rei de Castella isso era cousa que longamente manter não podiam, e emfim era por força ser a cidade tomada e o reino todo sujeito a Castella, ca todos esperavam que como Lisboa passasse que assim passariam todos os outros.

Outra cousa que muito afficava o povo miudo era haver na cidade grão parte de gallegos e castelãos, e muitos creados da rainha, assim por criação como por bemfeitoria e officios que lhe deram, os quaes, havendo tal caso que se defender quizessem, temiam de ser da sua parte, e de todo o ponto estorvo contra elles.

E postas todas cousas ante seus olhos, nenhum era sabedor do que havia de fazer.

CAPITULO XXI

*Das razões, que os da cidade diziam ao Mestre, por-
que se não devia de partir.*

ANDANDO o povo assim alevantado, posto em trabalho de falar em tão grandes duvidas, e, vendo no Mestre tanta auctoridade que pera os defender era pertencente, ardiam todos com cubiça de o vêr por senhor; e falando uns com os outros diziam: «Que estamos fazendo? Tomemos este homem por defensor, ca sua discrição e fortaleza é tanta que bastará pera empaxar todos os perigos que nos avir podem.»

Entonce chegaram a elle, pedindo-lhe por mercê

que os não quizesse desamparar, leixando a elles e ao reino todo, que com tanto trabalho fôra ganhado pelos reis d'onde elle vinha, em poder de castellãos ; ca elles bem certos eram que el-rei de Castella era á pressa chamado da parte da rainha, e, vindo ao reino poderosamente, era por força de se assenho-rear d'elle, se não tivesse quem o defender, e elles todos postos em mesquinha e refece sujeição. E que porém lhe pediam por mercê que se não quizesse partir, mas que ficasse na cidade, ca elles o queriam tomar por senhor, que os regesse e mandasse em toda cousa. E se porventura o infante D. João viesse, e lhe o reino pertencesse por direito, que o tomariam rei, d'outra guisa, não.

E se era assim, como todos cuidavam, que elles o tomariam por seu rei e senhor ; e que se assenho-reasse logo dos thesouros e alfandega e almazens, e todos outros direitos e cousas que pertenciam ao rei ; e que elles o poeriam em posse do castello e fortaleza da cidade ; que escrevesse cartas para todo o reino, como se esta cousa fazia, e que elles eram certos que os mais de todos teriam esta tenção, por não cahirem em poder de castellãos.

Des-ahi, com esto, diziam-lhe como por ser da sua parte na morte do conde João Fernandes, e cousas que se entonce aconteceram, eram postos em grande homisio da rainha, por cujo azo era forçado, não tendo quem se por elles poer, de receber grão damno nos corpos e nas fazendas.

Com taes cousas e com outras semelhantes, se trabalhavam todos de mover o Mestre a se não partir da cidade e ficar no reino por seu defensor, mas elle se escusava com boas e doces razões, esforçando-os quanto podia com boas e doces palavras

de conforto, que nenhum d'elles receber podiam, nenhuma cousa lhe outorgando do que lhe em tal feito iam requerer.

Elles, não embargando esto, quantas vezes o Mestre cavalgava pela villa, era assim acompanhado do commum, como se das mãos d'elle cahissem thesouros que todos houvessem de apanhar; e, seguindo-o as gentes com grande prazer, uns lhe travavam pela redea da besta e outros das fraldas das vestiduras, e, bradando todos, diziam a altas vozes que os não quizesse desamparar, mas ficasse no reino por senhor d'elles, promettendo-lhe cada um das riquezas e bens que tinham, offerecendo-lhe os corpos por seu serviço.

Elle olhava-os, rindo do que diziam; e assim chegavam com elle até onde o Mestre pousava, e desahi tornavam.

CAPITULO XXII

Da maneira que a rainha ordenou pera matar o Mestre, quando soube que queria partir-se para Inglaterra.

Não tem o odio menos sentido d'haver vingança d'aquelle que desama que o amor de trigosos pensamentos de cedo. Pouco corre quem muito deseja, e assim como onde ha muito grande amor seguirão mui desvairados cuidados por cedo per alcançar o fim de seu desejo, assim o que tem rancor de algumas pessoas não cessa pensar

desvairados caminhos com que apague azinha sua mortal sanha.

E, portanto a rainha D. Leonor, por vontade feminina, que geralmente é muito desejadora de vingança, des-ahi, uzando de um grandioso coração, de que a natureza lhe não fôra escassa, por entonce, nenhuma cousa a seu entendimento era mais representado que cuidar a miude todos os modos porque do Mestre podesse haver toda comprida emenda, e sendo certa como se elle trigava pera partir, em naus que já tinha bem abitalhadas, e se ir pera Ingraterra, e que nenhuns rogos nem preces do povo o podiam fazer reter, entendendo que a vinda d'el-rei de Castella não podia tão á pressa ser que se elle muito mais cedo por mar não partisse, e, leixado o modo da vinda d'el-rei, que determinado tinha pera d'elle ser vingada, cuidou de ordenar por outra maneira porque de morte ou posto em prisão por nenhuma guisa pudesse escapar; e foi d'este geito:

Quando ella foi certa que se o Mestre dispunha pera partir, pensou que então tinha mais prestes azo pera o haver á mão, preso ou morto, e dizem que mandou falar com os mestres d'aquelles navios, especialmente com o mestre d'aquella nau em que elle havia de ir, promettendo-lhes grandes e assignadas mercês se isto quizessem pôr em obra, s. : que como as naus fossem atravez da costa de Athouguia, que são quatorze leguas da cidade, que tivessem geito os mestres e marinheiros de se todos metter nos bateis e ir em terra, e, leixadas as naus desamparadas de mareantes, que era por força de virem á costa: e que entonce seria forçado de o Mestre ser morto ou preso. E tal maginação lhe

pareceu muito convinavel para seu proposito ser muito mais cedo acabado.

E presume-se que prouve áquelles o que foi commettido, porque, não dando ella tardança a tal pensamento, quando soube que o Mestre trigava pera embarcar e não queria ficar na cidade, falou esta cousa com Vasco Paes de Camões, e tanto afficou esta trigosa vontade que, ante que fosse certa se era partido ou não, o mandára duas vezes de Alemquer a Athouguia, com certos homens que levava comsigo, pera aguardar como se esto pozesse em obra, e lh'o trouxessem preso ali onde estava, ou certo recado como era morto.

E quando a rainha soube de certo que o Mestre ainda não partira, e que os da cidade se efficavam de toda guisa de o tomar por senhor, cessou de mandar saber novas d'esto até que soubesse se partira ou não.

CAPITULO XXIII

Das razões que Alvaro Vasques houve com o Mestre sobre sua partida pera Inglaterra.

SENDO no povo cuidado mortal, por sua segurança e defensão da terra, da guisa que tendes ouvido, não embargando que se o Mestre escusasse por suas razões a não poder ficar em o reino, as gentes porém não leixavam de o seguir, pedindo-lh'o cada dia, por mercê, que os não quizesse desamparar. E porque era publica voz e fama que se elle ia pera Inglaterra, vendo Ruy Pereira

tanto povo ao redor d'elle, bradando todos que o queriam por senhor, disse uma tal razão contra o Mestre :

— «Quereis que vos diga, senhor? Vós, dizem, senhor, que vos is pera Inglaterra, mas a mim parece que bom Londres é este.»

Entonce, um escudeiro fidalgo, que chamavam Alvaro Vasques de Goes, chamou o Mestre á parte e disse d'esta guisa :

— «Vós, senhor, dizem que ordenaes de vos partir d'aqui e vos ir pera outra terra?» O Mestre respondeu que sim.

— «Que vos move, disse elle, pera fazeres tal partida?»

— «Move-me, disse o Mestre, a vinda d'el-rei de Castella, que é certo que se vem aqui; dêz-ahi, os móres do reino teem todos da parte da rainha, a qual me quer mui grão mal, por a morte do conde João Fernandes, e sou certo que me azará todo o mal e deshonna, por hu quer que puder.»

— «Por a qual parte, disse o escudeiro, vós entendeis de partir?»

— «Entendo, disse o Mestre, de me ir pera Inglaterra.»

— «Que vida tendes lá de fazer?» disse Alvaro Vasques.

— «Entendo, disse elle, servir a el-rei na guerra que houver com seus inimigos, e ganhar aquella honra e fama que todos bons desejam percalçar.»

— «E' verdade, disse o escudeiro, eu não sei bem em esto vossa vontade, mas peço-vos por mercê que me digaes: posto que vós lá andeis quanto tempo quizerdes, e que sirvaes mui bem a el-rei, como eu entendo que vós servireis, quando enten-

dereis vós lá de cobrar outra boa cidade, por força d'armas, como a cidade de Lisboa, em que vós estaes e hu se offerecem os moradores d'ella a servir e dar quanto tem até morrer por vos ajudar? E, se vós em outra terra entendeis de servir por alcançar honra, e em feito d'armas, hu podeis vós, senhor, serviço fazer em que melhor relembração fique de vós que a terra que foi ganhada por os nobres reis de hu vós descendeis, e d'onde sois natural? Maiormente, em gente que tão de coração e vontade natural vos offerecem a sua ajuda e serviço? Em verdade, senhor, vós podeis fazer o que vossa mercê fôr, mas não seria em conselho de vos partirdes d'aqui pera outra parte, nem o entendo por vosso serviço.»

Quando o Mestre ouviu taes razões pareceram-lhe boas, e começou de cuidar, em sua ficada, por que maneira poderia em sua honra e proveito.

CAPITULO XXIV

Como Fr. João da Barroca veiu a Lisboa, e da maneira de seu viver.

AINDA que breve e mais simplesmente este capitulo pudesse ser contado, porém, satisfazendo a nosso desejo e d'alguns a que por ventura póde aprazer d'ello, sem nomear outros authores, dizemos que os modos das revelações são quatro, s.: dois corporaes e dois espirituaes, da parte d'alma.

O modo primeiro corporal é quando os olhos cor-

poraes são abertos a vêr o ceu e a terra, e outras taes consas, e esta revelação ou demonstração não é perfeita, porquanto por ella não alcançamos as virtudes das cousas que vemos. O segundo, quando vemos ade fóra cousa que tem mysterio de dentro : assim como Moysés, que viu arder o espinheiro per que se mostrava a Encarnação do Filho de Deus.

Dos outros dois espirituaes, um é quando com os olhos d'alma, allumiamento do Espirito Santo, vimos em conhecimento de alguma cousa ; outro, quando, por humanal espirito e subtileza de natural engenho, investigamos alguma cousa, a qual verdadeiramente depois sabemos : assim como foram os philosophos, que souberam os naturaes cursos dos planetas, e assim d'outras cousas.

As revelações, outrosim, são por cinco modos, s. : sonho, visão, coração, non sonho, phantasma ; e estes dois modos postumeiros algumas vezes veem por inchamento de estomago, outras por mingua de vianda, outras por amor de alguma pessoa a que grande bem queremos, outras vezes por grão temor, outras por azo de profundo pensamento, de humor merencolico, e ás vezes por engano de Satanaz, que se transfigura em anjo de luz ; de guisa que estes dois modos postumeiros nenhum pode dar interpretação que certa seja.

Ao coração, é quando a algum homem de boa vida parece o Senhor Deus, ou algum anjo, e lhe dizem, elle ou outra pessoa. Visão é quando homem aquillo que viu em sonhos vê depois claramente por vista, assim como o sonho que viu Pharaó, das vacas e das espigas, e declarar por si não souber, e ha mister que lh'o interpretem, como foi o sonho do copeiro d'el-rei Pharaó.

Ora se por algum d'estes modos sobreditos, ou por outros que aqui não pomos, aconteceu a vinda de Fr. João, a que depois chamaram da Barroca; d'isto não havemos mais conhecimento salvo quanto achamos escripto, que contam d'elle algumas historias, dizendo que, ante por tempo que o Mestre matasse ao conde, vivia um bom homem devoto em Jerusalem em vida emparedado e era castellão. A este veio em revelação que se viesse ao porto de Jaffa, e que ali acharia uma nau prestes, que vinha pera Portugal, á cidade de Lisboa, e que entrasse em ella e aportaria ali.

O homem bom se sahiu da cella onde vivia, e chegando áquelle porto achou uma nau prestes, como lhe fôra dito, e entrou logo em ella, e encaminhou Deus sua viagem de guisa que chegaram áquella cidade, onde elle nunca fôra. E como foi noite disse que o levassem a uma alta barroca, ácerca do mosteiro de S. Francisco d'esse logar, onde havia uma pobre casa bem pequena, e que lhe cerrassem a porta, salvo uma mui estreita janella que ficasse por vista, e que Deus o proveria ali do que necessario fosse.

Fizeram-n'o assim aquelles que d'esto tomaram cuidado, e foi encerrado em aquelle logar. E, vivendo ali o homem bom em aspera e apertada vida, começaram as gentes de vêr em elle tal devoção, visitando-o com suas esmolas, de que elle pouco tomava, que todos o haviam por santo, e que Deus lhe revelava muitas cousas que eram por vir; e alguns iam tomar com elle conselho, por saude de suas almas e fazenda.

CAPITULO XXV

Como o mestre fallou com Fr. João da Barroca, e da resposta que lhe elle disse.

PORQUE dos entendidos é requerer conselho, e os grandes feitos não encaminhar por seu proposito, teve o Mestre que era bem, não embargando o que lhe dissera Alvaro Vasques e Ruy Pereira e outros, de se aconselhar com espirituaes pessoas, pois a tal cargo, que lhe diziam que tomasse, não sómente cumpria haver ajuda das gentes, mas ainda as orações e preces dos bons, e ajuda de Deus e sua graça.

E pela grande nomeada que pela cidade havia d'este Fr. João da Barroca, assim de sua honesta vida como de bons conselhos que dava a alguns que o iam visitar, foi o Mestre falar com elle; e esta fala dizem alguns que foi a requerimento do homem bom, com o qual falara Alvaro Paes, fazendo-lhe queixume como se o Mestre queria ir, e que elle lhe disse que todavia aconselhasse ao Mestre que não partisse, ca a Deus prazia de elle ser regedor d'esta terra e senhor d'ella.

Outros contam que o Mestre se moveu a lhe ir falar por haver d'elle algum proveitoso conselho em seu feito.

E ora de qualquer guisa que seja, o Mestre foi a elle e contou-lhe toda sua fazenda e quanto lhe aviera com o povo da cidade, dizendo como se todos afficavam de o tomar por senhor e que se não

fosse fóra do reino, dê-s-ahi, todas as outras rasões que com muitos elles houvera, aconselhando-lhe todavia que ficasse; mas que elle não via nenhum caminho como se esto podesse fazer a seu salvo, nem do povo da cidade, porque el-rei de Castella vinha mui poderosamente ao reino, e os mais das villas e logares tinham já voz d'elle; que pera tal defensão como aquella cumpria ajuda de muitas gentes e grão somma de dinheiros para despeza do soldo; dê-s-ahi, o castello da cidade, que era contra elle, ser logo tomado, que seria mui grave de fazer tão á pressa.

Assim que estas e todas as outras contrarias razões, que o Mestre entendeu que tal feito embargar podiam, contou pelo miude ao homem bom, e elle a todas respondeu de guisa que o Mestre folgou muito com sua resposta, poendo-lhe grande esforço em elle, dizendo-lhe todavia que se não fosse do reino e começasse de seguir seu feito com ardideza de coração, e a Deus prazia de elle ser rei e senhor d'elle, e seus filhos depois da sua morte; e que pera tomar o castello da cidade fizesse um artificio de madeira que chamam *gata*, e que logó sem muita detença, seria tomado, com mui poucas gentes.

O Mestre, quando esto ouviu, maravilhando-se das palavras do homem bom e começando de cobrar esforço, partiu-se entoncez d'ante elle, assaz cuidadoso de sua fazenda.

CAPITULO XXVI

Como foi accordado de enviar á rainha commetter casamento com o Mestre, e segurança pera os da cidade.

Não convem calar, posto que poucos livros d'esto façam menção, a maneira que o Mestre teve, depois que falou com fr. João aquella vez e outras algumas, em razão de sua partida ou ficada, porque, cuidando elle o proseguimento de tantos trabalhos e cuidando como cumpria a tal feito, mandou chamar Alvaro Paes e alguns outros da cidade, que lhe sobre esto haviam falado, e disse que, pensando elle no que lhe por vezes disseram, em razão de sua ficada em o reino, duvidou em ello muito, e que via tantos contrairos que esta cousa não poderia ir ávante com sua honra e proveito d'elles; que sempre duvidara muito de o fazer, por que cuidassem bem em ello, que não era cousa pera começar assim de ligeiro, e que, se alguma boa maneira podessem achar ácerca do que começar queriam, que elle prestes era pera o pôr em obra, e d'outra guisa melhor seria não começar e buscar-lhe outro remedio.

E falando sobre esto perlongados sermões, vieram alguns a cuidar que por esquivarem similhante damno qual aviera ao reino no tempo d'el-rei D. Fernando, com guerras; dê-s-ahi, por esta cousa ser melhor e mais proveitosamente feito, que era bem que o Mestre cazasse com a rainha D. Leonor, di-

zendo que ella havia d'haver o regimento do reino por certos annos, segundo nos tratos era conteudo, e que em tanto poderia ser que haveria el-rei de Castella filho da rainha D. Beatriz, o qual havia de ser trazido ao reino e creado em elle, como nas avenças fôra outorgado; e que elle com a rainha seria regedor todo aquelle tempo, e quando viesse aquella sezão que elle houvesse de reinar que ficaria o Mestre governador d'el-rei e o mór do reino e de seu conselho; e d'esta guisa seria a terra em assossego e paz, e elles seguros da parte da rainha, pela união que alevantaram contra ella; e que o papa, vendo quanto bem se de tal cousa seguia, que ligeiramente dispensaria com elles que podessem ambos casar.

Foi esta cousa dita ao Mestre e posta em conselho perante aquelles com que o rasão tinha de o fazer, e foi determinado que era proveitoso por estas rasões que ditas havemos e outras muitas que alguns assignavam, dizendo que era bem de ser commettido, e veriam que resposta davam a ello; e ordenando quem lá houvesse de ir acharam que era bem enviar sobre esto Alvaro Gonçalves Camello, que foi depois priol do Esprital, e Alvaro Paes, cidadão, de quem em cima é feita menção, os quaes, chegando a Alemquer, receberam d'ella grande e infindo gasalhado, fingido, especialmente Alvaro Paes, a que ella mór mal queria. E falando á rainha sobre aquello a que eram enviados, não se ordenou com elles, em feito de casamento; quanto á segurança dos moradores da cidade, pela união que alevantaram contra ella, dizem alguns que teve este geito: como era prudente mulher e sages, viu que, não lhe dando segurança que o povo requeria, que

como todos andavam alevantados que se poderia seguir mais peor, e ella entonce não teria azo de se vingar d'elles, segundo desejava, e porém em ello duvidava, fingiu que commungava de uma hostia, a qual affirmam que não era sagrada, e deu-lhes duas cartas de seguro, pera se partirem.

Ora assim aveiu que, depois que a rainha foi em Alemquer, como dissemos, começaram de falar perante ella esses fidalgos, e outros que presentes eram, sobre o que a cada um ficara na cidade, de que se mais doia, mostrando os taes quanto lhe pezava de o assim perderem. A rainha, ouvindo falar em esto, disse contra os outros:

— «Quanto a mim, não me peza de outra cousa, que me lá ficasse, como do barcinete e da cota de Alvaro Paes, com o saião.»

Disseram elles:

— «Que tão boas armas são essas, que vós não podeis haver outras tão boas por dinheiro?»

— Não me dariam, disse ella, outras taes por nenhum dinheiro, e, se me alguém estas dêsse á mão, eu lhe daria por ellas quanto me pedisse.»

E, maravilhando-se todos que armas poderiam taes ser, souberam que o dizia por Alvaro Paes, ca era calvo, e por a cota da cabeça. Alguns que lhe esto ouviram foram dizer a Alvaro Paes, e trabalhou de se partir mais á pressa, e encaminharam pera Lisboa. E antes que se partisse de Alemquer, disse o conde João Affonso a um escudeiro, cazado em Lisboa, com quem havia conhecimento, que ia em companhia dos embaixadores: «Que bem via como Castella era contra Portugal, e Portugal contra si mesmo, e que bem devia entender que tal sandice qual levantavam dois sapateiros e dois al-

faiates, querendo tomar o Mestre por senhor, que não era cousa para ir adeante, e que portanto, ao menos por segurança de seus bens, que leixasse a cidade e se fosse pera elles.»

— «Nunca tal vistes, disse o escudeiro; quando cá estou, parece-me que é assim como vós dizeis, e depois que lá sou similha-me que todos não valeis nada, e que quanto me falaes que tudo é vento.»

CAPITULO XXVII

Como o Mestre outorgou de ficar por regedor e defensor do reino, e do que foi falado na camara da cidade sobre sua ficada d'elle.

EMQUANTO Alvaro Gonçalves e Alvaro Paes foram enviados a Alemquer, alvoroçaram-se as gentes da cidade sabendo que el-rei de Castella se vinha chegando ao reino, e disseram uns contra os outros: «Que temos de fazer com enviar recado á rainha, nem poer em esto mais longa tardança? Vamos ao Mestre e peçamos-lhe affincadamente que seja sua mercê em toda guisa tomar cargo d'esta cidade e reino, e nós o serviremos com os corpos e haveres, e lhe daremos tudo quanto temos. E assim farão todos os outros do reino que verdadeiros portuguezes forem, e não curemos mais enviar recado á rainha, nem da resposta que lhe ha de mandar».

Entonce, o commum povo livre, e não sujeito a alguns que o contraíro d'esto sentissem, lhe pediram

por mercê que se chamasse regedor e defensor dos reinos, e elle, vendo seus grandes desejos, des-ahi o conselho de Fr. João e dos outros que lhe sobre esto haviam falado, outorgou de o fazer, com tanto que elles se juntassem todos aquelle dia no mosteiro de S. Domingos, pera haver de falar o que sobre ello entendia de fazer, em razão da sua ficada, porquanto eram requeridos, e elles disseram que lhe aprazia muito.

Juntos esse dia muito povo da cidade em aquello mosteiro, propoz o Mestre como se entendia partir do reino, e as razões porque, como já dissêmos; des-ahi, como lhe fôra requerido muitas vezes por elles quê todavia ficasse por seu defensor, e que elle se escusára d'ello por certas razões que lhe logo assignou; mas, pois se elles tanto afficavam e affirmavam que todavia não partisse e ficasse na cidade, que elle, por serviço e honra do reino, determinava em sua vontade de ficar, comtanto que elle estivesse em maneira de o servir e supportar em aquella honra e estado que cumpria por defensão do reino. Elles, a uma voz, não esperando que falasse um por todos, mas todos quantos hi eram juntos, altamente disseram que lhe prazia de o servir e ajudar com os corpos e haveres, até morrerem todos ante elle. E o Mestre respondeu-lhe entonce que pois elles assim diziam, de tomar cargo e ser seu defensor, e poer o corpo a qualquer aventura, por honra do reino e sua defensão d'elles, o faria.

Quando o Mestre outorgou d'esta guisa ter cuidado e regimento do reino, toda a tristeza foi fóra das gentes e seus corações não deram logar a nenhuma trespassação do temor, mas todos ledos sob a boa esperança, fundada em bemaventurado fim,

se esforçaram de levar seu feito adeante, tendo grande fé em Deus que os havia de ajudar; e disseram logo ao Mestre, porquanto na cidade havia muitos honrados cidadãos que ali não estavam presentes, que fossem chamados á camara do concelho, e que lhe fosse todo razoado e proposto quanto a elles fôra dito de que guisa outorgassem todos, e que elles disseram que o queriam fazer. O Mestre disse que era mui bem, e foram em outro dia todos chamados, e sendo assim juntos em aquella camara da cidade, foi razoado por parte do Mestre, como todo o povo miudo o recebia por seu regedor e defensor, e que ora era a elles requerido se lhes prazia outorgar aquello que todo o povo assim tinha outorgado.

Nenhum não respondeu, calando-se, todos juntos falavam muito manso á orelha com os que siam acerca d'elles, assim que nenhum dava resposta e amostrança que consentia em cousa que outros dissessem, não por lhes a elles não prazer de a cidade e reino ser defeso dos inimigos, mas porque todos aquelles duvidavam de tal cousa poder ir adeante, nem haver depois bom fim. Mas a intenção do povo miudo era muito por contrario. Des-ahi, haviam grande receio da rainha, de lhe encoimar esto com grandes tormentos, como feito foi no tempo d'el-rei D. Fernando, quando lhe contradisseram o casamento da rainha com elle.

E duvidando estes que eram chamados, e não respondendo ao que lhe diziam, era hi muito povo junto, entre os quaes estava um tanoeiro que chamavam Affonso Eannes Penedo, que fôra presente com todos os outros, quando se ajuntaram em S. Domingos outorgando de receber por senhor o Mestre; e vendo que nenhum não falava, dos mais



honrados da cidade que eram presentes, começou de se passear andando e poz a mão em uma espada que tinha na cinta:

— «Que estaes vós outros assim cuidando, e que não outorgaes o que outorgaram quantos aqui estão? E como? ainda vós duvidaes de tomar o Mestre por regedor d'estes reinos, e que tome cargo de defender esta cidade e a vós outros todos? Parece que não sois vós outros verdadeiros portuguezes! Digo-vos que quanto por essa guisa buscaivos todos cedo em poder de castellãos!»

E em tanto falavam-se algumas razões entre elles sobre esto, mas nenhuma resposta se dava qual cumpria, porquanto estes maiores se receavam muito das razões que já tendes ouvidas. Entonce, aquelle tanoeiro em cima nomeado poz a mão na espada outra vez, e disse contra aquelles a que se fazia tal requerimento:

— «Vós outros que estaes assim fazendo? Que-reis vós outorgar o que vos dizem? Ou dizeis que não quereis, que eu em esta cousa não tenho mais aventurado que esta garganta, e quem esto não quizer outorgar logo ha mister que o pague pela sua, ante que d'aqui parta.»

E todos que hi estavam do povo miudo aquella mesma razão disseram.

Vendo aquelles que foram chamados o alvoroço que todos faziam, e que lhes não cumpria d'esto ter outro contrairo geito, outorgaram entonce quanto os outros tinham promettido, e foi assim escripto e assignado por suas mãos. E d'esta guisa foi o Mestre tomado por regedor e defensor do reino, no qual regimento e defensão que fez bem se mostrou depois sua virtuosa ardidez, como adeante podereis vêr.

CAPITULO XXVIII

Como o Mestre tomou officiaes para sua casa, e que dictado ordenou de se pôrem nas cartas.

DEPOIS que o Mestre por todos os da cidade este outorgamento de o receberem por senhor teve, ordenou a maneira que havia de ter por defensão d'elle e de todo o reino, e foram logo feitos dois sellos, um pendente e outro chão das armas de Portugal ditas, enadendo entre os castellos, a cruz da Ordem d'Aviz da guisa que vedes que hora traz. E fez o Mestre seu chançarel mór o doutor João das Regras, que era mui grande letrado. E o dictado que tomou que se escrevia em todas as cartás, dizia d'este modo:

D. João, por graça de Deus, filho do mui nobre rei D. Pedro, Mestre da cavallaria da Ordem d'Aviz, regedor e defensor dos reinos de Portugal e do Algarve.

E tomou pera seu conselho este doutor que dizemos, e D. Lourenço, arcebispo de Braga, e João Affonso d'Azambuja, que depois foi arcebispo de Lisboa e depois cardeal, e João Gil, licenciado em leis, e Lourenço Esteves, o moço filho de Lourenço Esteves, privado que foi d'elrei D. Pedro, e estes ambos desembargadores do paço, e de seu conselho, e proveadores de sua fazenda, e João Gil e Martim da Maia. E pera thesoureiro da moeda um mercador, que havia nome Mice Persival, e foi corregedor da cidade outro mercador, que diziam Lopo



Martins, e almoxarife das casas e tendas João Domingues Torrado.

Repartiu outros officios por taes pessoas, quaes entendeu que era seu serviço, e proveito da terra. E foi logo ordenado na cidade, que vinte e quatro homens, dois de cada mister, que tivessem carregos de estar na Camara para toda a cousa que se houvesse de ordenar por bom regimento e serviço do Mestre, fosse com seu accordo d'elles. Outros muitos officios foram dados a pessoas que seria longo de dizer, como reino, que se novamente começava de ordenar. E em fazendo estas cousas, chegaram os que foram enviados a Alemquer, com a resposta e cartas da rainha, e o Mestre não as quiz lêr e rompeu-as logo; e elles folgaram muito quando viram que com puro e limpo desejo tomara cargo de reger e defender aquelles que o ajudar e defender queriam.

Onde sabeis que como o Mestre tomou voz de regedor e defensor do reino, muitos que eram criados da rainha e feitos por ella, e seus familiares, se foram logo da cidade, pera lá, partiram-se de Lisboa, temendo estar em ella, pelo grande alvoroço que viam nas gentes, e medo mui forte d'el-rei de Castella. E ante que partissem tomavam todos seus haveres em arcas e trouxas, como melhor podiam, e punham-no em guarda em casa de seus amigos. E muitos dos que chegavam ao Mestre por o haver de servir, sabendo parte de taes haveres por alguns que lh'o descobriam, pediam que lhe fizesse d'elles mercê, e elle sem mais detença sem sabendo se era muito se pouco, outorgava-lhe quanto pediam, e muitos acceitavam mui grandes haveres.

E Alvaro Paes, que fôra muito em ajuda dos fei-

tos do Mestre, segundo em cima já tendes ouvido, vendo tal demanda que se começava, como alguns diziam ao Mestre que não desse assim aquelles haveres, que muito melhor seriam pera elle, e lhe disse um dia falando com elle:

—«Senhor, crede-me de conselho, e darvos-ha mui grande ajuda pera levar vosso feito adeante.»

—«Que conselho é esse? disse o Mestre, e se fôr bom prazme-hia muito.»

—«Senhor, disse Alvaro Paes, fazei por esta guisa: dai aquello que vosso não é, e promettei o que não tendes, e perdoai a quem vos não errou, servos-ha mui grande ajuda pera tal negocio em qual sois posto.»

O Mestre disse que lhe parecia muito bem e fez-o assim, que dava os bens em todos os logares, que por elle tinham voz, das pessoas que andavam com a rainha, ou que se iam pera el-rei de Castella, e nas cartas, nas doações dizia:

«Por quanto anda em nosso desserviço com D. João que se chama rei de Castella.» E prometia officios, e terras e outras cousas que não tinha, das que tinha esperança de cobrar adeante, e perdoava as mortes, e maleficios, a quantos lh'o requeriam, com tanto que não fosse aleive ou á treição, e se fossem feitos ante do primeiro dia de dezembro, em que elle matou o conde João Fernandes, da era de mil quatrocentos e vinte e um, com condição que a certos dias se viessem a Lisboa á sua custa, enquanto durasse a guerra.

Dos haveres que ficaram escondidos, houve o Mestre um grão thesouro da condessa mulher do conde João Affonso Tello, irmão da rainha, o qual leixara em S. Domingos em guarda, quando se a

rainha partiu pera Alemquer, e era de muito ouro e prata e joias e pedras, e outras cousas, e não embargando que secretamente fosse posto em lugar escuso sobre a porta principal a dedentro, entre o sobre arco e o telhado, não mingou quem o descobriu, e foi todo levado ao Mestre.

CAPITULO XXIX

Como o infante D. João soube que o Mestre seu irmão se chamava regedor e defensor do reino, e a maneira que em ello teve.

Não curando muito d'algumas razões que escriptas achamos em este lugar, sómente d'esta que razoada parece, diremos brevemente por nos espedir, a qual é que o Mestre, quando tomou cargo de regedor e defensor do reino, não embargando as razões que ouvistes, que lhe dissera Frei João da Barroca, sua tenção porém não foi de reinar, mas por tal que sua fama crescesse de bem em melhor: des-ahi doendo-se da terra, de hu era natural, e havendo amadiosa piedade do commum povo que o tanto aficava, tomou tal cargo e não d'outra guisa, esperando que o infante D. João seu irmão houvesse azo por alguma maneira de ser livre da prisão e solto, e vindo ao reino o podesse cobrar e ser senhor d'elle, como alguns diziam, a qual cousa seria a elle grande honra e façanha muito de louvar, e que lhe todo o mundo teria a grão bem.

E tendo o Mestre ordenado de fazer a saber na

melhor maneira que pudesse, aveiu que um escudeiro dos criados do infante D. João que andavam por Castella espargidos, e d'elles por Portugal, ouvindo dizer que o Mestre seu irmão tomara voz de regedor e defensor do reino, des-ahi como outras diziam que não embargando isso, iria fóra da terra, cuidou de o fazer saber ao infante pera ser d'ello em conhecimento e vêr que lhe mandava fazer em tal feito. E por quanto era defeso por el-rei de Castella que qualquer do infante que fosse achado no logar onde elle jazia, que fosse retente até sua mercê, foi alá aquelle escudeiro o mais encobertamente que pôde e fallou com um frade em confissão, pelo qual fez saber ao infante aquello por que era alli vindo, dizendo como se affirmava que seu irmão aquella tenção que tomara de regedor e defensor do reino entendia de levar adiante até esperar ser cercado d'el-rei de Castella em Lisboa, e outra qualquer cousa, que lhe avir podesse. E que porém fosse sua mercê de lhe mandar dizer que lhe rogava que era o que faria de si.

Ao infante prouve muito com taes novas, porque fôra preso d'aquella guisa, e mandou-lhe dizer que lhe rogava quanto podia que elle, e todos quantos seus criados se fossem para o Mestre, e o servissem e que este era o mór serviço que lhe por entonce podia fazer, e mais que dissesse a seu irmão de sua parte: que lhe enviava rogar e pedir que em toda guisa se chamasse rei de Portugal se o queria vêr solto, ca d'outra guisa elle nunca entendia sair de prisão.

E dizem alguns que d'isto lhe deu sua carta de crença assignada por'elle.

O escudeiro se partiu de Toledo e achou João

Lourenço da Cunha, marido que fôra da rainha D. Leonor, e outros seus creados do infante, e contou-lhe todo o que lhe aviera com elle.

Entonce se partiram pera Lisboa aquelles que d'isto souberam parte, e vieram-se pera o Mestre, e elle os recebeu mui bem e folgou muito com elles, e quando viu o recado do irmão cessou de lhe escrever o que tinha em vontade, e em rasão da governança do reino.

CAPITULO XXX

Do recado que a rainha mandou a Gonçalo Vasques d'Azevedo ante que partisse para Santarem, e das razões que disse aos do logar.

CERTO é que quaesquer historias muito melhor se entendem e lembram, se perfeitamente e bem ordenadas, que o sendo por outra maneira. E posto que nossa tenção seja d'estas, que escrever queremos o serem em bom e claro estylo, porém tão grandes historias não podem ser tão prestes, maiormente em este lugar, que desviam muito de tal ordenança e nosso dcsejo e vontade, porque el-rei de Castella vem pera entrar em Portugal. Nuno Alvares outro sim vem a Lisboa, des-ahi o castello de Lisboa trabalha-se o Mestre com o povo de o tomarem e alcançarem vellas contra os alcaides dos castellos: pelo reino levantaram-se uniões uns contra os outros, e fazem-se outras muitas cousas, e uma cação de guisa que torvam as outras a senão poderem contar nos dias que começaram, segundo nosso juizo, melhor é de dizer umas, e depois

— «Homens bons, bem sabeis como eu sou vosso visinho, e natural d'este reino, e tenho aqui em elle meus bens e casas tantas, e mais que em outra parte: pela qual razão sempre quiz, e quero bem a este lugar, e aos moradores d'elle, crede-me que todas as cousas que por vossa honra e accrescentamento podesse fazer, que o farei mui de grado. Ora, amigos, assim é que esta noite, jazendo e pensando em algumas cousas de minha fazenda, vim a cuidar por vossa honra e minha ajuda e de todos moradores d'este lugar, uma cousa que tal é, e se vos parecer que é bem o que eu disser, no nome de Deus seja, se d'outra guisa entenderdes que é melhor, em qualquer cousa que vos todos accordardes, me accordarei eu comvosco, porque de todo bem que a este lugar viesse queria eu ser quinhoeiro, ainda do contraio quando mister fizesse. E porém me demovi a vos dizer isto: vós sabeis bem o que aconteceu á rainha onde ella pousava. Já ouvireis tudo o que sobre isto aconteceu e como se a rainha partiu d'ahi, e se veiu pera Alemquer, e que os moradores de Lisboa fizeram este e outros alevantamentos que já fizeram segundo bem sabeis. Não é de maravilhar, que são gentes de muitas misturas, e alevantam entre si desvairadas opiniões e alvoroços. E porque a rainha está em Alemquer, que é lugar onde ella por hora não está tão honradamente como estava aqui, parece-me que era bem que lhe enviásseis pedir por mercê que se viesse pera esta villa, dizendo que vos parecia que não era sua honra nem proveito estar tão perto de Lisboa e em tal lugar como aquelle, que pera qualquer cousa que quizesse que mais seguramente estaria aqui que onde está. Ella ora lhe prazera ora não,

tervol-o-ha em serviço, e vós ficareis por ello louvados. E porque entendi que esto era vossa honra e minha, cuidei de vol-o dizer, e vós fazei como por bem tiverdes.»

Então responderam todos que dizia muito bem e que lhes prazia d'ello, e que assim o mandariam dizer por sua carta.

E elle disse que pois assim era que elle seria o mensageiro d'ello e lhe contaria ainda a boa vontade que em elles sentira em toda cousa que por sua honra e serviço d'ella podessem fazer.

Então se partiu Gonçalo Vasques dizendo que por isso iria a Alemquer mais cedo do que cuidava, e quando chegou e contou á rainha a resposta que em elles achara, prouve-lhe muito, e ella mandou-lhes dizer por sua carta que lhes agardecia muito o que lhe escreveram, e a vontade boa que tinham de lhe fazer serviço, e que os havia por bons e leaes, e que fossem certos que lhes faria por ello muitas mercês em qualquer cousa que lhe requeressem.

CAPITULO XXXI

Como a rainha partiu de Alemquer para Santarem, e das razões que disse aos do lugar ante que partisse.

A rainha como soube por Gonçalo Vasques, que era entonce alcaide de Santarem, que os do logar eram prestes para seu serviço e que lhes prazia muito de sua ida pera lá, ordenou de se partir de Alemquer depois da festa do Natal,

e leixou por alcaide do castello, Vasco Peres de Camões, e por guarda da villa, Martim Gonçalves de Atayde, e ante que partisse mandou chamar os homens bons da villa, e disse-lhes estas palavras:

— «Amigos, bem sabeis como esta villa é minha e vós outros todos sois meus, des-ahi vêdes bem o alvoroço de Lisboa, com o Mestre, que não sei, disse ella, se é Mestre de Christo se de bombardas, e maravilho-me qual foi a sanha ou sandice que os fez mover a tal cousa, porém vós não cureis da sandice d'elles, nem do alevantamento que fizeram, mas sede bons e leaes como sempre fostes, e fareis muito de vossa prol e honra, e a mim serviço por que vos farei sempre muitas mercês quando me por vós forem requeridas».

Responderam entonce todos e disseram que a villa e elles todos eram seus e pera seu serviço, e que outra voz não tomariam salvo a sua, nem outro mandado senão o seu, como sua senhora que era. E ella disse que lh'o agardecia muito e partiu entonce para Santarem.

Iam com ella os condes seus irmãos e o almirante Mice Lançarote e João Affonso Pimentel e João Gonçalves de Obedos e todos os que estavam na casa do desembargo de Lisboa, e alguns outros cavalleiros, e escudeiros todos, porém pouca gente. E quando chegou a Santarem sahiram a receber essas mulheres do lugar, e os judeus com as tou-
ras, e ella ia sobre uma mula de albarda, coberta com um muito grande manto preto, de maneira que lhe não parecia o rosto, e assim chegou ao castello, e Gonçalo Vasques que era alcaide d'elle, pediu que lhe quitasse a menagem, e foi-lhe quite por escriptura, e a rainha ficou aposentada em elle. Gon-

çalo Vasques se foi pera suas casas. O conde João Affonso foi pouzar na Alcaçova, que então bem povoada e cerrada sobre si era, e não leixavam sair nem entrar nenhum se não por recado, velando-se a villa cada noite por temor das gentes de Lisboa, que eram contra a rainha.

E o conde D. Gonçalo sabendo que el-rei de Castella vinha, e não sendo certo como se os feitos haviam de seguir, a poucos dias se partiu d'ahi e se foi para Coimbra. Mas convém cessar d'isto por tornarmos a fallar de Nuno Alvares, assim de sua linhagem e criação, como da vinda que se veio para o Mestre, a Lisboa.

CAPITULO XXXII

Razões do author d'esta obra, ante que fale de Nuno Alvares.

ESCREVENDO em este passo sem constranger nenhuma cousa, entendemos dizer nos feitos d'este homem o modo que teem alguns pré-gadores, que dentro no sermão enxertam a vida d'aquelle de que prégam, e no fim d'elle concludem seu thema. E nós, posto que já falassemos algumas cousas d'este Nuno Alvares, seus gloriosos feitos adeante escriptos convém que espertem perguntar alguns d'hu veiu seu linhagem e qual foi seu começo; porém, cessando um pouco de proseguir nossa ordenança, até que isto em breve ponhamos por modo de prologo que elle bem merece.

Primeiramente, dizemos assim, porque experiencia nos ensina, que não ha hi tal que naça sem algumas condições desvairadas, e que nossa natureza não póde estar em tanto assossego que algumas vezes não receba torvação. Des-ahi, porque este discreto modo nas vans delatações é cousa mui forte e grave de fazer, portanto é havido por bom qualquer que por continuada batalha vence assim seus naturaes desejos, que nunca em elle é achada mingua hu grande lugar haja repressão. E, se tal vontade traz comsigo honra, este de que falar queremos a merece mui grande, pois por peleja que nunca cessa, não sem grande força e resistencia, sogigou por tal guisa os vicios carnaes, que cheio de fruto de grande proveito o não podia nenhum prasmear de merecimento algum que notavel fosse. E podendo nós largamente ordenar seus prudentes feitos isto seria a vós graciosa relembração e cousa mais doce que ligeira de fazer.

Mas quem poderá dignamente contar os louvores d'este virtuoso barão, cujas obras e discretos autos, sendo todos postos em escripto, occupariam grão parte d'este livro? certamente nos fôra singular prazer, se em sua historia poderamos seguir a ordenança dos que ditam as couzas em vida d'aquelles a que acontecem, decendendo a louvar cada uma bondade por si, pois cada uma das virtudes são merecedoras de seus pregões; mas ora depois de seu passamento, mortos os mais dos que lhe foram companheiros, já de seus bons feitos mais gastar não podemos senão as escassas reliquias d'elles. Assim que ante dispenderiamos longo tempo em lêr e ouvir suas proveitosas obras que breve espaço sermos occupados em as recontar e poer em orde-

nança maiormente, pois fugir não podemos aos que em reprender tomam deleitação, cujo costume apropriando sua repressão a todo proposito em parte que queremos cousa alguma dizer, não podemos que elles julguem por reprendoira, porque alguns sem limpo desejo pôdem dizer que nós o louvamos mais do que seus feitos merecem, mostrando ainda, segundo dizemos, que em este segre não pôde haver tal que de mingua alguma possa carecer, aggravando em elle algumas leves cousas com grande carga de repressão.

Ou taes dirão que por ventura que seu louvor é menos do que deve, tendo seus feitos em muito maior conta do que por nós serão recontados, prazmando-nos de ouzada presumpção de querer poer em escripto o que já compridamente fazer não podemos. Outros quererão dar por conto tantas boas cousas feitas por alguns de menos authoridade e honra, dando razões pera os egualar a este, de mais grão estado.

Mas ainda que alguns fizessem grandes e formosos feitos, cujas bondades não entendemos de esquecer, porém não achamos hi tal que, crescendo de uma virtude em outra por não cansada firmeza, incorressem em elle tantas bemaventuranças, dando logar a estes, cujo officio sempre acham em que obrar, pois em vida d'elle não foi alguma cousa escripto nos empenosos desejos e trabalhosa cuidação. Nós, sob uma brevidade do curto estylo, entendemos de seguir seus excellentes autos, os quaes, ainda que a alguns não apraza, outros, com aguilhões de proveitosa inveja, podem espartar a fazer semelhantes.

CAPITULO XXXIII

De que linhagem descendeu este Nuno Alvares e quem foi seu padre.

CONSIDERAR devemos, quanto á ordem dos mundanaes feitos, que a primeira cousa que é de saber d'este homem assim é começo de seu linhagem; e porém, ante que suas bondades commendemos com algum louvor, vejamos quem foi seu padre e madre e quaes d'elles descenderam.

Onde assim foi que em Portugal houve um bom e grande fidalgo, nobre de linhagem e condição, que havia nome D. Gonçalo Pereira. Este era de grão casa e estado e acompanhado de muitos e bons parentes e creados, muito grado e prestador assim aos seus como estrangeiros, em guisa que de sua grandeza se acha escripto que descendia estando em Pereira cavalleiros e fidalgos que eram chegados a elle; seu linhagem de que antigamente descende, quem largamente o quizer vêr, busque o livro da linhagem dos fidalgos, no titulo 21, no § 11, e por ali pode saber compridamente. Elle houve certos filhos, de que dizer não curamos, salvo de um a que chamaram Gonçalo Pereira, como seu padre, que foi arcebispo de Braga e um dos grandes prelados que houve em Portugal.

Este arcebispo D. Gonçalo Pereira houve um filho, a que disseram D. Frei Alvaro Gonçalves, que foi priol do Esprital, o qual foi mui grande e honrado, e avondoso de riquezas e de boas condições.

Este foi fóra d'este reino ao convento de Rhodes, mui grandemente e bem guarnido, assim d'escudeiros como d'outra gente, ca elle passava áquella terra com vinte de cavallo, e por galarvão de seus bons feitos lhe proveu o grande mestre d'aquella dignidade. Elle fez na ordem, depois que foi priol, mui boas cousas por accrescentamento d'ella, entre as quaes foi o castello da Amieira, que é assaz forte e bem famoso, e os paços e assentamento de Bom-jardim, a par de Santarem, que é boa obra e graciosa de vêr, e a fortaleza de Flôr da Rosa, que é acerca do Crato, logar defensavel e bem obrado, no qual edificou uma grande e devota egreja á honra de Santa Maria, e por ser mais honrada ordenou d'ella nova commenda, com abastança de bens, que lhe deu, por viver honrado o commendador d'ella. Este foi privado de tres reis de Portugal, s. : el-rei D. Affonso e d'el-rei D. Pedro e d'el-rei D. Fernando, dos quaes foi bem amado por suas bondades, especialmente d'el-rei D. Fernando.

O qual priol D. Alvaro Gonçalves viveu longamente, e houve, entre filhos e filhas, trinta e dois, entre os quaes foi um D. Pedralvares, que, depois seu padre, foi priol do Espital e depois foi mestre de Calatrava em Castella, e este filho de uma madre, e Nunõ Alvares, que era filho de outra madre, que chamavam Iria Gonçalves, natural d'Elvas, o qual nasceu no mez de julho de 1348 annos.

Esta foi nobre dona quanto a Deus e ao mundo, viveu em muita castidade e abstinencia, e fazendo muitas esmolos e grandes jejuns, não comendo carne nem bebendo vinho por espaço de quarenta annos.

CAPITULO XXXIV

Como Nuno Alvares foi trazido á côrte d'el-rei D. Fernando, e como tomou as primeiras armas da rainha D. Leonor.

ESTE priol D. Alvaro Gonçalves Pereira, segundo contam alguns em seus livros, como era sizudo e entendido, assim dizem que era astrologo e sabedor, e quando lhe alguns filhos nasciam trabalhava-se de vêr a sua nascença d'elles, e por sua sciencia entendeu que havia d'haver um filho, o qual seria sempre vencedor em todos os feitos d'armas em que se acertasse, e que nunca havia de ser vencido. E dizem que sempre em sua vida D. Alvaro Gonçalves cuidou que esta virtude havia d'haver D. Pedralvares, seu filho, que depois de sua morte foi priol, em tal conta o tinha entre seus irmãos.

Outras escrevem esto por contrairo, e d'esta opinião nos praz mais, dizendo que em casa d'este priol D. Alvaro Gonçalves andava um grande letrado e muito profundo astrologo, que chamavam mestre Thomaz; por este contam que soube o priol que um de seus filhos havia de ser vencedor de batalhas, e que este era Nuno Alvares Pereira.

E mostra-se claramente sêr assim, porque, vindo D. Fr. Alvaro Gonçalves a casa d'el-rei D. Fernando, aderençar seus filhos, pediu por mercê a el-rei que tomasse Nuno Alvares por seu morador, da qual cousa, prazendo a el-rei, outorgou de o fazer; e o priol se partiu pera suas terras, e ordenou de mandar seu filho á côrte. E ante que o mandasse cha-

mou Martim Gonçalves de Carvalhedo, tio de Nuno Alvares, irmão de sua madre, e lhe deu juramento que uma cousa que lhe descobrir quera que nunca a dissesse ao dito Nuno Alvares; e, promettido por elle de guardar segredo, e entonce lhe disse o priol como quera mandar seu filho á corte, e elle por seu aio, pera o ensinar, porém que lhe rogava que tomasse cargo de o crear, que lhe fazia certo que aquelle seu filho havia d'haver tão boas andanças que em todas as batalhas que entrasse sempre d'ellas seria vencedor, comtanto que se chegasse a Deus em todas suas obras, e nenhuma cousa fizesse em seu desserviço.

E ordenado assim d'esta guisa, partiu o priol pera a côrte, quando el-rei D. Fernando houve guerra com el-rei D. Henrique, e passou por Santarem e levou certas gentes comsigo, entre os quaes este Nuno Alvares, moço de 13 annos, que ainda nunca tomara armas; e passando gente de Castella pera Lisboa, onde já cerco estava, mandou o priol a Nuno Alvares, em que fosse moço, que cavalgasse elle e seu irmão Diogo Alvares, um bom cavalleiro da ordem, com alguns de sua casa que mandou ir com elles, pera vêr em que maneira levavam aquellas gentes. E indo elles contra aquella parte por hu diziam que passavam os castellãos, e não vendo nenhum d'elles, tornaram-se pera a villa, e chegando a par do castello, onde el-rei entonce com sua mulher pousavam, estando á meza, mandaram-nos chamar, e perguntando-lhe onde foram e que acharam lá, d'onde vinham, e elles responderam, em tudo, segundo as perguntas que lhe faziam.

A rainha D. Leonor, falando em esto, como era mulher mui paçã e de graciosa palavra, disse a el-rei, como em sabor, «que ella quera tomar Nuno

Alvares por seu escudeiro», e el-rei disse que era bem feito, e que elle tomaria por seu cavalleiro a Diogo Alvares, seu irmão; e entonce disse a rainha contra Nuno Alvares «que ella o queria armar de sua mão como seu escudeiro, e que não queria que d'outra mão tomasse armas, salvo das suas.» Nuno Alvares, pero que fosse moço, e quando esto ouviu, disse que lh'o tinha em grande mercê, e que prazeria a Deus que ainda lh'o serviria com bons merecimentos, e beijou-lhe as mãos por ello.

A rainha, querendo poer em obra esto que assim dissera, mandou buscar um arnez convinhavel pera Nuno Alvares, e porque era de pouca idade não lh'o podiam achar tão pequeno; e entonce disseram á rainha como o Mestre d'Aviz tinha um arnez que houvera em sendo moço, que seria bom para Nuno Alvares, e ella lh'o mandou pedir; e como lh'o trouxeram, deu-o logo a Nuno Alvares, e assim tomou elle as primeiras armas da mão da rainha D. Leonor, e ella des-ahi em deante sempre o chamou por seu escudeiro.

CAPITULO XXXV

Como o priol commetteu a seu filho que quizesse casar, e como em ello consentiu e casou com D. Leonor d'Alvim.

ANDANDO assim Nuno Alvares por morador em casa d'el-rei, sendo de idade pouco mais de 16 annos, aveiu que viuvou uma dona Entre Douro e Minho, que havia nome D. Leonor d'Alvim, mulher que fôra de um bom cavalleiro, chamado

por nome Vasco Gonçalves de Barroso. Esta dona era filha d'algo e comprida de toda a bondade, rica assaz de bem d'este mundo, assim de moveis como de raiz.

O priol, sabendo parte de sua fama e riqueza, mandou-lhe commetter casamento para Nuno Alvares, seu filho, e quando João Fernandes, commendador de Flôr da Rosa, lhe foi commetter este casamento por parte do priol, a dona deu em resposta que o fizessem saber a el-rei, e do que a sua mercê mandasse que ella lhe não sahiria do mandado. Tornou João Fernandes com este recado, e o priol feze-o saber a el-rei, pedindo-lhe por mercê que pözesse em ello mão, e a el-rei prouve d'ello, e mandou-a chamar por sua carta.

E em esta sezão que o priol esto tratava, era Nuno Alvares em sua casa, sem d'esto saber nenhuma parte, e um dia chamou seu filho, sem estando hi outrem, e dise-lhe em esta guisa:

— «Nuno, pero tu sejas moço e de nova idade, parece-me que é bem e serviço de Deus e tua honra que tu hajas de casar; e porque Entre Douro e Minho ha uma mui nobre dona, manceba e de grande bondade, meu desejo é que, se a Deus aprouvesse, de tu casares com ella, e porende quero de ti saber que é o que te d'ello parece.»

E não lhe disse mais. Nuno Alvares, além de ser mesurado de sua natureza, era muito mais a seu padre, e muito mandado e obediente, e quando lhe tal razão ouviu dizer, ficou um pouco torvado, á uma por vergonha que de seu padre havia, a outra por lhe falar em feito de casamento, do que sua vontade andava muito affastado: que elle em esta sezão, que era de pequena idade, todo seu cuidado

não era salvo trazer-se bem a si e aos seus, e desahi cavalgar a monte e caça, não entendendo d'amor de nenhuma mulher, nem tão sómente lhe vinha por imaginação.

Mas lia a miude por livros d'historias, especialmente da historia de Galaz, que fala da Tavola Redonda, e porque em ellas achara que, por virtude de virgindade, Galaz acabara grandes e notaveis feitos, que outros acabar não poderam, desejando muito de o similhar em alguma cousa, e muitas vezes cuidava em si de ser virgem, se o Deus quizesse; e portanto era muito afastado do que lhe seu padre falara em feito de casamento, pero, por lhe obedecer e dar resposta a sua vontade e pergunta, disse-lhe em esta guisa:

— «Senhor, vós me falaes em casamento, cousa de que eu não era avisado, porém vos peço por mercê que me deis logar pera cuidar em ello, e assim vos poderei responder.»

O padre disse que era bem feito, como quer que se maravilhou muito por lhe assim responder, sendo homem novo de dias, e falou com sua madre, Iria Gonçalves, todo o que lhe com elle aviera, encomendando-lhe que o demovesse que consentisse em tal casamento. Sua madre falou com elle, e, não o podendo reduzir nem mudar de sua primeira intenção, falaram com Nuno Alvares Pereira seu primo e Alvaro Gonçalves de Carvalho, com que havia grande affeição, e por suas afficadas preces consentiu de o fazer, pois a seu padre parecia.

E em tanto, chegou D. Leonor d'Alvim a Villa Nova da Rainha, onde el-rei e a rainha estavam, e, bem recebida d'elles, fez logo el-rei saber ao priol, e elle veio com Nuno Alvares, seu filho; e logo como

chegaram o casamento foi feito e Nuno Alvares recebido com a dona, sem mais festa, porquanto era viuva.

E no outro dia partiu o priol, com seu filho e nora, pera as terras da Ordem, a um logar que chamam Bomjardim, e ali conheceu Nuno Alvares D. Leonor, sua mulher, a qual com verdade disse «que se não podia chamar dona, porque, posto que ella por tal modo fosse ante nomeada, ella verdadeiramente era donzella, ca o seu primeiro marido nunca d'ello houve tal conhecimento, o que ella sempre bem encobriu por sua grande bondade.»

CAPITULO XXXVI

Como Nuno Alvares partiu pera sua casa, e da maneira do seu viver.

FOLGOU Nuno Alvares com sua mulher, em casa de seu padre, por alguns dias; des-ahi partiram-se e foram-se entre Douro e Minho, onde ella tinha sua casa de morada e havia seus herdamentos, e foi elle bem recebido e visitado dos bons da comarca, offerecendo-lhe suas amizades, como é de costume.

Nuno Alvares era de pouca e branda palavra, e seu bom gazalhado e doces razões contentaram muito a todos. E elle era mais monteiro que caçador, como quer que de tudo usava quando cumpria. Em sua casa, havia de cote doze e quinze escudeiros, e vinte e trinta homens de pé, segundo a terra requiere, e

estes todos bons e bem homens pera feito, ca elle nunca se d'outros contentava, nem contentou em seus dias.

Nenhuma cousa fazia com rancor nem odio, mas por grande custa que tinha; des-ahi, por a terra assim ser azada, ás vezes passava além do razoado, como quer que não tanto que sempre em elle não fosse o temor de Deus, ouvindo suas missas e vivendo bem e honestamente com sua mulher, da qual houve tres filhos, s. : dois que logo morreram á nascença, e uma filha, que houve nome D. Beatriz, que depois foi condessa e mui nobre dona, como adeante diremos.

Em esta sezão, ao cabo de uns tres annos, estando o priol seu padre na Amieira, falleceu por morte, comprido de longa idade, e foram juntos a seu finamento nove filhos e nove filhas, sendo um d'elles Nuno Alvares; e feitas n'aquelle logar suas exequias honradamente, d'ali foi levado á egreja da Flôr da Rosa, que elle edificara. Entonce, foi feito priol D. Pedralvares, seu filho, como quer que D. Frei Alvaro Gonçalves Camello, que entonce era commendador de Poyares, tinha direito no priorado, mas feze-o fazer el-rei D. Fernando.

E depois d'esto, morto el-rei D. Henrique, reinando em Castella el-rei D. João, seu filho, e havendo guerra com el-rei D. Fernando, como ouvistes, foi chamado Nuno Alvares, para estar na fronteira com D. Pedralvares, seu irmão. Des-ahi, como requestava João d'Osorez, filho do mestre de Sant'lago de Castella, e como esteve com seu irmão sendo fronteiro em Lisboa, do que lhe hi aveiu em uma escaramuça, e que maneira teve por ser com el-rei na batalha que houvera d'haver em Elvas, e

como depois da morte d'el-rei D. Fernando quizera ser com o Mestre na morte do conde João Fernandes, e, porque se então não ázou, se espediu d'elle e se foi apoz seu irmão, o qual alcançou no lugar de Pontevel: e pois que esto já tendes ouvido, cumpre tornar a poer em escripto o que lhe aveiu em tempo do Mestre, depois que partiu da cidade de Lisboa, onde leixamos de falar de seus feitos.

CAPITULO XXXVII

Como Nuno Alvares soube que o conde João Fernandes era morto, e das rasões que houve com seu irmão sobre ello.

ASSIM foi que partindo Nuno Alvares d'ali, por se não azar a morte do conde João Fernandes, segundo dissémos em seu lugar, quando falou com o Mestre sobre elle, e indo-se pera D. Pedralvares, seu irmão, foi alcançar em um lugar que chamam Pontevel, doze leguas da cidade, e estando ali com elle, chegou Gonçalo Tendeiro, da parte da rainha, com recado do priol: «que todavia fosse em seu serviço, e que ella o accrescentaria, fazendo-lhe muitas mercês, e lh'as faria fazer a seu filho, el-rei de Castella».

D'este recado, foi Nuno Alvares, e muitos dos outros que iam com Nuno Alvares e com o priol, mal contentes, especialmente Nuno Alvares, a que muito desprouve, em guisa que se não pôde ter que não falasse ao priol, dizendo «que não haveria

bom conselho dar lugar a tal embaixada». E o priol, que não curou de seu razoar, nem lhe respondeu nenhuma cousa, e partiu-se d'ali e foi para Santarem.

E elles em aquelle logar, foi Nuno Alvares aposentado em Santa Maria de Palhaes, e um dia á tarde, depois da ceia, sahiu Nuno Alvares a folgar pela praia a fundo, contra a egreja de Santa Cruz, e, passando pela porta de um alfageme, viu-lhe ter uma espada muito limpa e bem corrigida; e tomou-a na mão e perguntou-lhe se lhe corregeria assim uma sua, e elle respondeu que sim e muito melhor ainda; e Nuno Alvares fez logo ir por ella, e mandou-lh'a dar, que corregesse. Outro dia, tornou Nuno Alvares por ali á tarde, e achou-a corrigida muito á sua vontade, e tomou-a na mão, sendo com ella ledo; e mandou a um seu escudeiro que lhe pagasse bem seu trabalho. O alfageme respondeu e disse:

— «Senhor, eu por ora não quero de vós nenhum pago, mas ireis muito embora, e tornareis por aqui conde de Ourem, e então me pagareis o que merecer».

— «Não me chameis *senhor*, disse Nuno Alvares, que o não sou, mas todavia quero que vos pagueem bem».

— «Senhor, eu vos digo verdade, e assim será cedo, prazendo a Deus».

E assim foi depois, como elle disse, ca elle a pouco tempo tornou por ali conde de Ourem, e pagou bem o corregimento da espada, como adeante ouvireis.

Em esto, chegaram novas a Santarem como o Mestre matára o conde João Fernandes, e isso mesmo foram mortos o bispo de Lisboa e outros. O Nuno

Alvares, como esto ouviu, foi-se logo ao priol, seu irmão, contar-lhe estas novas que assim ouvira, dizendo «que esto era obra de Deus, que se queria lembrar do reino de Portugal, pois que os da cidade queriam tomar o Mestre por seu regedor e defensor, pera defender o reino, e el-rei de Castella que era fama que vinha para entrar em elle; e, pois que se tal cousa começava, que lhe pedia por mercê que todavia se tornasse pera o Mestre, para ajudar a defender o reino».

E o priol não curou de quanto lhe elle sobre esto falou, dizendo que aquella cousa era perigosa e mui mau começo para as gentes; e que seguiria d'ello mui grande damno ao reino, e que não tinha sizo quem ia pensar que tal feito havia d'ir adeante, como elle dizia».

Nuno Alvares disse que aquello não era mal, e que o Mestre fizera bem e o que devia em vingar a deshonra d'el-rei seu irmão, e se poer a defender o reino, que seus avós, com grande trabalho, ganharam; e que Portugal sempre fôra reino isento pera si, e não sujeito a Castella, e que ora não era rasão de o ser».

E o priol tornava a dizer «que tal cousa não era pera falar em ella, que Portugal não estava em ponto de se defender d'el-rei de Castella, que era um tão poderoso rei, e demais com a maior parte de Portugal que com elle teria, pelas menagens que lhe haviam feitas, segundo nos tratos era conteudo».

Nuno Alvares respondeu, dizendo: «que taes menagens não eram de guardar, pois que el-rei que quebrantava os tratos, e que todos os fidalgos podiam ser em ajuda do Mestre sem prasma, o qual bem poderia ajuntar mil homens d'armas e muitos

homens de pé, com que poderia poer batalha; e que mais valeria poer-se o Mestre, e com elle todos, a pelejar com el-rei de Castella, que ficarem sujeitos de castellãos, e uzarem depois d'elles a seu livre talento».

O priol disse que as cousas não estavam em tal estado pera se tal obra poder começar e acabar seguramente, porém que não falasse mais em taes historias«.

Nuno Alvares, vendo que achava o priol muito arredado de sua intenção, falou com Diogo Alvares, seu irmão, que fosse todavia para o Mestre, e elle outorgou que lhe prazia, e ficaram ambos em este accordo.

CAPITULO XXXVIII

Como Nuno Alvares descobriu aos seus que se queria ir a Lisboa, pera servir o Mestre.

PARTIU o priol para suas terras, e caminho da Gollegã, Nuno Alvares e Diogo Alvares, seus irmãos, onde o Mestre estava, segundo ante tinha accordado, e, sendo arredado até tres leguas do lugar, Diogo Alvares se arrependeu da partida que fizera, e disse que se queria tornar pera o priol, seu irmão. Nuno Alvares que o de tal vontade desviar não pôde, houve-se de espedir d'elle, e veio dormir esse dia a uma aldeia que chamam a Ereia. Ali chamou a departe a uns escudeiros e disse:

— «Amigos, eu vos quero contar um segredo e grande feito, que trago cuidado em meu coração, o

qual é este: Assim que eu vejo no meu entendimento um poço muito alto e muito profundo, cheio de graude escuridade, e bem me diz a vontade que não ha homem que em elle salte que d'elle possa escapar, salvo por grande milagre, querendo-o Deus livrar d'elle, por a sua mercê; e não posso com meu coração senão todavia que salte em elle. E porque ha já dias que vós sois meus companheiros, e eu hei provado vosso bom desejo ácerca de meus feitos, porém vos faço saber esta cousa tão grande, porquanto eu todavia quero saltar em elle; e aquelles de vós a que prouver de commigo ser em tal saltage, tel-o-hei a grande bem e extremado serviço.

Os outros a que não aprouver poder-se-hão ir pera hu quizerem, e fazerem de seus corpos o que por mais seu proveito sentirem».

Os escudeiros, quando esto ouviram, ficaram espantados e não sabiam que dizer, porém responderam e disseram:

— «Nuno Alvares, vós bem sabeis que nós somos vossos e prestes para vosso serviço, mas esta cousa que nos falaes é assim escura e tão má de entender que nenhum de nós sabe que vos responda; porém, vos prazo de nol-a declarar, por sabermos o que é, e entonce vos daremos resposta segundo entendermos».

Nuno Alvares tornou entonce á sua razão e disse:

— «Amigos, o poço mui alto e escuro que eu vejo ante meus olhos é a grande demanda que o Mestre dizem que quer começar, por defensão d'este reino contra el-rei de Castella, e entendo que com elle entrar lhe será grave e muito perigoso, nem é ainda de cuidar que d'ella escape, salvo por graça de Deus.

E, porque minha tenção é de me ir pera elle e o servir em ella, porém vos disse se vos prazia de serdes em ella meus companheiros.»

E elles responderam entonce, dizendo:

— «Nuno Alvares, nós somos vossos e pera vosso serviço, e somos prestes pera vos acompanhar em esta demanda e que seguir quereis, e em qualquer outra que vós sintaes por vossa honra e proveito, posto que grão perigo seja, até dispendermos os corpos e vidas por vosso serviço».

Nuno Alvares lh'o agradeceu por boas palavras, dizendo que elle era prestes pera lh'o galardoar em toda cousa que de sua honra e proveito fosse, como bons creados e amigos.

CAPITULO XXXIX

Como Nuno Alvares chegou a Lisboa, e das razões que disse ao Mestre.

NUNO Alvares, em outro dia, seguiu seu caminho, estando entonce a rainha em Alemquer, e com ella os condes seus irmãos e outros muitos, como dissémos, e quando chegou a Alverca determinou de dormir ali. A rainha soube como se elle ia caminho de Lisboa, pera o Mestre, e quizera mandar a elle certas gentes que o prendessem, dizendo contra aquelles que eram presentes:

— «Vistes uma tal sandice de Nuno, que eu creei tamanino, que leixou o priol seu irmão, com que ia, e agora vae-se a Lisboa, pera o Mestre?!»

— «Senhora, — disseram alguns que hi estavam, que queriam bem a Nuno Alvares, — não haveis por que o mandar prender, posto que elle vá pera Lisboa, pois não sabeis a intenção que leva, que por ventura elle vae com tal vontade e desejo que d'ella vos poderá tão bem e melhor servir que se vier aqui pera vós».

Nuno Alvares foi sabedor d'esto aquella noite que dormiu na Alverca, e, temendo-se muito de a rainha o mandar prender ao caminho, falou com seus escudeiros, percebendo-os que, se tal cousa aviesse, que todavia ante se leixassem morrer que haverem de ser presos. E toda aquella noite estiveram armados, nem as bestas desselladas.

E outro dia chegou Nuno Alvares a Lisboa e foi logo falar ao Mestre, que o mui bem recebeu, dizendo «que sua vinda lhe prazia muito, e que dias havia que o desejava de vêr». Os da cidade isso mesmo foram muito ledos com elle e o receberam todos mui bem. E depois de dois dias que Nuno Alvares chegou a Lisboa, foi-se ao paço do Mestre e fallou com elle em esta guisa :

— «Senhor, grandes dias ha que eu mui desejei e desejo de vos servir, e não foi minha ventura de até a este tempo poder fazer ; e, porque ora vós sois em tal ponto e estado que ainda que poderei cobrar o que entonce desejava, eu vos offereço a mim e a meu pobre serviço com mui boa vontade, e vos peço por mercê que d'aqui por deante me hajaes por todo vosso quite, servindo-vos de mim em todas as cousas, como de homem que pera ello seerei mui prestes».

O Mestre lh'o agradeceu muito sua boa vontade, porque dias havia que o conhecia por bom, rece-

bendo-o por seu, como elle disse; e fez-o do conselho, com os outros que com elle estavam, e d'ahi em diante não fazia de que lhe parte não desse.

CAPITULO XL

Como sua madre de Nuno Alvares vinha pera tornar seu filho do serviço do Mestre, e do que sobre ello aveiu.

IRIA Gonçalves, madre de Nuno Alvares, estava a este tempo na villa de Portalegre, que são quatro leguas do Crato, onde o priol, com seus irmãos, entonce chegara. E quando soube que seu filho, segundo o priol disse, que ficava em Santarem, e que esperava cada dia por elle, e ella respondeu que bem parecia que curava pouco de seu irmão, e que nunca lhe bem quizera, e que agora o mostrava pela obra, pois que vindo em sua companhia não fizera conta de o trazer comsigo.

Ella partiu logo caminho de Lisboa, onde soube que Nuno Alvares estava, e falando com elle, disse quanto lhe parecia grave cousa e mui perigosa aquella que fazer queria, em se chegar a servir o Mestre e lhe ajudar a defender o reino contra toda Castella e contra a mór parte de Portugal, mostrando-lhe muitas e vivas razões que a intenção que tomava não podia ir adeante, nem por ella crescer em bem nem em honra. Nuno Alvares, firme em seu proposito, dava-lhe outras contrairas razões, em desfazer quanto ella dizia, de guiza que tanto re-

zoaram sobre ello que onde ella vinha pera reduzir seu filho pera o serviço d'el-rei de Castella, Nuno Alvares redusse entonce a ella pera encaminhar o serviço do Mestre. E, sendo ambos d'accordo que era bem o que elle dizia, tornou ella a dizer a Nuno Alvares :

— «Filho, eu vos rogo e vos encommendo, pela minha benção, que, pois vós escolhestes o Mestre pera o servir e ficar com elle, que vós o sirvaes verdadeiramente, e vos não aparteis d'elle em nenhuma guisa, por cousa que avir possa. E eu farei logo pera vós vir Fernão Pereira, vosso irmão, que seja vosso companheiro em seu serviço.»

E elle disse que assim o faria. E o Mestre, sabendo por certo aviso como ella era na cidade, e como vinha pera demover a seu filho da vontade que tinha pera o servir, foi-a vêr ás casas onde pousava, e contou-lhe como sua tenção era de se poer a defender o reino, e que entendia que ella não viria ali salvo por demover seu filho da vontade que tinha pera o servir; e que porém lhe rogava que em tal cousa se não quizesse entremetter, nem o torvasse, que esto a que ella se queria oppoer era serviço de Deus e honra do reino; e que esperava em Deus que Elle lhe encaminharia tão bem seus feitos que seu filho sahiria d'elles com grande accrescentamento de sua honra.

E, falando ambos em esto, ella lhe respondeu quanto lhe prazia de seu filho ficar com elle pera o servir, e que assim lh'o tinha mandado, pela sua benção; e então se partiu a d'hu viera, e falou com seu filho Fernão Pereira, e encaminhou de tal guisa com elle que se partiu logo com a sua gente e foi a Lisboa pera o Mestre.

CAPITULO XLI

Como o Mestre falou com os do seu conselho sobre sua ficada ou partida do reino.

TORNANDO a falar nos feitos do Mestre, de que cessamos, por levar a rainha a Santarem e trazer Nuno Alvares a seu serviço, foi assim que n'esta sezão Nuno Alvares veio para elle.

Era o Mestre em grão cuidado e desvairados pensamentos, porque alguns de seu conselho lhe diziam que não aguardasse el-rei de Castella com seu grão poder no-reino, mas que se fosse pera Inglaterra, espertando muitas razões porque o devia de fazer e assignando certos proveitos e seguranças que se d'ella seguiam, dizendo, entre outras cousas, que por azo de tal partida elle poderia alá haver tantas ajudas de gentes pera que depois poderia tornar ao reino e cobrar com muito sua honra, sem perda das gentes e damno da terra.

Outros eram de todo contra esta opinião, desfazendo os ditos de taes com outras contrairas razões, assim como Nuno Alvares, e Ruy Pereira, e Alvaro Vasques de Goes, e o doutor João das Regras, e Alvaro Paes, e o doutor Martim Affonso, dizendo que a partida do Mestre não era boa, nem serviço de Deus nem seu, porque, indo-se elle fóra da terra, ficava o reino desamparado e sem defensor, e em tanto cobraria el-rei de Castella a cidade e outros logares que lhe relevavam, e dal-os-hia a taes pessoas e afortaleceria de tal guisa que se não pode-

riam depois cobrar senão com grande affan e espargimento de sangue; e que porém lhe pediam por mercê que assossegasse no reino e não se partisse d'elle, que Deus, que a esto o chamara e escolhera, encaminharia seus feitos com grande accrescentamento de sua honra e estado.

E o Mestre ouvia as razões de alguns e dos outros, e reprovou aquelles que o aconselhavam que se partisse do reino; assignando-se certas e notaveis razões porque o devia de o fazer, seu grande coração, desejador de cavalleirosos feitos, o fazia inclinar a todavia ficar em elle e se poer em qualquer aventura, por defensão da terra. Mas d'esta tenção o torvavam muito os que lhe aconselhavam o contrairo, em guisa que o faziam duvidar.

E um dia, depois de comer, o Mestre mandou chamar os de seu conselho, e Nuno Alvares com elles; e, como todos foram juntos, e o Mestre se poz ante elles, dizendo em esta guisa:

— «Amigos, vós vedes bem o grande perigo em que o reino está, e como partindo-me eu d'elle, segundo alguns de vós outros dizem, elle seria de todo perdido e sujeito a el-rei de Castella; de guisa que taes hi ha que dizem que melhor era, por defensão da terra, morrer honradamente que cahir em servidão de seus inimigos. E de mim vos digo que em tal tenção tenho, e sou disposto pera ficar em ella e não me partir por nenhuma maneira.»

Sobre outro sim, accordados os do conselho que eram d'este bando disseram que o Mestre dizia mui bem, e foram mui ledos com suas razões, pedindo-lhe por mercê que assim o fizesse e não curasse de outro conselho; e que elle e todos os outros serviriam bem e lealmente, e que esperavam no pode-

roso Deus que Elle trazieria seus feitos a tão bom fim que seria muito com sua honra e de todo o reino.

E depois de grandes razoados que sobre esto houveram falados foram todos d'accordo que o Mestre ficasse no reino e não se partisse d'elle, e começaram de falar em outras cousas e na tomada do castello.

CAPITULO XLII

Como o Mestre quizerá combater o castello e como o cobrou sem combate.

ACABADO esto, que haveis ouvido, disse o Mestre que um dos empachos que tinha n'este feito, era o castello da cidade que estava contra elle por parte da rainha o qual cumpria muito de ser filhado por a cidade não receber damno por elle d'algumas gentes se vir quizessem contra ella. Nuno Alvares e os outros do conselho disseram que o não tivesse nem se anojasse por ello, que Deus lhe dera já a cidade lhe daria o castello.

Ora assim aveiu que pensando a rainha nas cousas traspassadas era seu coração a meude cercado de gastosos pensamentos, e receando o que se depois seguisse, estando entonce em Alemquer, falou com o conde D. João, seu irmão, que era alcaide em Lisboa e tinha em ella muitos e bons vassallos, que lhe enviasse dizer que se lançassem no castello com seus escudeiros, por segurança de qualquer

cousa que avir podesse. Outorgado por o conde que esto era bem feito, fallou com Affonsoeanes Nogueira, que lá estava, que era d'elles, um que se viesse á cidade e falasse com aquelles que seus eram que o fizessem assim.

Affonsoeannes chegou a Lisboa e todos aquelles com que elle havia de falar eram já do Mestre des-ahi pelos escondidos, tendo outra crença mui contraira da primeira, sendo já de sua parte contra a rainha; quando falou com Estevão Vasques Felippe, des-ahi com Affonso Furtado e com Antão Vasques e outros bons da cidade e os achou mudados do que cuidou que tinha em elles, não quiz dizer o mais e foi-se pera sua pousada e corregeu-se o melhor que pode e lançou-se no castello pela porta da traição com uns dez ou doze escudeiros, e em se lançando assim nasceu uma voz publica pela cidade: «Traição, traição; acorrei ao Mestre que o querem matar.»

As gentes que o ouviram foi mui grande alvoroço em elles e começaram de se armar e correr á pressa contra o castello por quanto o Mestre fôra pouzar nos paços do bispo, que são a cerca d'elle, como ordenou de o tomar, e, vendo os que alli iam que não era nada o que lhe disseram tornaram-se mui sanhudos rezoando muitas palavras de ameaça contra quaesquer que se tal cousa tremetiam de fazer.

Martim Affonso Valente, um dos honrados da cidade que era alcaide do castello, por o conde João Affonso, irmão da rainha, foi requerido que o desse ao Mestre e não consentisse que por elle viesse mal á cidade e a todo o reino, pois portuguez verdadeiro era, dizendo por muitas razões porque o devia fazer. Martim Affonso se escuzava d'ello

dizendo que o não faria por nenhuma guisa, por ter d'elle feita menagem e cahir em mau caso com grande seu doesto e todos os que d'elle descendessem.

Ordenou então de o combater, e mandou fazer um artificio de madeira que chamam gata, que como uma baixa cava, que entonce o castello tinha fosse cheia, podesse ir por cima juntar com elle e de se ella podesse picar o muro e entrar dentro, e diziam os de fóra aos de dentro: «que o dessem ao Mestre seu senhor, senão que juravam a Deus que poeriam em cima da gata Constança Affonso, madre de Affonsoeannes Nogueira e irmã da mulher de Martim Affonso, alcaide do castello, e isso mesmo as mulheres e filhos de quantos dentro eram, e que então deitassem de cima fogo e pedras em quaes d'ellas quizessem». Alguns de dentro receando-se d'isto diziam ao alcaide que antes se sahiriam fóra e não ajudariam a defender o castello que terem azo de matar as mulheres e os filhos. Da guisa que lhe diziam em esto ante que a gata fosse feita, nem a cava cheia pera ir por cima.

Disse Nuno Alvaro ao Mestre que elle queria ir falar com Martim Affonso Valente e com Affonsoeannes Nogueira sobre o feito do castello e que entendia que lh'o daria.

O Mestre disse que lhe prazia, e foi Nuno Alvarres ao Castello e disse a Martim Affonso as razões porque o devia de dar ao Mestre, dizendo que não cumpria, que por seu azo se perdesse a cidade e o reino fosse em ventura posto, a qual cousa, pois verdadeiro portuguez era, não lhe deviá sentir o coração, e fazendo d'outro geito, que todo o mundo lh'o teria a mal e merecia de o apedrejarem todas as gentes do reino por ello.

Com estas e outras razões que lhe Nuno Alvares disse des-ahi Martim Affonso vendo todo o povo da cidade alvoroçado por tomar o castello e o combate que lhe queriam dar, e como os de dentro que estavam com elle diziam que se os d'aquella guisa combatessem que elles não haviam de matar as mulheres e os filhos por lh'o ajudar a defender que não havia poder de se ter muito tempo. E entonce disse Martim Affonso a Nuno Alvares que lhe prazia de dar o castello ao Mestre, mas que o faria primeiro saber á rainha e ao conde D. João, ao qual d'elle tinha feito menagem.

Nuno Alvares disse que logo ficasse determinado; até aquelle dia se soffreria de o combater e que lhe desse segurança darrefens por elle não sendo acorrido a aquella sezão.

E então se preitejou Martim Affonso que não lhe vindo acorro até quarenta horas, que o castello fosse entregue ao Mestre sem outra contenda. E foi posto em arrefens, em poder de Nuno Alvares, Affonsoeannes Nogueira, e trouxe-o comsigo pera sua pouzada.

Os da cidade como souberam que o castello era preitejado corriam todos pelas comarcas, e toda aquella noite foi posta grande guarda em toda Lisboa, dormindo d'arredor do monte com muitas candeias accesas, velando com grande cuidado pera embargar qualquer ajuda, se acontecesse de vir ao alcaide.

Martim Affonso mandou á pressa um escudeiro a Alemquer, fazendo saber ao conde em que ponto era com os da cidade e como o queriam combater e de que guisa. E quando lhe o escudeiro contou que os da cidade diziam que lhe poeriam as mulheres e os

filhos em cima da gata e que matassem quaes d'elles quizessem, começou o conde de se sorrir, e disse:

—Que em verdade bom sabroço era esse, que vos elles punham pera lhe haver de dar o castello; dizei que houvestes vontade de lh'o dar e destes-lh'o. Parece-me que fostes taes com esse medo que vos pozeram por vos espantar, como a raposa que estava ao pé da arvore e ameaçava com o rabo o corvo que estava em cima com o queijo no bico por lh'o haver de deixar, e vós outros taes fostes; tomastes medo vão do que não houvereis de tomar e por terdes azo de lh'o dar mais cedo, fostes-lh'o aprazar a certas horas por não poder ser acorrido. Eu gentes não tenho aqui taes com que lhe possa acorrer, ainda que as aqui tivesse o prazo é tão pequeno que sómente pera ferrar não haveria espaço.»

O escudeiro respondeu que Martim Affonso não podera maior tempo haver, que ainda aquello lhe deram de mui mámente.

Fallou entonce o conde á rainha e contou-lhe o geito que os da cidade queriam ter em o combater. E ella disse que pois assim era que lhe mandasse dizer que lh'o entregassem, que quem depois houvesse a cidade haveria o castello. Tornou-se o escudeiro com este recado e passou o prazo e foi entregue o castello ao Mestre, a trinta dias d'aquelle mez de dezembro, e foi pousar em elle e mandou-o devastar e tirar as portas da parte da cidade, por conselho de todo o povo. Martim Affonso, como deu o castello ao Mestre, veio-se pera sua mercê com os que dentro eram e elle e Affonsoanes e outros todos se houveram depois sempre bem e lealmente.

CAPITULO XLIII

Como foi tomado o castello de Beja e morto o almirante Mice Lançarote.

A rainha ante d'esto, como o conde João Fernandes foi morto e o levantamento de Lisboa feito, havia mandado por o reino suas cartas assim aos alcaides dos castellos como aos homens bons das villas e cidades, fazendo-lhe queixume do que havia acontecido e a maneira que deviam ter em tomar voz por sua filha. E isso mesmo escreveu a el-rei de Castella, que se trabalhasse de vir á pressa ao reino, o qual n'esta sezão era já na Guarda, segundo adeante podereis vêr.

Assim que por azo de sua vinda, como por todos os mais do reino serem da parte da rainha, foi alçado voz e pendão por sua filha da guisa que lhe escreveu em suas cartas. Mas este tomar de voz e alçamento de pendão, com tal titulo, como se apregoavam, era mui grande cousa de ouvir á gente pequena dos lugares. E não podendo contradizer ás grandes pessoas, gastavam-se em si mesmos consentindo com medo e temor, a que contradizer não podiam. Assim como aconteceu em Extremoz a Joanne Mendes de Vasconcellos, primo da rainha D. Leonor, que aquelle tempo tinha o castello quando levantaram voz por a rainha D. Beatriz e o trouxeram pela villa Lopo Affonso e Lourenço Dias com alguns outros do lugar, por que viram que o outro povo era posto em travanca e mal contente

d'aquelle feito, logo disseram que mister havia na praça cutello e açoute pera decepar os que contradissem o que elles faziam. E durando esta divisão nos corações de uns e dos outros foi sabido pelo reino como o Mestre tomara carregos de se chamar regedor e defensor do reino e como tomara o castello de Lisboa e o tinha já em seu poder.

E alguns do reino, que d'esto souberam parte, prouve-lhe muito e especialmente aos povos meus, e aos outros, que eram da parte da rainha, pezava assaz, posto que entendessem que todo era vaidade.

Ora assim aveiu que em Beja estava por alcaide Gonçalo Vasques de Mello e tinha o castello em voz pela rainha, e em esto escreveu outra vez a rainha suas cartas ao conselho de Beja, que tivessem toda a voz por ella e que se el-rei de Castella acontecesse de vir por hi que o acolhessem na villa sem nenhum arreceio e temor, porque elle os defenderia de quem quer que lhe nojo quizesse fazer, e lhe faria por ello muitas mercês.

As cartas recebidas pelos principaes do lugar mandaram deitar pregão pela villa que todos ao outro dia fossem ouvir recado das cartas que sua senhora a rainha mandara.

No dia seguinte juntaram-se Estevam Malfado, e João Afonso Netto e Mestre João e Rui Paes Caçoto e Mendafonso, e outros honrados do lugar, e apartaram-se todos á porta pequena de Santa Maria da Feira e começaram de vêr aquello que lhe a rainha escreveu.

O povo era muito que estava pelo adro aguardando que lhe dissessem que novas eram aquellas que a rainha mandava dizer, e trigando-se as von-

tades de todos, disse um que chamavam Gonçalo Ovelheiro contra os outros:

— «Não está ora aqui nenhum que vá saber que cartas são estas, ou que recado é este que a rainha manda.»

Fallou elle entonce com um bom escudeiro que chamavam Gonçalo Nunes Dalvellos, que era nem grandes nem dos mais pequenos, e disse contra Vasco Rodrigues Carvalhal:

— «Queres-me ajudar tu e irmos saber que cartas são estas?»

E elle disse que lhe prazia, e então se juntaram com elles até uns trinta e chegaram hu estavam aquelles honrados, e fallou Gonçalo Nunes e disse:

— «Que cartas são estas que vós ledes de que nós não sabemos parte? Por ventura esta villa ha-se de manter e defender por quatro, ou cinco que vós aqui sois? Certamente não, mas por nós outros, que aqui moramos.

Disse entonce Estevam Faledo:

— «Que união é esta com que vós assim vindes? Respondeu Gonçalo Nunes dizendo:

— «Isto não é união mas queremos saber que cartas são estas.»

Falou entonce Mendafonso e disse que elle perguntava bem e que era bem que as vissem.

E então se metteram todos no paço do conselho, e parte dos outros com elles, e lendo as cartas deram-nas a um tabellião que as publicasse aos de fóra, e elle sahiu a elles e disse:

— «Amigos: o feito é este; eu não vim pera me mais deter em lêr. O que aqui vem em conclusão é esto: se quereis ante uma voz dizendo com o Mestre.»

Esses maiores quando esto viram partiram-se logo pera suas pouzadas e não ouzaram de parecer. E elles em esto sem mais tardança viram parecer gente d'armas no castello, entonce começaram todos de bradar: Alcacere, ao castello! Alcacere, ao castello! E D. Gonçalo Nunes cavalgou á pressa e os outros todos se foram armar e começaram logo de ir a combater.

O alcaide quando esto viu poz fogo a duas torres em que estava muito almazem pera os da villa se não prestarem d'elle, acontecendo de ser tomado.

E os de dentro defendendo-se rijamente e ferindo alguns de fóra. Pozeram os da villa fogo ás portas do castello e como foram ardidadas entraram dentro, uma quarta feira, a horas de comer, e tomaram o Alcaide e pozeram-no em salvo alguns que lhe bem queriam.

Gonçalo Nunes e Vasco Rodrigues tomaram logo o castello e alçaram voz pelo Mestre roldando e velando a villa, as portas fechadas em nome d'elle, e velando-se assim a dita villa depois d'esto por alguns dias, chegou ao serão, em cima de uma egua, um homem do Campo de Ourique e falou aos da villa dizendo: que dissessem ao que tinha carrego de reger a villa que aquella tarde chegára o Almirante Mice Lançarote a um lugar que chamam os Collos, que são d'ahi dez leguas, e que se ia a Odemira, que é reino do Algarve, pera se alçar com elle e tomar voz por el-rei de Castella.

Gonçalo Nunes como esto soube levou consigo cincoenta de cavallo e cento entre bestarias e homens de pé, e andaram toda a noite em guisa que chegaram a elle ante manhã. E o Almirante tinha já sellado pera cavalgar elle e os seus, e assim armados como estavam, foram todos presos, e mouros

e mouras e azemolas, com quanto haver levavam, e aos seus tomaram as armas e bestas e leixaram-nos ir. E o Almirante veiu pera a villa em cima de uma mula. E elle no lugar pozeram-no na torre da menagem, dizendo elle aficadamente a todos:

— «Amigos, mandae-me a meu senhor o Mestre, bem preso e arrecadado, e não me queiraes matar sem porque.»

E elles diziam que não houvesse medo.

Emquanto Gonçalo Nunes foi levar ao Mestre todo quanto lhe havia tomado, receando-se os da villa que se levantasse o Almirante com o castello, foram-se um dia todos alá e disseram a Vasco Rodrigues que o lançasse fóra, e elle raceando-se d'elles foi-se para sua casa e leixou-o na torre. O Almirante, quando esto viu, começou de se defender o melhor que poudes e elles bradando que descesse a fundo e não houvesse medo.

Houve-o de fazer, cuidando de achar em elles piedade e compaixão. Mataram-no de má e deshonorada morte, e assim acabou seus postumeiros dias.

CAPITULO XLIV

Como o castello de Portalegre e Extremoz foram tomados.

N'ESTA guisa que haveis ouvido se levantaram os povos e outros muitos lugares, sendo grande scisma e devisão entre os grandes e os pequenos, o qual ajuntamento dos pequenos povos, que se entonce assim ajuntavam chamavam

n'aquelle tempo Arraia meuda, os grandes escarnecendo dos pequenos chamando-lhe povo do Messias de Lisboa que cuidavam que os haviam de remir da sujeição d'el-rei de Castella.

Os pequenos aos grandes depois que cobraram coração, que se juntavam todos em um, chamavam-lhe Traidores scismaticos que tinham da parte dos castellãos por darem o reino a cujo não era. E nenhum por grande que fosse era ousado de contradizer a estos nem falar por si nenhuma cousa, por que sabia que como falasse morte má tinha logo prestes, sem nenhum mais puder ser bom. E era maravilha de vêr que tanto esforço dava Deus n'elles, e tanta cuvardice nos outros que os castellos que os antigos reis por longos tempos, jazendo sobre elles com força de armas, não podiam tomar, os povos meudos, mal armados e sem capitão, com os ventres ao sol, ante de meio dia os filhavam por força, entre os quaes foi um o castello de Portalegre, de que era alcaide D. Pedralvares, priol do Esprital, e da sua mão tinha voz por a rainha, assim como os outros, que se juntaram os da villa uma quinta feira pela manhã e começaram combater, e ante de meio dia, com ajuda de Deus, foi filhado.

Similhavelmente os da villa de Extremoz postos em grande alvoroço cometteram ao alcaide que leixasse o castello e se viesse pera a villa que d'outra guisa mais seriam d'elle seguros. Joane Mendes disse que o não faria por cousa que fosse, que de o fazer lhe vinha grande deshonra e prásmo.

Vendo elles sua resposta determinaram de o combater, e tomaram um carro e puzeram-no na praça, e ordenaram de poer n'elle as mulheres e filhos dos que dentro estavam com o alcaide, que eram todos

naturaes do lugar. Os de dentro quando esto viram disseram a Joane Mendes que deixasse o castello aos da villa, que d'outra guisa o não entendiam de ajudar.

Vendo-se elle em tal apertada, mandou dizer aos de fóra que lhe enviassem pessoa segura com quem falasse, e acordar-se-hia com elles.

Mandaram entonce Frei Lourenço, Guardião de S. Francisco, e outros com elle que fossem ao castello, e Joane Mendes propoz muitas razões a se escuzar de não ser com Castella, mas ser verdadeiro portuguez como elles, mas suas falas não prestando nada foi determinado que todavia leixasse o castello e fosse entregue a um dos da villa que o tivesse.

Outorgou o Alcaide que lhe prazia, porque não pôde mais fazer, e foi entregue a um escudeiro que chamavam Martim Peres, e o alcaide foi logo fóra do Castello e depois se foi pera Moura que tinha Alvaro Gonçalves por el-rei de Castella.

E os do conselho mandaram tirar as portas da torre e as do Castello contra a villa, e derribar o peitoril e ancas d'aquella parte, e des-ahi em deante foi o castello vellado e roldado pelo Mestre e posto em puder do povo meudo.

E não sómente os homens, como dito é, mas as mulheres entre si tinham bando pelo Mestre contra qualquer que de sua parte não era, em guisa que um dia se levantaram Mor Lourenço e Margaridaeanes, adella, e outras mulheres em razões contra Maria Estevens, madre de Nuno Rodrigues de Vasconcellos, dizendo que seu filho dissera mal do Mestre e que era castellão e ellas por si o mataram e foram-no lançar do muro a fundo.

CAPITULO XLV

Como o Alcaide de Evora quizerá ter voz por a rainha, e foi tomado o castello pelos da cidade.

OUVINDO esto que aconteceu em alguns logares, Alvaro Mendes de Oliveira, alcaide mór da cidade de Evora que então tinha o castello por a rainha, e vendo que semelhantes cousas do que acontecia aos outros, podia acontecer a elle, e que não tinha outras gentes comsigo com que o defender pudesse, salvo alguns seus criados, assim como Gonçaloanes Melão e Martim Brabol, Ruy Gil, e outros até sete ou oito por todos mandou um dia chamar Martim Affonso Carvalho, que era então juiz, e assim era cazado com uma donzella da rainha D. Leonor, e Gonçalo Lourenço, alcaide pequeno, e Vasco Martins Poizado, escrivão da camara do conselho, e Ruy Gonçalves Medidor e Martim Velho e Alvaro Vasques Mercador, e outros honrados do lugar, e indo todos a seu chamado lhe propoz tantas e taes razões por parte da rainha que elle queria ter, que todos outorgaram de se vir pera elle e lh'o ajudarem a defender, como se todos lançaram dentro e foi sabido pela cidade.

Logo em este dia Diogo Lopes Lobo e Fernão Gonçalves Darca, e João Fernandes, seu filho, que eram uns dos grandes que hi havia com todo o povo da cidade, se levantaram contra elles e foram combater o castello, subindo em cima da Sé, e isso mesmo do açougue, que são logares altos, du lhe podiam empécer as bestas, e d'alli tiravam muitos virotes

aos que estavam no castello, o qual era mui forte, de torre e muro, e seco de cava e mui mau de tomar sem grão trabalho. E por os fazerem render mais azinha tomaram as mulheres e os filhos dos que dentro eram para o defender e pozeram-nos em cima de senhos carros todos amarrados em elles, que era um jogo que os povos meudos em similhante caso muito acostumavam de fazer.

E chegaram á porta do castello bradando aos de cima que subissem fóra e o desamparassem logo, senão que as mulheres e os filhos lhe queimariam todos em vista e presença d'elles. E em dizendo esto começaram a poer fogo ás portas com grande alvoroço e arruido de muita gente.

O alcaide quando esto viu fallou com aquelles que eram dentro com elle, receando-se de cahir na destemperada sanha do povo acordaram de lhe dar o castello ante que se mais fizesse, e foi a preitezia que os leixassem sahir fóra do castello e da cidade em salvo e fóra d'ahi com sua honra e lh'o leixariam desembargadamente. E depois que os seguraram com esta condição foram lançados fóra pela porta da traição, tendo cerradas todas as portas da cidade, receando-se que os não fossem roubar o povo meudo depois que saíssem.

O castello que era bem forte e afito, e que não fôra tomado tão á pressa da guisa que o foi senão fôra pelo modo que tiveram em poer as mulheres e filhos em carros, como foi tomado, logo foi roubado de quanto hi acharam, e derribado por muitas partes, e posto fogo dentro em elle de guisa que queimadas casas e quanto em elle havia, ficou devasso como pardieiro sem parte defensavel que em elle ouvesse.

A porta da traição foi logo quebrantada que nenhum não podia sahir nem entrar no castello. O alcaide se foi pera Fernão Gonçalves de Sousa que estava em Portel e tinha voz por Castella, e dos outros alguns se foram pera Pedro Rodrigues da Fonseca que era alcaide de Olivença, e d'elles pera Pai Rodrigues que era alcaide de Campo Maior, que tinham ambos voz por Castella.

E foi a tomada d'este castello aos onze dias do mez de janeiro da sobredita era de mil quatrocentos e vinte e dois annos.

CAPITULO XLVI

Como os da cidade se levantaram contra a abadessa, e do geito que tiveram em a tomar.

TOMADO o castello da guisa que dissémos, ficou o povo da cidade cheio de grande alvoroço, fóra de todo bom costume, começaram de se mover por brava sanha multiplicando novos queixumes contra quem lhe nunca havia feito erro.

Uzavam de seu livre poder desdenhando que na primeira tomavam capitães assim como Diogo Lopes Lobão, e Fernão Gonçalves, e outros grandes. E tendo suspeita sobre elles disseram que se amavam serviço do Mestre e eram de sua parte, que se fossem a Lisboa pera o servir e ajudar a defender o reino, e elles vendo que lhes não cumpria entender sobre esto fizeram-no assim e vieram-se pera o Mestre.

Os maiores daquestes alvoroços, eram Gonçaloanes Cabreiro, e Vicenteeanes, alfaiate e seguindo seus feitos como lhe deu a vontade e traziam apellido abite, abite aqui desdabite. E como alguns d'elles diziam: vamos a Foão matal-o, ou roubal-o, logo assim era feito sem lhe valer nenhum dos grandes da cidade, posto que se por elle quizesse poer.

Ora aveiu que n'esta sezão estavam as freiras e abadessa de S. Bento em um seu mosteiro não longe d'esse logar dentro na cidade, em umas suas casas que são no muro e os brados corressem e temor de guerra que se já ontonce começava descubertamente.

E andando o povo em tal alvoroço sem outra occupação com que despendesse o tempo, nasceu uma voz (segundo alguns recontam) dizendo que Gonçaloanes Cabreiro, um dos Capitães d'aquella opinião falou contra aquelle povo e disse: vamos matar a aleivosa da abadessa, que é parenta da rainha e sua criada.

Outros diziam d'outra maneira. Esta parece mais razão, s. que a abadessa ouvindo como elles andavam d'aquella guisa e as cousas que faziam que disse de geito que o souberam elles:

Ex se os bebados andam com suas bebedices, deixai-os vós que ainda se elles mal hão de achar por estas cousas que andam fazendo.

Ora por qualquer guisa que fosse, alevantou-se contra ella e não foi em vão. E foram-na logo buscar ás casas onde assim pouzavam, e não a acharam em ellas que ella fôra ouvir missa com suas freiras á egreja cathedral d'esta cidade, segundo havia em costume, uma servidora de sua casa quando viu que assim buscavam, correu á pressa e foi-se dizer-lhe

como a buscavam d'aquella maneira, e ella com grão medo que houve d'elles, a quem defensão não esperava d'haver, leixou de ouvir missa e metteu-se no thesouro, e tomou a capa em que vão a commungar e dizem que estava entonce o corpo de Deus consagrado e tendo-o assim nas mãos, abraçando-se com elle, os que não a acharam em casa foram-na trigosamente buscar á Sé e em entrando todos com grandes brados do seu apelido que traziam abite, abite.

E como todos chegaram por ella mostrando grão desejo de a achar, sahiram entonce a elles Gonçalo Gonçalves, que era d'ahi, Adayão e Mem Pires, chantes, e outros beneficiados por os desviarem da tenção que traziam, e nunca tanto puderam dizer nem pregar da parte de Deus e de Santa Maria, dizendo que lh'a leixassem por entonce e a não tirassem da egreja que elles a tirariam á pressa e bem guardada pera se fazer d'ella direito.

E se alguns mal fizera, ou dissera que nunca o fazer quizessem, nem isso mesmo as doridas preces d'ella puderam amansar a braveza d'aquelle sanhoso povo. Mas sem nenhuma reverencia do Senhor que nas mãos tinha que os por então leixou uzar de seu livre poder por juizo a nós não conhecido lhe tomaram o corpo das mãos, e a tiraram fóra do thesouro e levando-a assim ante que chegassem á porta da escada lançou-se um d'elles a ella rijamente e levou-lhe o manto e as toucas fóra da cabeça sem outra cobertura. E indo mais adeante ante que chegassem á porta principal lançou-se outro homem a ella e cortou-lhe as fraldas de todas as vestiduras em tanto que lhe pareciam as pernas todas, e parte dos vergonhosos membros.

E assim a tiraram fóra da Sé, deshonoradamente

e a levaram pela rua des-ahi até á praça. Em aquelle lugar lhe deu um d'elles uma cutilada pela cabeça de que cahiu morta em terra e des-ahi os outros começaram de a cutilar pela calçada cada um como lhe aprazia. E entonce a leixaram assim jazer na praça e foram comer e buscar outros desfadamentos, e acerca da noite, vieram aquelles que a mataram e lançaram-lhe um barço nos pés e levaram-na até ao Rocio acerca do curral das vaccas e leixando assim aquelle deshonorado corpo alguns que d'isso ouveram sentido, o tomaram de noite e a soterraram na Sé escondidamente que d'outra guisa não eram ousados de o fazer de praça.

CAPITULO XLVII

Como foi lançada voz pelo Mestre na cidade do Porto, e da maneira que o povo em ello teve.

DEVEIS de saber que tanto que o Mestre tomou cargo de regedor e defensor dos reinos e soube que el-rei de Castella vinha com seu puder para entrar em elles, que logo escreveu suas cartas a algumas villas e cidades, e isso mesmo a certas pessoas, notificando-lhe em ellas como bem sabiam da guisa que estes reinos estavam em ponto pera se perder, e como el-rei de Castella vinha pera os tomar e metter os povos d'elles em sua sujeição contra ordenança dos tratos, que prometidos tinha, a qual cousa devia ter por tão grave e tão estranha que antes se todos deviam

aventurar a morrer sobre tal demanda, que cahir em servidão tão odiosa. E que elle por honra e defensão do reino e dos naturaes d'elle se despozera a tomar carregos de o reger e defender, o que com a graça de Deus, entendia levar adeante com a sua boa ajuda d'elles, e que porém lhe rogava que todos de bom coração, como verdadeiros portuguezes, tivessem voz por Portugal e não curassem em nenhuma cartas que lhe a rainha e el-rei de Castella em contrario d'esto mandassem. Entre os logares a que seu recado chegou foi a cidade do Porto onde suas cartas não foram ouvidas em vão. Mas como foram vistas concordaram muito prestes, logo se ajuntaram todos, especialmente o povo meudo, e alguns outros d'essa natural gente duvidando receavam muito de poer em tal feito mão. Então aquelles que chamavam arraia meuda disseram a um por nome chamado Alvaro da Veiga que levasse a bandeira pela villa e voz em nome do Mestre d'Aviz, e elle refuzou leval-a mostrando que o não devia de fazer, qual logo foi chamado traidor, e que era da parte da rainha, dando-lhe tantas cutiladas e assim de vontade que era sobeja cousa de vêr estar morto. Não se fez mais n'aquelle dia mas juntaram-se no outro seguinte com sua bandeira tendida na praça, tendo ordenado que a levasse um bom homem do lugar que chamavam Affonsoeanes Pateiro, e se a levar não quizesse que o matassem logo como o outro.

Affonsoeanes como soube d'esto parte por alguns d'elles que eram seus amigos e bem cedo pela manhã, primeiro que o convidassem pera tal obra, foi-se á praça da cidade, onde já todos eram juntos pera a trazer pera o logar, e ante que lhe nenhum dissesse que a levasse deitou elle mão da bandeira dizendo

altas vozes que o ouviram todos: Portugal, Portugal, pelo Mestre d'Aviz.

Então cavalgou Affonsoeanes em riba de um grande e formoso cavallo que pera esto já alli estava prestes, trazendo-o muito honradamente por toda a cidade e acompanhado de muita gente assim clérigos como leigos, bradando todos a uma voz: Real, Real pelo Mestre d'Aviz, regedor e defensor dos reinos de Portugal.

E andando assim pela cidade foram-se onde grandes tempos havia que era posto entredicto e não suterravam nenhum, e começaram de tanger sinos e fazer dizer missas e suterrar os mortos, onde jaziam enterrados, e trazel-os dentro á egreja, e nenhuma pessoa ouzava esto de contradizer. Prégou entonce um frade muito a proposito de sua intenção, concluindo que todos haviam de ser unidos em uma vontade e desejo, e não andar entre elles desvairados nenhuns, mas servir o Mestre lealmente e de bom coração como verdadeiros portuguezes, pois que se punham a defender o reino para o livrar da sujeição d'el-rei de Castella. Muito foram todos contentes das razões que o frade prégou, e des-ahi em deante nenhum desaccordo houve entre elles, mas todos de um talento dispozeram a ter e seguir a tenção do Mestre, e d'esta guisa que tendes ouvido tomaram os povos meudos muitos castellos dos alcaides d'elles, que por não alongar leixamos de dizer, alçando voz com pendões pela villa, bradando todos e dizendo:

— «Portugal, Portugal pelo Mestre d'Aviz».

E não guardavam divido nem amizade nenhuma que sua tenção não tivesse, mas quantos eram da parte da rainha todos andavam á espada.

Quanta desacordança pensais que era depois de paes com filhos e irmãos com irmãs e de mulheres com os maridos! A nenhum era ouvida razão nem escusa que por sua parte dar quizesse mas como um falava dizendo: que Fuão é d'elles; não havia cousa que lhe desse a vida nem justiça que o livrasse de suas mãos; e isso era especialmente contra os melhores e mais honrados que havia nos lugares, dos quaes muitos foram postos em grande cajúo de morte, roubados de quanto haviam, e d'elles com medo fugiam pera as villas que tinham voz por el-rei de Castella. Outros se iam pera fóra do reino leixados seus bens e todo quanto haviam, e os quaes logo o Mestre dava a quem lh'os pedia, e os meus corriam apoz elles e buscavam-nos e prendiam-nos tão de vontade que parecia que lidavam pela fé.

CAPITULO XLVIII

Porque razão enviou o Mestre embaixadores a Inglaterra, e da respôsta que lhe de lá veiu.

PORQUE toda a razão outorga que melhor e mais poderosamente pôdem os muitos dar fim a uma grão cousa quando a começar querem, que os poucos por mui ardidos que sejam, ordenou o Mestre com os do seu conselho, que era bem d'haver gentes em sua ajuda, e acordaram de enviar pedir a el-rei de Inglaterra que lhe prouvesse dar lugar e licença aos do seu reino, que por soldo e á sua vontade viessem ajudar contra seus inimigos, e

foi ordenado de irem lá por embaixadores Lourenço Martim, criado do Mestre, que depois foi alcaide de Leiria e Thomar, e Daniel Ingres, os quaes partiram em duas naus dante a cidade, e n'aquelle mez de dezembro. E depois foi acordado de mandarem D. Fernando Affonso de Albuquerque, Mestre da Ordem de Santiago, e Lourençoeanes Fogaça, Chancel mór que fôra d'el-rei D. Fernando, o qual então, na Sé, o Mestre fez cavalleiro ante que partisse. Onde sabeí que este D. Fernando Affonso de Albuquerque, estando na villa de Palmella se veiu com todas suas gentes a Lisboa pera o Mestre e o recebeu por senhor, e ficou por seu vassalo pera o servir. Mas porém, não embargando esto por quanto lhe fôra feito por a rainha, receando-se d'elle que se puderia deitar com el-rei de Castella e lhe dar as fortalezas do Mestrado, disseram que era bem que fosse por embaixador alongado de tal azo. Des-ahi que era mór honra do Mestre taes embaixadores que de mais pequena condição, outorgaram todos de o enviar e embarcaram em dois navios, o Mestre em uma nau e Lourençoeanes em uma barca.

Foram sua viagem e chegaram d'aquelle dia a oito dias que era sexta feira a uma villa que chamam Priamua, lugar de Inglaterra, e d'alli ouveram bestas e encaminharam-se pera Londres, onde el-rei entonce estava, e foram d'elle bem recebidos e de todos os seus e fidalgos da côrte, e depois foram falar ao d'Alencastro. E ordenou el-rei de ter conselho em uma cidade Saras, depois que o duque veiu, e ali propozeram sua embaixada, cuja conclusão em breve era esta.

«Que sendo o reino por seu azo despachado e livre dos inimigos que toda a ajuda que lhe os portugue-

zes fazer pudessem assim de galés, como de seus corpos onde elle por seu serviço mais entendesse que eram muito prestes de o fazer. E mais que se o duque d'Alencastro por seu corpo vir quizesse ao reino de Castella, que lhe por azo de sua mulher, de direito pertencia, que tinha o tempo muito prestes e todo Portugal em sua ajuda. E levava o Mestre e Lourençoannes pera firmar esto e outras cousas, grandes e largos poderes pera processão do Mestre, e de Lisboa e do Porto.

El-rei havendo sobre ello acordo, prouve a elle e a todos os do conselho que quaesquer gentes d'armas que por soldo e em ajuda de Portugal lhes prouvesse vir, que livremente o pudesse fazer, jurando el-rei e promettendo que não faria menos pera pôr em obra toda a boa ajuda que n'este feito dar pudesse, do que faria por defender seu reino. E por quanto o duque d'Alencastro era em Calés a tratar tréguas com el-rei de França, e esperava por elle cedo pera lhe el-rei dar o carrego como esto melhor fizesse e encaminhasse, trabalhou em tanto o Mestre e Lourençoannes Fugaça de enviar algumas gontes d'armas, archeiros, por a necessidade em que o reino estava, porém, foram poucos, dos quaes eram capitães um que chamavam Eleizabri e outro Trisinga e um cavalleiro Gascon, que havia o nome Gilho de Monferro. E elles prestes pera partir em duas naus mandou o Mestre a Lourenco Martins ao dito lugar de Priamua pera a fazer embarcar alli. E elle como alli chegou meteu-se com elle nos navios e veiu-se a Portugal como ao diante diremos, da qual cousa o Mestre e Lourençoannes Fogaça houveram muito grande queixume por se vêr d'aquella guisa. E tanto prouve aos Inglezes d'esta ajuda que lhe os

é justo e não desampara os que por justiça pelem, não desampará vossos feitos, mas fazervos-ha glorioso vencedor com grande e honrada victoria.

Nobre e excellente barão, todas vossas obras guie o Senhor Deus e vivaes bons e prolongados dias a vosso prazer. Escripta, etc.

CAPITULO XLIX

Como a cidade de Lisboa deu um serviço ao Mestre pera ajuda de fazer moeda.

JA vistes no recado d'el-rei D. Pedro quanto os reis de Portugal fizeram por ajuntar thesouros e haver riqueza por ter largamente que despende, quando lhe acontecesse de defender seus reinos ou mover outra guerra se vissem se lhe cumpria. E quanto elles trabalharam que aquelle thesouro não viesse a tal mingoa porque em taes misteres conviesse lançar peita ao povo, tanto trabalhou el-rei D. Fernando de o gastar sem necessidade por vãs guerras, e sem proveito e não sómente gastando todos os thesouros que lhe dos outros reis ficaram, mas lançou novamente sizas e mudou moedas em grande damno e destruição de todo seu povo, de guisa que quando o Mestre tomou cargo de regedor e defensor dos reinos não tinha nenhuma coisa com que manter a guerra, nem de que fizesse bem e mercê a aquelles. Entendendo todos que lhe convinha por serem livres de tal sujeição de acorrer a tamanha necessidade como esta, ordenaram de dar

ajuda, e fazer serviço ao Mestre d'alguns dinheiros, e prometeu-lhe a cidade cem mil libras em serviço, que eram mil dobras, e que pagavam os mouros e os judeus moradores em ella, as quaes lhe foram pagadas em dinheiros meudos e moeda branca e em prata. Moeda branca chamavam entonce graves e barbudas e pilartes. E estes dinheiros tiravam á pressa certas pessoas pelas freguezias e era mandado que qualquer que levasse moeda da cidade para fóra que a perdesse toda, e ouvesse o quinto o que a tomasse, e filhavam-na a alguns que a levavam escondidamente e entregavam-na ao Mestre. Além d'esto pediu o Mestre a algumas pessoas da cidade e de seu termo que entendeu que o podiam fazer, certos dinheiros emprestados, e todos lhe offereceram de boa vontade qualquer cousa com que o ajudar podiam.

E a communa dos judeus afóra o que lhe pagaram no serviço lhe emprestaram setenta marcos de prata. E emprestou-lhe mais a clerezia em cruces e calices e outros labores aquella prata que escuzar podiam, em guiza que a igreja cathedral da Sé com vinte egrejas que ha na cidade, lhe prefizeram duzentos e oitenta e sete marcos de prata, de que a Sé deu os oitenta e sete e as outras egrejas segundo que a cada um tinha escuzada.

E ordenou o Mestre para seu thesoureiro da sua moeda um mercador que chamavam Persival e a este foram entregues todos estes dinheiros e prata que dissemos, e mais novecentos marcos de prata que o Mestre tinha em sua camara e muitos dinheiros meudos em moeda branca e outras moedas de Castella que dizer não curamos, as quaes lhe entregou Affonso Martins, seu escrivão da puridade.

CAPITULO L

Como o Mestre ordenou de fazer moeda e de que liga e talho foi feita.

Como o Mestre teve encaminhado pera poder fazer moeda, ordenou logo de mandar lavar reaes de prata. Mas primeiro sabeí que ao tempo que o Mestre tomou esta voz de regedor e defensor do reino corriam-se em elle moedas que já dissemos ser dos Affonsis, que nove d'elles valiam um soldo e vinte soldos valiam uma libra.

E mais barbudas, que valiam dois soldos e quatro dinheiros, e graves que cada um valiam quatorze dinheiros, e pilartes, que valiam sete dinheiros, segundo é escripto em seu lugar, onde falamos do abaixamento que el-rei D. Fernando fez nas moedas.

E corriam mais reaes de prata de lei de dez dinheiros, e cincoenta e seis no marco. E a razão porque entonce foram taes nomes postos a estas moedas queremos aqui dizer. Quando el-rei D. Fernando começou guerra com el-rei D. Henrique, como ouvistes, vieram a Castella com elle muita gente de francezes, a que chamavam campanha branca, e vinham armados em esta guisa.

Traziam barcinetes com estosa e camal de malha com cara posta, e chamavam-lhe barbudas. E o cunho de que era cunhada aquella moeda tinha de uma parte uma cruz em aspa e em meio d'ella um escudo com cinco pontos de quinas e da outra parte barbuda com sua cara, e esta gente de armas traziam

graves com pendões pequenos em cima a que agora chamam lanças d'armas, e os moços que traziam as barbudas em cima dos chibaos chamavam posta grave, e nós chamâmos agora ás barbudas barcine-tes de careal e aos moços pagens, e d'aquelles nomes das armas levaram nomes aquellas moedas, cá o grave tinha uma lança no cunho e um pendão pequeno em cima, e da outra parte a aspa e quinas.

E correndo assim estas moedas juntamente valia a dobra cruzada cinco libras, e a nonisena quatro libras e meia, e o franco de ouro de França quatro libras, o marco da prata de lei de onze dinheiros vinte e duas libras.

E o Mestre ordenou de lavrar moeda nova de reaes de prata e da lei de nove dinheiros e des-ahi outros de cinco, e por o lavramento que mandava fazer de menos de lei ganhava pera as despezas.

E dizem alguns em suas historias que estes reaes primeiros que o Mestre mandou lavrar que prestavam pera algumas dôres, e alguns os encastoavam em prata e traziam-nos ao collo, e depois que o Meste reinou mandou lavrar reaes de lei de um dinheiro, que valia cada um dez soldos, e depois d'este mandou fazer outros reaes de tres libras e meia de tres dinheiros de lei. E quando ordenou de tomar Ceuta, segundo ao deante ouvireis, mandou lavrar uma moeda de reaes que chamavam branco, que valia um des de tres libras e meia e eram d'elles de tres dinheiros, e de sessenta e dois no marco.

E durando assim estas moedas foram em ellas feitas tantas mudanças de liga e talha, que serão longas de contar, de guisa que valia uma corôa cento e cincoenta reaes brancos de trinta e cinco libras e meia em que montavam seis mil duzentas cin-

coenta libras. Assim que por quanto achavam no tempo d'el-rei D. Fernando mil cento e setenta e tres dobras, não achavam depois mais de uma dobra. E estas mudanças lhe fez fazer a necessidade das guerras que muitas vezes com el-rei de Castella houve, por azo das quaes se lhe recresciam grandes despezas que escusar não podiam. E porém cumpre aqui de notar um grande dito e mui proveitoso que cada um rei e principe deve d'haver com seu conselho quando lhe tal necessidade avier, que o d'outra guisa remediar não possa, que mais val terra padecer, que terra se perder, que por taes mudanças e lavramento de moedas com ajuda do mui alto Deus o reino de Portugal foi por elle defeso, e posto em boa paz com seus inimigos, posto que as gentes em ella alguma mingua e damno sentissem.

CAPITULO LI

Como o Mestre deu lugar a alguns que lavrassem moeda, e por mantimento a muitas pessoas.

LEIXADAS as razões que abastadamente alguns escrevem mostrando quanto é proveitoso ao reino lavrarem todos moeda quaesquer que o fazer puderem, do modo que o Mestre em isso teve digamos e mais não.

Onde saber que n'esta sação que o Mestre mandou lavar sua moeda, sentindo por seu serviço e proveito, deu licença ao conselho de Lisboa que lavrasse uma somma de prata para ajuda de suportar seus

encarregos, assim de gente d'armas que a cidade havia de pagar como d'outras cousas necessarias á sua defensão, que lhe por isso recresciam. E isso mesmo deu lugar ao doutor João das Regras e a outros, sem levando ganço do que assim lavravam, mas quanto rendia lhe era entregue. E como o Mestre teve feita moeda ordenou logo seus mantimentos aos fidalgos e officiaes de sua casa, assim como ao doutor João das Regras e ao doutor Martim Affonso, a cada um cem libras, e assim aos outros, segundo que tal era, e a D. Affonso, filho do conde D. Alvaro Peres e a D. Leonor Telles, mulher de D. Pedro de Castro, e a D. Beatriz, sua irmã d'elle que havia cem libras. E dos mais não cumpre escrever. Mas que diremos d'este virtuoso senhor e de sua grande bondade, que não embarcando que seu coração fosse entonce partido em tantos e tão desvairados cuidados como cada um póde pensar que tal negocio requeria, não se esqueceu porém dos espirituaes feitos e ordenou logo mui honrado sahimento pela alma d'el-rei D. Fernando, seu irmão, de que teve cargo Antão Rodrigues, Priol de S. Nicolau, em que fez grande e larga despeza, e mais poz mantimento a certas pessoas devotas que rogassem a Deus por elle, e por o estado do reino, assim como foi João da Barroca e Margaridaeanes e a Maria Esteves, empardeados, que haviam quatro soldos por dia.

E fez uma cousa muito notavel e de grande louvor entre as gentes, que todos tiveram por assinado bem, que alguns que eram presos em poder de castellãos pela guerra que era já muito aceza e não tinham por onde pagar suas rendições, que elle os mandava tirar de captiveiro, pagando por elles todo

o que haviam de dar, e a outros fazia grossas ajudas pera logo serem livres do poder de seus inimigos.

E por estas e semelhantes cousas que 'obra, começou de ser tão amado do povo, vendo em elle largueza de dons com leda e prasivel graça de dar, além d'esto o grande saber e avizamento e governança e regimento que tomara, que todos se tinham por bem aventurados de o haverem por senhor.

CAPITULO LII

Como os de villa de Almada tomaram voz pelo Mestre, e como foi sobre Alemquer.

SEGUNDO ensina o longo uzo, e praticar nos faz muito catos, em nenhuma parte tem a inveja tão grande morada como na côrte dos reis e dos senhores, e tendo o Mestre a meude conselho com os seus pera proseguir tamanho negocio, fallava ás vezes porém a de parte, dizendo a Nuno Alvares algumas cousas de que os outros não eram em conhecimento.

Ora assim aveiu que este commum mal que é inveja se veiu tanto a senhorear dos corações d'aquelles que eram do concelho do Mestre, assim como Ruy Pereira e de Alvaro Vasques, e o doutor João das Regras, e de todos os outros seus privados, vendo como o Mestre fallava em especial com Nuno Alvares algumas cousas, e seguia em ellas seu conselho, que vieram todos a acordar em

segredo, havendo d'esto grande despeito que sempre fossem contra quaesquer conselhos que Nuno Alvares dêsse ao Mestre, posto que bons e rasoados fossem, e que nunca se tivessem a elles e de feito assim o faziam.

Nuno Alvares soube parte d'este segredo e nenhuma cousa disse a algum d'elles, e fallando um dia o Mestre em seu conselho uma cousa muito notavel, respondeu Nuno Alvares o que entendeu, de guisa que aprouve ao Mestre da sua resposta, e accordou-se com elle na sua tenção. Os outros de seu conselho porque se o Mestre tinha á razão de Nuno Alvares, não foram de tal acordo contentes, ante lh'o contradisseram muito, mostrando assás de razões a seu conselho não ser bom. Nuno Alvares vendo esto, começou de rir, sabendo bem parte porque o faziam.

O Mestre, quando esto viu, perguntou-lhe porque se ria? e elle lh'o contou todo como era e porque se accordavam do que elle dizia; o Mestre, se maravilhou muito de tal inveja, e teve com elle geito em lhe fallar de guiza que não tiveram depois mais tal tenção, e foram d'alli em deante todos em um accordo.

E entre as cousas que em aquelle conselho foram falladas, assim foi quanto era necessario de Almada ter sua voz do Mestre, porque era assim como chave do mar pera qualquer armada que el-rei de Castella quizesse fazer sobre a cidade. E pois que a villa não tinha castello nem alcaide, que d'ella tivesse feito menagem que ligeiramente a poderia haver. O Mestre houve esto por bom conselho e foi a ella, e os da villa o receberam bem e ficaram por seus para o servirem, e esto foi o primeiro dia de

janeiro de mil quatro centos e vinte e dois. E como tornou d'Almada, pera Lisboa ordenou logo de ir sobre Alemquer, uma villa com seu castello, que são oito legoas da cidade, na qual esteve a rainha depois da morte d'el-rei e do conde João Fernandes, antes que partisse para Santarem, segundo já tendes ouvido.

Em esta villa estava por alcaide Vasco Peres de Camões, que a tinha pela rainha D. Leonor, e o Mestre ajuntou até duzentas lanças e besteiros, e homens de pé não muitos, e foi este dia á Castanheira, uma legua do lugar. E no outro dia bem cedo, de madrugada, amanheceu sobre ella e pouzou no mosteiro de S. Francisco, e Nuno Alvares nas casas de Vasco Martins da Téro, que estava cazado com sua irmã, e logo á tarde foram os do Mestre escaramuçar com os da villa, onde chamam a porta de Soure, e o Mestre chegou e fel-os recolher porque os feriam do muro as béstas. E posto que hi fossem feitas por vezes boas escaramuças, nenhuma cousa aproveitava que prestasse, porque o lugar era muito forte e elles não levavam artificios de combater. Mas ora convém sair d'esto e leixemos o Mestre em Alemquer e a rainha em Santarem, e vamos vêr que fez el-rei de Castella em seu reino, quando lhe chegaram novas que el-rei D. Fernando era finado.

CAPITULO LIII

Como el-rei de Castella mandou prender o conde D. Affonso, seu irmão.

ASSIM aveiu que estando el-rei de Castella na Povia de Montalvão, onde ficou quando leixamos de fallar em seus feitos, chegou-lhe recado como el-rei D. Fernando era morto. E tanto que o soube, logo ao outro dia mandou chamar seu irmão D. Affonso, conde de Gigon, de Çamora, d'onde estava, e disse, como lhe trouberam recado que el-rei D. Fernando seu padre era finado, e que porém por d'elle estar seguro, porque estava casado com sua filha, e se temia de se lançar em Portugal, e fazer alvoroço no reino, que lhe prazia de ser prezo.

O conde ficando espantado, quando lhe esto ouviu, pediu-lhe por mercê que lhe mantivesse o que lhe prometera quando com elle commungára o corpo de Deus, e el-rei disse: «que não curava de suas razões, que a elle era certo que depois que o conde partira de Gigon, e viera pera sua mercê, que elle já era muito a mandar algumas cartas em Portugal em seu desserviço.»

O conde jurou que nunca tal cousa fizera, e que fosse sua mercê de lhe ter o que lhe prometera. El-rei não curando de cousa, que dissésse, entregou o prezo a D. Pedro Tenouro, Arcebispo de Toledo, e trouve-o fóra do paço, onde já estavam até cinquenta de cavallo, e entregou-o a um dos mais

honrados, que com elle andavam, e foi-se onde o conde pousava, e prendeu a condessa sua mulher, e mandou-a logo a Toledo, que eram cinco leguas, e o conde isso mesmo fôra lá levado.

E sendo o conde prezo por grande tempo, deu el-rei a terra de Norveña, á egreja de Ovedo, e confiscou para a corôa de seus reinos todos os outros bens que o conde havia nas Asturias.

CAPITULO LIV

Como el-rei de Castella mandou prender o infante D. João de Portugal.

JA tendes ouvido da ida do infante D. João para Castella, como por azo da infanta D. Beatriz, sua irmã, mulher do conde D. Sancho fôra encaminhado de ficar com el-rei, e foi assim que lhe deu el-rei Alva de Tormes e Real de Mançanales e logares outros, porém não vivia tão abastadamente como cumpria o seu estado, e não andavam com elle mais que até dez ou doze, que o acompanhavam de cote, mas outros fidalgos, que o amavam muito, por quem elle era, lhe faziam grande honra e gazalhado, acompanhando-o em sua casa, e pera o paço.

Assim como D. João, filho de D. Tello, irmão d'el-rei D. Henrique, que trazia dez, tanta casa mór que o infante, e isso mesmo o marquez de Vilhena, e Pero Fernandes de Valhasco, que nunca errava cento e cincoenta de mulas comsigo, e acompanhavam-no mais João Duque, e Ruy Duque seu irmão, e outros bons fidalgos de casa d'el-rei.

E como el-rei de Castella casou com a infanta D. Beatriz, sabendo que el-rei D. Fernando era doente muito a meudo, logo se recearam do infante poder reinar depois sua morte, e começaram de não segurar d'elle, e ter maneira, que não fizesse a si cousa, que o el-rei não soubesse.

E alguns dos seus, que esto entendiam, diziam-no por vezes ao infante, e elle, como homem afastado de toda malicia, não curava do que lhe diziam.

E tanto que el-rei fez prender o conde D. Affonso seu irmão, logo mandou prender o infante D. João, por Garcia Gonçalves de Grijalva, nas pousadas do infante, e fez-lhe dizer que o não prendia por cousa que d'elle soubesse contra seu serviço, mas que se receava, pois el-rei D. Fernando era finado, de o terem alguns portuguezes por rei, e fazer reboliço no reino contra a ordenança dos tratos, e que até que todo fosse assessegado lhe prazia de ser reteudo.

Outros affirmam sua prisão muito por outra maneira, e dizem que, tanto que el-rei D. Fernando se finou, que logo alguns do reino lhe escreveram á pressa como el-rei seu irmão era morto, e que visse por sua honra o que lhe cumpria fazer em ello: e que elle, como lhe este recado chegou, que se foi a el-rei e mostrou-lhe as cartas. E elle dizendo que lh'o agardecia muito, e que entonce o mandou prender.

Porém de qualquer guisa que fosse, el-rei mandou pôr em elle bom recado, e guarda, e defendeu qualquer dos seus que fosse achado n'aquella cidade, onde o elle mandara levar, que fosse prezo até sua mercê.

CAPITULO LV

Como el-rei fez em Toledo exequias por el-rei D. Fernando, e da maneira que em ellas teve.

PREZO assim o conde D. Affonso, e o infante D. João como ouvistes, ordenou el-rei de fazer sahimento por el-rei D. Fernando na cidade de Toledo, e mandou lá correger das cousas que lhe cumpriam, e elle atendeu alli até que todo que fosse feito. Como lhe trouveram recado que era todo prestes, partiu el-rei para lá, e a rainha isso mesmo.

El-rei levava um saio preto, e a rainha ia em umas andas vestidas dalmafega preta, e as andas cubertas todas de panno preto, que a não via nenhum.

Os portuguezes que com ella andavam levavam burel branco vestido, e isso mesmo as mulheres, e quando chegaram era já hora de vespóra, e foram descavalgar a uma egreja, que é muito perto do lugar, e vieram-se para ella todas as donas do lugar para irem em sua companhia.

D'alli levaram a rainha á Sé, onde já estava um grande estrado feito, e ataude em cima, posto todo corregido como cumpria. E quando entraram pela porta da Sé fizeram todos os portuguezes grão dó, e a rainha com as mulheres, que de Portugal foram, e depois que acabaram das vespóras era já tarde, e foram-se para seus paços, que era dentro na cidade, onde a rainha tinha a salla, e a camara toda armada de pannos tintos em preto.

E outro dia pela manhã partiu el-rei, e a rainha para Sé, aonde já estava feito um alto corregimento para elles, e como entraram pela porta fizeram seu dó assim como ás vesporas, e depois que se tiraram fóra.

El-rei despiu-se dos vestidos pannos pretos que levava, e vestiu um comprido mantão de panno d'ouro forrado de arminhos aberto por a parte direita chamando-lhe entonce lombardos. A rainha outrosim foi vestida d'aquelle panno mui ricamente, e o sobre-celo e assentamento, em que allí estavam, todo era cuberto d'aquelle mesmo panno d'ouro até o chão, e foi-se el-rei e a rainha assentar n'aquelle corregimento.

Estando elles assim veiu uma procissão em esta guisa: vinha o Arcebispo de Toledo com capa bem rica, e mitra na cabeça, e todos os conegos, e cle-rezia da cidade rezando, e traziam a bandeira das armas de Castella, e os signaes de Portugal, e concertos em baixo, e levavam-na com esta procissão, e pozeram-na ante el-rei e a rainha.

Fez então el-rei chamar Vasco Martins de Mello que fôra de Portugal com a rainha, e elle veiu logo presente, e el-rei disse que a mais honrosa cousa, que em seu reino havia, que officio fosse, assim era o seu alferes-mór, que elle por lhe galardoar sua vinda, que viera de Portugal com a rainha sua mulher, des-ahi pelo conhecer por mui bom, e que o fazia seu alferes de Castella e de Portugal, e que tomasse logo aquella bandeira, e alevantasse por elle segundo costume, quando fazem algum rei novamente.

Vasco Martins disse que lh'o tinha em grande mercê, mas que tal carregó não filharia, por elle ser

vassallo d'el-rei de Portugal e seu guarda-mór, e que poderia ser de se receber depois guerra contra o reino de que elle era natural, e cahiria em caso de menos valer.

CAPITULO LVI

Do que aconteceu quando alçaram pendão por el-rei de Castella.

QUANDO el-rei viu que a sua tenção era não tomar carrego de ser seu alferes, mandou chamar João Furtado de Mendonça, e deu-lhe cargo d'aquelle officio, e entregou-lhe a bandeira. João Furtado teve-lh'o em grande mercê, e alevantou-a logo, e começaram de dar ás trombetas dizendo a grandes vozes:

Real, real, por el-rei D. João de Castella e de Portugal.

E assim levaram a bandeira até fóra da Sé.

A' porta estava já prestes um cavallo d'el-rei, sellado pera trazer a bandeira em elle por toda a cidade. Estava ahi João Nunes de Toledo, e outros de cavallo com senhas lanças, e dardos brancos nas mãos, e alfagemes em ellas, pera irem em sua companhia cavalleirando o alferes, e pozeram-lhe a bandeira na funda, que levava na sella, e João Mendes deu grandes vozes, que todos dissessem: real, real, por el-rei D. João de Castella e de Portugal, começando a correr todos apoz a bandeira, que ia diante.

E correndo assim com grande prazer, descozeu o vento os signaes de Portugal, que iam debaixo, e ficaram pendurados, e o cavallo em que ia o alferes foi topar em um canto fóra da Sé, e quebrou-lhe uma espadua, e cahiu com elle.

Alguns que esto viram, tiveram-n'o a mau signal, dizendo entre si, que nunca el-rei de Castella havia de ser rei de Portugal, e disseram a el-rei de Castella que não era bem de os signaes de Portugal andarem assim em fundo.

E elle mandou logo poer os signaes ambos em escudo eguaes. E os portuguezes que faziam dó por el-rei D. Fernando, quando viram o que acontecera do descozer da bandeira e do cahimento do cavallo com o alferes, tiraram grande prazer com ello dizendo uns aos outros, que nunca o Deus havia de fazer senhor de Portugal.

Em esto desceu el-rei e a rainha do sahimento em que estavam, e vestiram os pannos de dó que ante traziam, e revestiu-se o arcebispo, e disse missa por el-rei D. Fernando.

E acabado o dó e suas exequias, foram comer, e d'ahi se partiram logo pera a Povia de Montalvão, onde antes pouzavam, e alli estiveram até dez dias.

CAPITULO LVII.

Como el-rei teve conselho se era bem entrar em Portugal e como determinou de o fazer.

ESTANDO el-rei em aquelle lugar, teve conselho se era bem entrar logo em Portugal poderosamente, por se assenhorear do reino, ou que maneira em ello teria, porque tanto que ello soube, que el-rei D. Fernando era finado, logo enviou por companhas e homens d'armas, pera entrar em Portugal com ellas, e sobre esto ouve grão conselho, que durou por dias, e, era partido em duas vozes.

Os mais do conselho, e que o melhor e mais sãmente aconselhavam, diziam assim:

Senhor, vós não deveis, nem podeis directamente entrar em Portugal, e por esta guisa, com gente d'armas, segundo os tratos, que entre vós, e el-rei D. Fernando foram firmados, mas cumpre muito a vosso serviço, segundo a fôrma em que heis jurado de os guardar e cumprir em todo inteiramente com as gentes de Portugal, de guisa que não vades por força de gentes entrar no reino, e fazendo-o assim, guardareis vossa verdade, segundo promettestes, e nós isso mesmo comvosco. D'outro modo entrando em Portugal com vosso poderio, não podeis escusar fazer damno na terra, se quer ao menos no tomar das viandas, pela qual razão cresceria grande odio entre os portuguezes e os castelhanos, o que não era vosso serviço.

Des-ahi em quererdes entrar com pouca gente podia-se seguir perigo, e porém nos parece que é bem que vos vades para Salamanca, que é acerca de Portugal, e não mandeis em tanto por nenhuma gente d'armas, mas d'alli mandai vossos embaixadores a Portugal, notificando-lhe, aos senhores e poderosos d'elle, como soubestes que el-rei D. Fernando era finado, e que bem sabem como ficou por herdeira do reino sua filha a rainha D. Beatriz, vossa mulher, isso mesmo os tratos e avenças que sobre isso foram feitas e jurados, que vossa vontade é de guardar e cumprir todas as cousas nos tratos conteudas, segundo o tendes jurado e affirmado, e que se elles, entendem que ha hi alguma cousa de inadir ou minguar em ellas que seja proveito e honra do reino que sois muito prestes de o fazer, sendo em ello guardado vossa honra e serviço, e que enviem seus embaixadores a aquella cidade pera vêr seu recado e concordar a eleição em elles todo o que por vosso serviço sentirdes. E ainda nos parece que é bem, que vindo taes embaixadores a vós, que lhe façais muita honra e partaes com elles de vossos dinheiros e joias, e que lhes digaes como quereis e vos prazera muito de ter taes maneiras com elles, que fosse vosso serviço e proveito do reino, e honra dos moradores d'elle.

Outrosim lhe podeis mais dizer que bem sabem como nos tratos jurados entre vós e el-rei D. Fernando é conteudo que a rainha D. Leonor vossa sogra, haja a governança do reino até que vós hajais filho que passe de quatorze annos, o qual ha-de ser creado em Portugal do dia que nascer até tres mezes sob poderio de sua avó, e que assim vos

praz de o guardar e ter. E que se elles entendem outra melhor maneira de regimento, que por algum ou alguns do reino que elles sejam Regedor ou Regedores, que por qualquer guisa que elles virem que é mais proveito guardando vosso serviço e honra, que vos praz muito d'ello e que assim o quereis fazer e que assim o digam os mesageiros que a Portugal mandardes a aquelles fidalgos e senhores com que houverem de fallar, e a elles prazera com taes maneiras como com elles quereis ter, e assim assegurarão suas vontades e havel-as-heis para vosso serviço.

Outros do conselho, não verdadeiros conselheiros, vendo como el-rei havia grande desejo de entrar em Portugal, sem curando dos tratos e juramentos que elle, e os seus haviam feitos por guarda d'elles, nem das penas e caso em que cahiam, onde contra todos ou parte d'elles não somente por vontade, por comprazer a el-rei louvavam tudo o que elle razoava, dizendo que era muito bem entrar logo poderosamente em Portugal sem curando de nenhuma avança, dizendo elles que não era teudo de guardar taes tratos, que foram feitos contra sua honra, e ainda contra direito, e que porém não deviam ser guardados, mas que era mui bem que antes que os portuguezes sobre isso houvessem algum avizamento, que elle entrasse com suas gentes no reino, por cobrar o direito que d'elle tinha. E se outra alguma avença ahi ouvesse de haver sobre ello, que mais seu serviço era fazer-se dentro em Portugal, que não estando elle em Castella.

E el-rei, que grão vontade havia de cobrar o reino por qualquer guisa que fosse, chegou-se a esta razão louvando o que elles diziam. Os que sãmente

falavam, desfaziam estas razões havendo todo por jogo, e não sómente entendido, dizendo a el-rei:

«Senhor, quando vosso estado é maior, tanto vos deveis mais guardar de em alguma cousa serdes prasmado, assim como nas cousas boas a tardança é cousa feia, assim a trigança onde não cumpre é contada por torpeza, nem podemos crêr que de tal entrada por esta guisa se siga tanto proveito, que muito mais damno não seja; ao menos fazer-vos ficar em dobrada mingua, falecendo da prometida verdade, e mais do juramento e menagens feitas por ella, como se póde dizer por vossa parte que foste enganado nos tratos sendo feitos contra vossa honra e proveito, como estes dizem, onde tantos letrados e assim avisados e discretos homens de vosso conselho foram juntos, ante que os outorgasseis, e vós mesmo no juramento que fizeste em Badalhouce aprovando todas as cousas, que por vosso procurador foram feitas, assim em razão de vosso casamento, como na successão do reino depois da morte d'el-rei D. Fernando, dais de vós testemunho que primeiro foram de vós vistos e examinados, havendo sobre todas, é cada uma d'ellas, maduro e largo conselho, e assim é conteudo e escripto nos tratos. Pois como se pode dizer agora que foram feitos em vosso prejuizo, dizendo estes por vos seguirem a vontade mas não por mostrarem razão, que o de direito podeis fazer, ante quebrantaes vossa verdade e ficamos na fé perjuros, e cahimos em mau caso.»

El-rei desejando de entrar em Portugal, crendo que com o grão poderio o obedeceriam todos e cobrarria o reino, não punha duvida em o fazer, nem curava de conselho, que lhe nenhum contra isso dissesse.

CAPITULO LVIII

Como o bispo da Guarda disse a el-rei que lhe daria a cidade, e como el-rei determinou em toda guisa de entrar no reino.

TENDO el-rei vontade de entrar d'esta guisa em Portugal, pero duvidava ainda um pouco por azo dos muitos que lhe desdiziam. Andava ahi um bispo da Guarda, chançarel da rainha, que fôra com ella de Portugal, quando casara, segundo ouviste. Este disse a el-rei de Castella que a cidade da Guarda, d'onde elle era bispo, era mui forte, e na frontaria de seu reino, e que todos os mais que em ella viviam eram seus criados, e fariam o que lhe elle mandasse, e que se sua mercê fosse d'el-rei lá ir, que elle o acolheria logo em ella.

A el-rei prouve muito do que lhe o bispo disse, e cresceu-lhe mais vontade de entrar todavia em Portugal, e partiu logo da Povia de Montalvão, onde estava, enviando por companhas e gente d'armas, que se viessem pera elle á pressa, onde quer que elle fosse.

Chegou el-rei e a rainha á ponte, que então o arcebispo fazia no Tejo, e mandou-lhe o arcebispo dar a elles e aos seus todas as cousas que lhe mister faziam, e estiveram ahi dois dias, e partiram para Talaveira, e d'ahi se foram á Prasaença.

Alli disse el-rei aos do seu conselho que o bispo da Guarda lhe dissera que lhe daria aquella cidade, e que era o que lhes d'ello parecia?

E alguns d'elles lhe disseram, vegadas, regarda, que fosse sua mercê de esguardar os tratos que entre elle e os de Portugal havia, e as juras e penas em que os seus cahiam em os quebrantando por qualquer razão, em nenhuma maneira os devia passar, e que entrando por tal guisa em aquella cidade, que os do reino se temeriam d'elle dizendo que contra a vontade e a seu pezar se queria apoderar da terra, e mais que a governança do reino, segundo os tratos, era da rainha D. Leonor sua sogra, e que elle em direito em nenhuma guisa o podia fazer, e os que davam este conselho diziam ainda mais, por desviar, que elles sabiam como na cidade da Guarda havia um castello mui bom, o qual tinha Alvaro Gil de Cabral, que não era da parte do bispo, e que lhe não cumpria entrar na cidade sem cobrar logo aquelle castello.

E que por tanto não se atrigasse até que se as cousas melhor encaminhacem por seu serviço, e outros, que nenhuma cousa curavam, senão fallar á vontade d'el-rei, diziam que era bem que el-rei partisse logo, e cobrasse a cidade que era cabeça de toda a comarca da Beira, que era uma grão terra em que havia mui ricos e mui honrados cavalleiros e escudeiros, que se viriam logo pera elle, querendo antes ser sob a governança e senhorio seu, que da rainha D. Leonor sua sogra. .

E el-rei todavia por cobrar o reino, postas a de parte todas as juras, e prometimentos que ouvistes, disse que este era mui bom conselho, e mandou ao bispo que se fosse deante para ter prestes, e encaminhado como elle fosse recebido na cidade.

CAPITULO LIX

Como el-rei de Castella entrou em Portugal, e de alguns fidalgos que se vieram pera elle.

Foi-se o bispo da Guarda, e chegou ao lugar. El-rei partiu de Prasença e chegou a Perocem, junto com Fonte Giraldo, e alli lhe veio recado do bispo que tinha já a cidade por elle, e que fosse á pressa, de guisa que amanhecesse no lugar, porque os da villa e do termo sabiam já como elle vinha, e que se áquelle tempo não fosse, que era duvida de o haver, porque seriam já todos apercebidos, e elle não poderia passar bem.

E el-rei como viu seu recado, partiu de Perocem á tarde, e andou toda aquella noite, e a rainha com elle, e chegou á Guarda em amanhecendo, e não iam com elle mais que até trinta homens d'armas de seus officiaes, dos que andavam com elle de cote.

O bispo o sahiu a receber com sua clerezia e procisão mais honradamente que elle pôde, e assim entrou na cidade elle e a rainha, e os que com elle iam.

E foi el-rei pousar aos paços do bispo.

Alvaro Gil não sahiu a elle, mas esteve quedo em seu castello, sem mostrar porque parte tinha, mas veio Vasco Martins de Mello, que fôra com a rainha, e pousava em Fonte Giraldo, a quem el-rei mandara dizer, quando partiu de Perocem, que se fosse despoz elle á Guarda, e Martim Affonso, rico

homem seu irmão, que tinha Celorico e Linhares, e foi o primeiro que se veio pera el-rei de Castella e ficou por seu alli na Guarda, da qual cousa muito desproveu a seu irmão Vasco Martins, porque elle começara de se ir pera elle antes que nenhum outro.

A el-rei veio em outro dia alguma gente d'aquella porque mandara, que seriam até duzentas lanças. E a cabo de trez dias chegou o conde de Mayorgas, des-ahi Pero Fernandes de Velasco e Pero Xarmento, e outros capitães com quinhentas lanças.

El-rei vendo que Alvaro Gil não lhe vinha fallar, nem sahia fóra do castello, disse a Martim Affonso de Mello que houvesse com elle que lhe fallasse.

Fel-o assim Martim Affonso, e trouxe-o seguro da ida e vinda, falou com elle el-rei, e tornou-se pera seu castello e não lhe fallou depois mais.

Em outro dia Vasco Martim mandou fallar a Alvaro Gil, por Martim Affonso seu filho, dizendo que fizera grão bem de se não vir para el-rei de Castella, nem se lhe desse, que lhe fazia certo que el-rei não faria sobre elle, senão que passava por hi e iria seu caminho e que se tal cousa aviesse que el-rei quizesse fazer, que lhe prometia de se lançar com elle, com seus filhos, e lhe ajudaria a defender o castello.

E el-rei ouve menencoria de Alvaro Gil por lhe mais não fallar, nem se vir pera elle. Mas vieram-se cavalheiros e escudeiros d'aquella comarca emquanto el-rei esteve na Guarda e estes aqui nomeados: Martim Affonso de Mello, que foi o primeiro, Vasco Martins da Cunha, Martim Vasques seu filho, e bem assim com outros seus filhos Fernão Affonso

de Mello, e Alvaro Gil de Carvalho, e outros, e el-rei recebia-os mui bem, dizendo que lhe fizessem preito e menagem pelas fortalezas que tinham, e elles faziam-lhe mensagem de receber e haver por sua rainha e senhora D. Beatriz, sua mulher, e elle assim como seu marido. E isto todavia com entendimento que os tratos fossem guardados pela guisa que foram postas entre elle e el-rei D. Fernando. A el-rei pezava muito d'esta condição que punham em taes menagens, porém dava lugar a ello, porque não podia mais fazer por entonce.

E como quer que se estes e outros cavalleiros e escudeiros viessem alli pera el-rei, porque segundo alguns escrevem não se contentavam do gazalhado, e colhimento que achavam em el-rei, pero, assim como se vieram para elle, indo assim concertaram de tratar entre si por se partir logo. E esto dizem que foi por duas razões. A primeira porque el-rei era homem de poucas palavras e não muito ledo, e elles haviam uzado com el-rei D. Fernando que era de grandes gazalhados. A outra, porque lhe el-rei logo não dava dinheiros, e que elle não podia esto fazer, e a tão apressa entrara no reino por cobrar a posse de elle, que não tivera sentido de esperar nenhuns dinheiros.

CAPITULO LX

Das razões que Beatriz Gonçalves disse a seu filho por não dar os castellos que tinha a el-rei.

U m bom fidalgo d'aquella comarca por nome Gonçalo Vasques Coutinho era alcaide de Trancoso e Lamego, e outros lugares, estando elle em Trancoso quando el-rei chegou á Guarda, pensou el-rei que se viesse pera elle, como fizeram alguns outros, e elle demovido foi, segundo alguns escrevem, mas outros assignam em seus livros razões algumas, porque o leixou de fazer. Uns contam que elle enviou entonce um seu escudeiro com cartas de crença, uma a Vasco Martins de Mello, e outra a Vasco Martins, o moço, seu filho, que morreu depois da batalha, como adiante ouvireis, porque lhe rogava que o aconselhasse que maneira teria em esta entrada que el-rei fazia no reino por esta guisa, pois via muitos fidalgos d'aquella comarca virem-se para el-rei de Castella, e que elle não faria sobre isso nenhuma cousa sem seu conselho, e que elles lhe mandaram dizer que se não viesse para elle, que el-rei de Castella não vinha senão por passar seu caminho, e não por cercar elles nem outros, posto que se para elle logo não viessem.

Outros contam que não foi por esta razão, mas que Beatriz Gonçalves, sua madre, que estava com elle, em aquelle logar, e fallando com ella que maneira teria em seus feitos, pois el-rei de Castella

entrava no reino por aquella guisa, sua madre lhe respondeu, e disse:

— «Filho, com os nescios, e com os trigosos gançam os homens, e nas cousas que ha pera esguardar sempre a trigança é damnosa. E os reis e os poderosos muitas vezes cuidam de acabar cousas de que hão grande desejo, e ás vezes se lhe não segue como elles pensam. El-rei de Castella entra em esto reino quebrantando os tratos, segundo vemos, e posto que alguns venham pera elle e fiquem por seus, não apraz a muitos, porém com sua vinda ante peza a todos os povos, tendo que não faz o que deve, como é verdade, quebrando as avenças que entre elle e el-rei D. Fernando foram firmadas.

«Lisboa tomou o Mestre por seu regedor e defensor, como souberam que el-rei de Castella queria vir. E certas cidades e villas, outras do reino, com esta tenção. Assim que já estes feitos levam começo, pera se não livrarem muito de ligeiro, como quer que alguns digam que a voz que Lisboa e os outros logares tomam contra el-rei, é um pouco de vento.

«E porém me parece que é bem que vos leixeis estar assim até que vejaes que termo dispõem nossas cousas. E assim podeis encaminhar vossos feitos como sentirdes por mais vossa honra e proveito.»

A elle pareceu este bom conselho, e creu sua madre o que lhe dizia. E esta foi a razão porque não veiu fallar a el-rei, e não a primeira, como alguns disseram.

CAPITULO LXI

Do recado que mandou a rainha D. Leonor a alguns conselhos depois da morte do conde João Fernandes.

No mez passado acerca d'este luto se começou o novo anno em Castella da nascença de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil trezentos e oitenta e quatro, e da era de Cesar de mil quatrocentos e vinte e dois.

Depois da morte do conde João Fernandes, estando então a rainha em Alemquer, mandou cartas a alguns conselhos, em que largamente lhe fez saber quanto ficava lastimada e cheia de quebranto pela morte d'el-rei seu marido, e como por seu finamento os reinos ficaram á rainha D. Beatriz sua filha, e por se não seguir juntamentos d'estes reinos com os de Castella, mas sempre serem corôa sobre si, como até alli foram, segundo nos tratos era devisado, e el-rei D. Fernando leixara em seu testamento que ella tomasse carregado do regimento d'elles aquelle tempo, que o havia de ser, posto que em ello sentisse grão trabalho do corpo e afflicção pera sua alma, mas que o fazia por salvação d'elles todos, e por lhe satisfazer de muito serviço e honra, que d'elles havia recebido.

Que estando ella em Lisboa em seus paços ordenando o que cumpria por serviço de Deus, e proveito dos reinos, que tornara o Mestre d'Aviz, que ella tinha já enviado por pôr recado nas villas da

Ordem e em outras algumas d'aquella comarca, e que matára o conde João Fernandes, por cujo azo e alvoroço da cidade, se partira d'ella, e se fôra para Alemquer, e que se enviava querelar d'elles de taes cousas, por se sentir d'ello.

As quaes sua tenção não era tomar com vingança de vontade, mas sómente por fazer direito e justiça, e que entendera de enviar recado a el-rei de Castella, que se soffresse de entrar no reino pera todos elles receberem damno, e os reinos ficarem sobre si, o que seria grão duvida se a rainha sua filha e el-rei seu marido, cobrassem logo o regimento d'elles.

E que isto lhe enviava notificar, como a pessoas de que muito fiava, e por verem a sua tenção, a qual era na prol e honra d'elles todos.

LXII

Como a rainha escreveu a el-rei de Castella que entrasse no reino, e a tenção porque o fez.

MANDADAS taes cartas pelo reino, cuja conclusão em breve dissemos, os enfermos corações todos postos em grão pensamento não sabiam que cuidar em taes feitos. Era-lhes mui grave de ouvir, que el-rei de Castella viesse ao reino vendo o posto em balanço, já de todo ficar com Castella, e isso a maior parte do povo meudo, que não era do bando do rainha. Uns tinham que el-rei se sofreada da tal entrada, escrevendo-lhe sua sogra

d'aquella maneira que dissera, maiormente por razão dos tratos, que com taes menagens e juramentos eram feitos. Outros de todo perdiam esta esperança, vendo os aquecimentos de desvairadas guisas espargidos pelo reino, e como já el-rei diziam que vinha por logo cobrar a posse d'elle.

E em este comenos entrou el-rei, como ouvistes, e estando na Guarda, em este mez de janeiro, que dissemos, chegaram cartas aficadas da rainha, muito em contrario do que ella antes escrevera aos conselhos; cá ella lhes certificava que entendia de enviar seu recado a el-rei que se soffresse de entrar no reino, pera que elles todos não recebessem damno; e n'estas fazia saber a el-rei como todas as cousas em Lisboa haviam passado, assim da morte do conde de Ourem, que o Mestre matára em sua presença e paços, como da morte do bispo e dos outros que aquelle dia foram mortos na Sé, e que ella com receio e muito nojo se partira de Lisboa e se viera a Santarem, onde por entonce estava, e que porém lhe rogava que pozesse aguça em seu caminho e chegasse alli, cá ella se tinha por mui deshonrada do Mestre d'Aviz e dos moradores de Lisboa, os quaes entendia que não queriam obedecer a ella nem haver a rainha D. Beatriz sua mulher por senhora. E que da discordia e alevantamento dos da cidade o Mestre era capitão e cabeça, e pondo-se regedor e defensor do reino em suas cartas, que seria azo ser grande acrescentamento, e porém ella tinha irmãos e grandes fidalgos, seus dividos bem poderosos, que haviam assáz de fortalezas com que lhe podiam fazer boa ajuda em muitas guisas, des-ahi a villa de Santarem, em que ella estava, que era uma das melhores do

reino. E que portanto cumpria muito dar trigança a sua vinda pera onde ella estava.

El-rei de Castella vendo seu recado prouvelhe muito com elle, e como aquelle que havia grão desejo de entrar no reino, não lhe foram menos estas cartas da rainha, quando assim chegaram, senão enadir esporas, porque havia vontade de correr, e logo ao outro dia ordenou de partir. Onde sabei que a razão porque a rainha escreveu taes cartas, segundo alguns em seus livros assignam, foi o grande queixume que ella havia do Mestre d'Aviz, e d'outros do reino, de que suspeitava; isso mesmo dos povos de Lisboa, e d'alguns lugares que tinham com elles.

E entendendo ella que depois que el-rei de Castella chegasse, que faria as gentes, com seu grande poder, que se lhe obedecessem, e que a vingaria de todos, especialmente dos homens e mulheres de Lisboa, de que ella dizia que nunca havia de ser vingada até que tivesse um tonel cheio das linguas d'ellas.

E sem duvida, se as cousas se seguiram como ella cuidava, estranhas foram as justças que ella mandara fazer nos moradores d'aquella cidade, porque sabia que diziam d'ella prasmadamente na morte do conde; e depois que d'esta guisa fosse vingada e o reino todo assessegado, que se tornaria el-rei pera suas terras, e ficaria ella em sua honra e regimento; assim que nenhum d'ahi em deante, por grande que fosse, e muito menos os pequenos povos, seriam ouzados de lhe contradizer, arreceando-se de similhavel vingança, e o reino sem alvoroço, que se iria el-rei pera sua terra, e ficaria ella como desejava.

CAPITULO LXIII

Como el-rei de Castella seguiu seu caminho e chegou a Santarem.

PARTIU logo el-rei da Guarda, e foi-se a Santa Maria de Açores, em romaria, e jantou n'aquelle lugar, e foi dormir a Celorico, que lhe já Martins Afonso de Mello tinha dado, e esteve ahi quatro dias.

D'alli partiu, e andou seu caminho, e chegou por Coimbra, que tinha o conde D. Gonçalo, irmão da rainha, e estava ahi Gonçalo Mendes de Vasconcellos; seu tio d'ella, e estes não se vieram pera el-rei, nem o colheram na cidade, mostrando que lhe não prazia com elle.

Des-ahi chegou a Miranda, onde estava o conde de Vianna, o qual veiu e o recebeu, e ficou por seu, e esteve el-rei alli um dia. No outro seguinte partiu de madrugada e foi dormir a Chão do Couce. Em outro dia foi comer a Ceras, e dormir a Thomar. Alli pensou el-rei que se viesse pera elle o mestre de Christo, sobrinho da rainha D. Leonor, filho de sua irmã. E quando chegou a Thomar e soube que partira d'ahi, houve d'esto grão queixume, porque cuidou que ficasse por seu, como os outros. E foi el-rei pousar ás pouzadas do mestre, que estão no Rocio.

E certamente, segundo escreve um auctor em sua historia, assim foi de feito, que o mestre se ia pera el-rei por ficar com elle e o servir, e um cavalleiro

de sua Ordem, quando o assim viu ir, e a intenção que levava, disse ao mestre em esta guisa:

— «Senhor: a mim parece que vós is a receber el-rei de Castella por ficar com elle, e serdes seu; e vós, senhor, se isto bem guardaes, isto não o deveis assim fazer, até que vejaes a que termo estes feitos houverem vir. E depois que virdes como se encaminham, então podeis fazer como sentirdes por vossa honra e proveito seu, ficando com nenhum prasma».

Com estas e outras razões, que assim foram falladas, foi o mestre movido a não ir por deante, e tornou-se a Pombal. E alli esteve el-rei dormindo em Thomar, foi aquella noite guarda no arrabalde, e foi feita uma escaramuça em tal guisa, que mata-ram um, que havia nome Henrique Alemão, e uns cinquenta e seis com elle.

El-rei partiu d'ahi á meia noite, e foi amanhecer á Gollegã, e ahi comeu e partiu para Santarem, e a rainha, sua mulher, com elle, e ante duas leguas, que chegasse a Santarem, juntaram-se estes que iam com a rainha; não, porém, todos juntos, mas cada um como lhe prazia, e sahiram-no a receber beijando as mãos a elle, e á rainha, offerecendo-se por seus, entre os quaes foi Gonçalo Vasques de Azevedo e João Gonçalves Teixeira, dizendo a el-rei da parte da rainha D. Leonor:

«Que a rainha sua madre se enviava encomendar a elle, e que fosse muito bem vindo, que tempo havia que o desejava vêr em Portugal».

A rainha D. Beatriz, antes que chegasse ás vinhas de Santarem, deteve-se alli um pouco pera se ornar, como lhe cumpria, e porque trazia seus concertos de caminho; e mandou el-rei Pero Fernandes

de Vasconcellos, e Pero Sarmiento, que se fossem deante, e que o aguardassem ao chão de Figueira, que é ante a porta do castello, e elles, fizeram-no assim, e Gonçalo Vasques e João Gonçalves tornaram-se pera a rainha.

CAPITULO LXIV

Como se o Mestre tornou de Alemquer pera Lisboa.

O MESTRE, que leixámos em Alemquer, trazia enculca com el-rei de Castella, depois que lhe disseram que era na Guarda, por saber as gentes, que com elle vinham e que caminho queria trazer. E ante alguns dias, que chegasse a Santarem, chegou ao Mestre recado como se vinha pera alli directamente, e que trazia suas gentes espalhadas, e não muito acompanhado. Sómente disse a Nuno Alvares como el-rei de Castella vinha pelo reino, e que seria mui cedo em Santarem, e que lhe parecia que era bem de se tornarem para a cidade pera poer guarda e recado em ella.

Nuno Alvares respondeu a isto dizendo que posto que se elles tornavam pera a cidade, que tambem sabia el-rei de Castella o caminho para vir sobre ella, como elles, que a haviam de defender, mas que seu conselho era, que emquanto el-rei de Castella vinha com pouca gente, ante que se juntasse com elle maior poder, que tivesse enculca com elle, e quando chegasse a termo de Santarem, que lhe sahisses elles de travessa ao caminho, e pe-

lejassem com elle, e assim o poderiam desbaratar, por cujo desbarato adiantaria muito em sua demanda.

E o Mestre disse que lhe parecia bem seu conselho, mas que isso senão podia fazer a seu salvo, por quanto eram alli muito poucos.

E em isto veiu-lhe outro recado que el-rei de Castella havia de ser aquelle dia em Santarem, e o Mestre partiu com suas gentes, e veiu-se pera Lisboa.

CAPITULO LXV

Como el-rei falou á rainha e a levou comsigo ao Mosteiro onde pousava.

ANTE alguns dias, que el-rei chegasse a Santarem, mandou diante Pero Carrilho, seu Apozentador mór, para requerer á rainha que lhe mandasse dar pousadas em bairro pera os seus, e ella houve conselho com esses fidalgos e senhores, que com ella estavam, acordaram que el-rei nem os que com elle vinham não pouzassem dentro na villa mas que el-rei pouzasse em um dos Mosteiros que lhe mais prouvesse, e os seus de fóra, como melhor podessem.

O Apozentador, vendo isto, não se tornou porém pera el-rei, mas aguardou alli até que viesse. A villa começou de se vellar melhor que ante não por isso, como se fosse em guerra.

Ora contam alguns que, não embargando que a rainha D. Leonor mandasse chamar a el-rei de

Castella e lhe prouvesse muito de sua vinda, pero, como era mulher sagaz e percebida em tudo, não tinha o coração bem seguro que el-rei teria em seus feitos aquella maneira que ella desejava e queria, e receando muitas cousas, de nenhuma sendo segura, duvidava muito sahir do castello e se poer em poder d'el-rei, receando o que lhe depois aveiu, e não quizera sahir fóra a lhe falar. Mas que se fôra el-rei em tanto pousar em um d'esses mosteiros, e depois accordariam a maneira que tivessem em suas faías, dizendo Martim Gonçalves d'Athayde e Gonçalo Rodrigues de Sousa e outros fidalgos que todavia não se pozesse em poder d'elle, porque poderia ser que a reteria el-rei até que lhe entregasse aquelle logar, e os outros todos que por ella estavam.

E Gonçalo Vasques e João Gonçalves disseram á rainha que o não fizesse por nenhuma guisa, mas pois seus filhos eram e os fizera vir de seu reino, chamados por suas cartas, que a ella seria grande desmesura e cousa de que el-rei teria má suspeita e grande queixume, em não sahir logo a os receber e lhe falar, maiormente que elles entenderam n'elle, quando o foram receber, em que lhe tinha bom desejo e vontade de lhe fazer prazer e honra em toda cousa que podesse.

E dizem que em esto chegou el-rei a Santarem uma terça feira, depois de vespera, 12 dias de janeiro, e a rainha D. Beatriz, sua mulher, a qual vinha em uma mula de sella coberta de dó, e D. Beatriz de Castro e outras donas e donzellas com ella. Com el-rei vinham até cento e oitenta de cavallo, todos armados e lanças alevantadas, e trombetas comsigo, mas logo á tarde vieram muitos. E

descavalgou elle e sua mulher em um grande chão que se faz ante a porta do castello, e todos os fidalgos, donas e donzellas que em sua companhia vinham, estando assim a pé até que o foram dizer á rainha; entonce sahiu ella de mámente, coberta de um grande manto preto, que não parecia o rosto, trazendo-a de braço Vasco Martins de Camões, e poucos com ella. El-rei, como a viu, foi-a logo receber, abraçando-a elle e sua filha; e ella, choromigando, começou logo a dizer a el-rei:

— «Filho Senhor, faço-vos queixume do Mestre d'Aviz, que matou o conde João Fernandes em meus paços, acerca de minhas fraldas, e me deitou fôra de Lisboa, a mim e a quantos eram meus e tinham da minha parte.»

A que el-rei lhe respondeu «que a isso era elle vindo, por lhe fazer todo prazer e honra, e lhe dar vingança de que lhe assim fôra feito.»

E entonce se espediu a rainha d'el-rei e de sua filha, e se quizera tornar pera o castello, o que el-rei leixar quizera, se não fôra Pero Fernandes de Valhasco, que disse, que razoada cousa lhe parecia de a levar comsigo, pois havia tanto tempo que a não vira elle nem sua filha, e que a levassem.

Todavia, sem embargo d'esto, a rainha quizera tornar pera o castello, dizendo a el-rei que pois ainda não estava aposentado, a leixasse ir por em tanto, e que outro dia pela manhã se iria pera elle e pera sua filha.

El-rei disse que todavia se fosse com elle, e tomou-a de braço, de uma parte, e a rainha da outra, e levaram-n'a comsigo pera o mosteiro de S. Domingos, onde el-rei havia de pousar.

Mas pois do começo d'esta obra seguimos poer

desvairadas opiniões, pera cada um reter qual lhe mais prouver, digamos aqui outro razoado que muito em parte descorda d'este; ca um author, que dá testemunho que esteve presente, diz que só ella estava na ponte á porta do castello. Disseram, quando el-rei vinha, e que el-rei e a rainha ambos chegaram juntos e a abraçaram, beijando-lhe sua filha a mão, e que as razões que elles ambos houveram nenhum as não ouviu; e que então a apartou um pouco el-rei da sua filha, e falou mui pouco espaço com ella, sem nenhum ouvindo o que diziam, e entonce a levou pera o mosteiro de S. Domingos.

E assim foi sua partida da villa, e d'outra guisa não, poendo logo guarda, esta noite, de duzentas lanças com el-rei, e assim d'ahi em diante.

CAPITULO LXVI

Como el-rei ordenou de se vir pera a villa, e da maneira como entrou no logar.

As falas e razões que el-rei aquella noite houve com a rainha D. Leonor, sua sogra, nenhum claramente as põem em escripto, salvo quando dizem que el-rei disse «que elle lhe não podia dar vingança do Mestre, nem dos outros que ella queria, nem sujigar villa nem cidade das que tinham voz contra ella, se primeiro não renunciasse a elle e a sua filha o regimento que ella havia no reino, segundo nos tratos era conteudo». E elle a mudou de todo seu proposito e vontade, e determinou de o fazer.

Não valeu, segundo contam alguns authores, o conselho que á rainha deram alguns que d'esto souberam parte, dizendo que não podia enalhear o regimento e senhorio que lhe ficara por morte d'el-rei D. Fernando, indo contra sua postumeira vontade, que por direito era havida por lei; demais, que tal era contra os tratos, os quaes não podiam enadir nem minguar sem consentimento dos preladados e povos do reino, como em elles fazia menção. E ella disse que não havia porque poer duvida em tal cousa: que bem sabiam que el-rei era senhor do reino de Portugal, e a rainha sua filha, e que em tal feito não se podia já mais fazer.

E logo ao outro dia, quarta feira, mandaram chamar um tabellião e foi feita a escriptura, em que renunciou todo o direito do regimento que havia de haver em o reino, e o poz n'elle e em sua filha. E quinta feira, pela manhã, bem cedo, se veiu a rainha pera o castello, e quitou a menagem a Gonçalo de Azevedo, que era d'ahi alcaide-mór. E mandou chamar a João Gomes d'Abreu, cavalleiro, um dos honrados moradores do lugar, e disse que, quando fosse a horas de meio dia, que fizesse abrir as portas de Leiria, que estavam fechadas e gaardadas de gentes da villa, e viriam com sua mulher e gentes pousar dentro na villa.

João Gomes respondeu que fosse sua mercê de não querer que el-rei de Castella, nem suas gentes, entrassem no lugar; que melhor pouzariam n'esses mosteiros e fóra no arrabalde, onde lhe dariam mantimentos por seus dinheiros, do que lhe poer a villa em poder e se emburilharem todos.

A rainha houve d'esto queixume e disse a João Gomes, como sanhuda:

— «E como não quereis vós que meus filhos entrem dentro na villa? Eu vos digo, se vós não quizerdes, que eu lhe darei entrada pela porta do castello, e sahirá por ess'outra porta. A villa dentro é onde eu tenho ordenado d'elles virem pousar, nas casas de Gonçalo Vasques de Azevedo, e elle irá pousar nas vossas, comvosco».

Respondeu entonce João Gomes, e disse:

— «Senhora, eu dizia isto por bem, e entendo-o por vosso serviço, mas, pois a vós não apraz, eu farei todo o que vós mandardes».

E logo em esse dia, depois de jantar, abriu as portas, e el-rei, como comeu, veio-se á villa; e vinha em cima de um cavallo, e parte dos seus de béstas armadas e lanças alevantadas, todos deante; e as ruas do castello, até Santo Estevão, onde el-rei havia de pousar, e d'ali até Alcaçova, todas primeiramente foram filhadas, e postos muitos homens d'armas a pé terra em ellas; e mandou a rainha aos judeus que fossem receber seus filhos, com a toura, fóra da villa, e fizeram-n'o assim.

E quando el-rei chegou á porta do castello que sahia contra o Chão da Feira, já ahi estava a rainha, de besta, e tomou-a el-rei de redea, e a rainha sua filha traz ella, á qual levava o infante de Navarra. E el-rei ia armado de umas folhas, e um ramo de cidreira na mão, e entrou pela porta de Erea; e levaram a rua toda de longo, até que chegaram ás pousadas de Gonçalo Vasques de Azevedo, onde havia de pousar, que era junto com a igreja de Santo Estevão d'esse logar; e ficou e rainha dentro nas pousadas, com el-rei.

E logo em esse dia lhe foi entregue o castello e Alcaçova, e foi tirado aquelle que o tinha por Gon-

çalo Vasques, e posto em elle Lopo Fernandes de Padilla, e na Alcaçova pozeram Garcia Odre, ambos irmãos, com oitenta lanças; e havia el-rei sempre em seus paços, de dia e de noite, cincoenta homens d'armas.

CAPITULO LXVII

Da maneira que el-rei teve com os desembargadores da justiça, e como misturou suas armas com as de Portugal.

ESTANDO el-rei assim em Santarem, que é uma das grandes villas que ha no reino de Portugal, e mais abastada de todos os mantimentos, vinham-lhe cada dia grandes capitães, com muitas gentes, de seus reinos, e o Aposentador da rainha, com outros d'el-rei de Castella, repartiram bairro a cada um, segundo quem eram, dentro na villa e pelo arrabalde de fóra; e não escusavam nenhum de pouzarem com elle, salvo a Judaria, em que não pouzavam, por ázo de D. David Negro e de outros judeus de grande estado, alliados á rainha, e tinham os castellãos boa maneira, logo no começo, com os que pouzavam, em o comprar das viandas.

E estavam todos os desembargadores e officiaes da casa, do tempo d'el-rei D. Fernando, com a rainha em Santarem, quando el-rei de Castella chegou, — que se vieram com ella, quando partiu de Lisboa, — assim como Lourençoannes Fogaça, chan-

çarel-mór, e Gonçalo Pires, seu escrivão, e o doutor Gil Docem, e João Gonçalves, e Fernão Gonçalves e Lopo Esteves de Leiria, todos tres licenciados em leis, Rodrigo Esteves de Lisboa, e Gonçalo Pires, priol d'Ourem, e Gonçalo Eannes, bachareis em direito canonico; e estes e outros livraram todos os feitos de Portugal com grande deliberação e direito. E quando el-rei de Castella chegou não quiz desfazer o modo como estava, e isso mesmo os escrivães e todos os outros, e fez seu procurador Gonçalo Martins, bacharel em degredos, e todos receberam d'elle mantimento de dois mezes, e em seu nome livraram os feitos, como aquelles que entendiam que já tinham o reino por seu.

E andava Gil Eannes, corregedor da côrte, com um alguazil d'el-rei pela villa, que regia no que cumpria, e ouviram alguns feitos entre os castellãos e os portuguezes.

E el-rei de Castella, posto que se já ante chamasse rei de Castella e de Leão e de Portugal e do Algarve, em ali começou de se nomear muito mais claramente, por azo das sentenças dos outros desembargos do reino, alçando pendão de suas armas, com as quinas postas no cabo d'ellas, como já tendes ouvido.

E, como el-rei ali chegou, disse a Lourençoeannes Fogaça, chançarel-mór que fôra d'el-rei D. Fernando, que lhe levasse os sellos que tinha, assim chãos como pendentos, pera os mandar desfazer e quebrar, pera fazer outros com as armas e signaes de Castella, e as de Portugal miscradas com ellas, dizendo-lhe que tanto que fossem feitas que logo lh'as entregaria, porque não era seu desejo d'haver outro chançarel no reino, senão elle.

Lourençoannes cumpriu seu mandado e entregou-lhe os sellos, com mui pouca vontade de os haver de receber, nem ser seu chanceler; e por ter azo de se partir em salvo, — elle e Gonçalo Pires, seu escrivão, — disse um dia a el-rei de Castella:

— «Senhor, eu e Gonçalo Pires, escrivão da vossa chancellaria, não temos aqui nossas mulheres, ca eu tenho a minha em Lisboa e elle tem a sua em Evora. Seja vossa mercê de nos dar licença para irmos por ellas, assim por sua segurança como por termos azo de vos melhor servir.»

A el-rei prouve de tal requerimento, pensando que fosse como elle dizia, e elles foram-se pera o Mestre, offerecendo-lhe seu serviço; e elle mandou Lourençoannes a Inglaterra, como tendes ouvido, e depois Gonçalo Pires á cidade do Porto, como adeante contaremos.

O misclar das armas fez el-rei por esta guisa: A redondeza do sello partiu de todo por meio, e na metade estavam as armas direitas de Castella e na outra metade as direitas de Portugal, s.: a barra de longo com meio da redondeza era cercada de castellos, e dentro cinco escudos com as quinas. As lettras que cercavam todo o circulo de redor diziam: *Joannes Dei Gratia Rex Castella et Leonis et Portugalliæ*. E seu dictado nas cartas e em quaesquer escripturas era este: *D. João, por graça de Deus, rei de Castella e de Leão e de Portugal e de Toledo e de Galliza*, e dos outros logares que se costumavam nomear. E com taes sellos e com taes dictados se chamou então e depois por tempo.

E ordenou o conselho de Santarem de darem logo um serviço a el-rei de Castella, e foram-lhe ou-

torgadas pelos homens bons d'esse logar trinta mil libras, as quaes depois houve o Mestre, sendo rei, d'aquelles que d'ellas foram recebedores.

E teve el-rei conselho de fazer moeda em Santarem, e mandou lavrar uns reaes de prata de lei, de sete dinheiros, e corôas e outras moedas de valor pequenas.

E dizem que deu a rainha D. Leonor a el-rei de Castella muitas joias das que ficaram d'el-rei D. Fernando; e lh'as agradeceu, e foram logo á primeira muito d'accordo e bem amigos.

CAPITULO LXVIII

Dos fidalgos e cavalleiros que estavam com el-rei em Santarem, e do que aveiu a Gonçalo Vasques com o soldo que mandou pagar aos seus.

EL-REI em Santarem, como dissémos, estavam hi, dos fidalgos do reino, estes senhores e capitães com elle, s.: D. Henrique Manuel, conde de Cêa, que tinha Cintra; e D. Pedralvares Pereira, priol do Esprital; e o conde de Vianna; e Gonçalo Vasques de Azevedo, que tinha Torres Novas; e Gonçalo Pires de Camões, que tinha Alemquer; e João Gonçalves Texeda, que tinha Obidos; e Diogo Alvares, e Fernão Pereira, irmão do dito priol do Crato; e Vasco Martins da Cunha, e Martin Vasques e Gil Vasques, e Vasco Martins, seus filhos; e Vasco Martins de Mello, e João Affonso Pimentel, e João Rodrigues Portocarrero, e Mar-

tim Gonçalves de Athayde e Affonso Gomes da Silva e Martins Affonso de Mello e Vasco Martins, seu irmão, e seus filhos d'estes, e Fernão Gil de Sousa e Gonçalo Rodrigues de Sousa. E pelo reino outros muitos e bons cavalleiros, que tinham grandes e boas fortalezas, com que obedeciam a seu mandado.

E d'estes senhores fidalgos que ali chegaram a Santarem mandou el-rei a alguns que se tornassem pera seus logares, e outros ficaram em sua companhia, onde sabei que todos os senhores e fidalgos que ali ficaram, e os que se tornaram pera os castellos que lhe já tinham offerecidos, a todos el-rei desembargava soldo pera certas lanças com que o houvessem de servir; entre os quaes desembargou a Gonçalo Vasques de Azevedo soldo pera cem lanças.

Gonçalo Vasques trazia grande casa, e era acompanhado de muitos e bons escudeiros, que com elle viviam, assim como Rodrigo Eannes de Buarcos, e Vasco Rodrigues Leitão e João Rodrigues da Motta e outros semelhantes de boa conta. Um dia, foi elle ao paço e leixou dito ao seu veador que dêsse o soldo a todos os seus, segundo tinha ordenado, e elle poz tres montes de dinheiro em cima de uma meza, um de florins e outro de reaes de prata e outro de moeda corrente; e, quando requereu aos escudeiros que o tomassem, nenhum foi que o quizesse receber, mas tomavam os florins na mão e tornaram-n'os a seu logar, rindo-se d'elles.

Gonçalo Vasques, a hora de ceia, tornou pera a pousada, e quando viu os dinheiros estar d'aquella guisa não soube que cuidar, e perguntou ao seu veador porque os não dera, como elle mandara.

— «Sabei, disse elle, que todos convidei com elles, e não houve nenhum que os quizesse receber».

Gonçalo Vasques esteve um pouco quedo, suspeitando porque o faziam, e disse que os guardassem d'ali, que lhe pozessem a meza. E entonce os chamou todos a de parte, e disse :

— «Espantado sou de vós serdes todos homens a que eu tal desejo tenho, assim de accrescentar em vossas honras como de encaminhar vossos feitos com el-rei, meu senhor, por onde quer que eu possa, e não queredes vós tomar seu soldo pera o haverdes de servir em minha companhia! Em verdade, eu tinha de vós tal intenção que, não digo eu com el-rei de Castella, que é um senhor que todos somos teudos de servir, mas ainda que eu me tornara mouro e me fôra pera Granada, pera lá viver pera sempre, que vós vos tornáreis mouros commigo, e servireis em quaesquer cousas que de minha honra foram; e ora parece-me que era enganado comvosco, porque d'esto vejo muito o contrario. E, pois que assim é, rogo-vos que me digaes porque o fazeis?»

E elles, todos calando, respondeu Vasco Rodrigues e disse :

— «Digo-vos, pois estes calam e nenhum não fala, que eu quero falar por mim e por elles. Sabei que elles, nem eu, não temos vontade, por nenhuma guisa, de tomarmos soldo d'el-rei de Castella, nem vosso, pera o haver de servir, e antes nos partiremos todos de vós que havemos de tomar seu soldo, nem sermos seus. Mas se vós quizerdes ter a tenção do Mestre e de Lisboa digo-vos que não haveis mister ouro nem prata, nem outros dinheiros que nos deis, mas todos de boa vontade dispende-

remos os corpos e vidas por vos servir e morrer convosco onde quer que vós fordes. E esta é a nossa final intenção, da qual nos não hemos de desviar; e se vos alguém disser o contrario sabeí que vos mente, e não o crejaes nem fieis, nem de mim tão pouco, posto que vol-o diga».

Gonçalo Vasques, quando esto ouviu, ficou espantado, e disse que, pois assim era, que elle não entendia de os prender nem forçar, mas que elle encaminharia de geito que isso não viesse mais á praça. Entonce houve com el-rei que se fosse pera Torres Novas, e ali esteve por guarda do lugar, e assim se foi.

E elles, vendo que seu desejo era de servir a el-rei e ter sua intenção, partiram-se d'elle poucos e poucos e foram-se a Buarcos, pera Alvaro Gonçalves, seu filho, que tinha a voz do Mestre; e metteram-se na frota do Porto, quando depois veio a Lisboa, como adeante diremos.

CAPITULO LXIX

Dos logares que tomaram voz por Castella em todas as comarcas do reino.

Pois que dissemos parte dos senhores e fidalgos que se vieram pera el-rei de Castella, convém que digâmos dos logares que tomaram sua voz e lhe obedeceram, por verdes como teve grão parte do reino, a seu mandar por todas as comarcas d'elle; não, porém, que os povos morado-

res dos logares lh'os dessem, nem lhe obedecessem, por seu grado, mas os alcaides e os melhores de cada um logar lh'os offereciam e tomavam sua voz, e a faziam tomar aos pequenos por força, assim como fez Lopo Gomes de Lira, em Braga, que se chamava «meirinho por el-rei de Castella», que, por prisão que fez aos moradores do logar e ás pessoas ecclesiasticas do cabido da Sé, lhes fez que fizessem menagem ao arcebispo de S. Thiago, em nome d'el-rei de Castella, e que tivessem sua voz e lhe obedecessem como a seu senhor, porque o dito Lopo Gomes entrou na cidade contra vontade do concelho e do cabido, e fez assim entrar ao arcebispo de S. Thiago, e outras companhas de Galliza com elle.

Entonce Lopo Gomes mandou deitar pregão pela cidade que todos os moradores d'ella fossem logo á crasta da Sé, assim ecclesiasticos como leigos, pera fazer menagem ao dito rei de Castella e sua mulher, que houvessem por senhores e fizessem por elles paz e guerra; e aquelles que o não quizessem fazer que os degradava dos senhorios de Portugal, e que perdessem os bens que tinham.

E além d'isto, eram sujigados do castello que estava sobre a dita cidade, de que era alcaide Vasco Lourenço, irmão do dito Lopo Gomes, mandava que seriam destruidos, e elles todos, com temor, que fizeram entonce o que elle quiz.

E por esta guisa e outras semelhantes se davam os povos a el-rei de Castella, mas não de vontade.

Onde cuidae que, sendo soada sua partida de Castella pera vir a Portugal, que voz de grande espanto foi ouvida em todo o reino, quando as gentes certificadas que el-rei de Castella queria entrar

em elle, vendo que tal entrada não podia ser sem grande escandalo e discordia, a qual punha os humanos entendimentos em opiniões de muitas guisas, e em tanto que; posto que o amor da terra e natural affeição cónstrangessê a muitos fidalgos e alcâides de castellos a ter por Portugal antes que por Castella, outros porém havia hi taes que, usando de cobiça, misturada com tenção maliciosa, e d'elles com temor e arreceio de cada um perder sua honra, e por cobrar outra maior do que tinham, lhe fez de todo escolher o contrario por tal modo, que foi o reino diviso em si e partido em duas partes, em que não poucos logares e fidalgos tomaram a voz de Castella, obedecendo a seu mandado.

Assim que pelas comarcas do reino estavam por elle estas fortalezas, s.: na Extremadura: Santarem, Torres Novas, Ourém, Montemor-o-Velho, Leiria, Castello da Feira, Penella, Obidos, Torres Vedras, Alemquer, Cintra; em Entre Tejo e Guadiana: Arronches, Alêgrete, Castello de Vide, Crato, Amieira, Monforte, Campo Maior, Olivença, Villa Viçosa, Portel; Moura, Nondar, Mertola, Almada; Entre Douro e Minho: Lanhoso, Braga, Guimarães, Valença, Melgaço, Ponte de Lima, Villa Nova de Cerveira, Caminhã, Vianna, Castello de Neiva; em Traz-os-Montes: Bragança, Vinhaes, Chaves, Monforte de Rio Livre, Montalegre, Mogadouro, Mirandella, Alfandega, Lamas de Orelhão, Villa Real de Panoias; na Beira: Castel Rodrigo, Almeida, Sabugal, Monsanto, Peramanca, Guarda, Covilhã, Celorico, Linhares.

Estes cincoenta e quatro logares, e outros mais que dizer não curámos; teve el-rei a seu mandar quando veiu, e antes que entrassê no reino. E pos-

to que os ricos e poderosos, e assim alcaides de castellos, como outros fidalgos, tivessem voz por el-rei de Castella, os povos, porém, todos em seus corações eram contra elle e contra a rainha, em guisa que, assim como dizemos, se alevantaram muitos homens em alguns logares, e tomaram os castellos aos alcaides d'elles, e alçavam voz pelo Mestre d'Aviz, escrevendo-lhe que queriam ser seus e o ajudarem com os corpos e haveres, assim como tomaram Evora a Alvaro Mendes d'Oliveira, e Extremoz a Joanne Mendes de Vasconcellos, e Beja e outros logares que ouvistes.

E áquellas villas que tinham voz por Castella mandava el-rei gentes d'armas quantas haviam mister, de guisa que o alcaide com ellas, e com seus creados e amigos, as podessem defender como cumpria, ca dos que moravam nos logares não eram os alcaides muito seguros, por as coisas que viam acontecer. E d'estas fortalezas que tinham voz por Castella sahiam os alcaides portuguezes a fazer grandes roubos e cavalgadas nos termos das que tinham voz pelo Mestre, prendendo e roubando e matando em elles, como se lh'o devessem por contrairos merecimentos.

Assim que os que deviam ser seus defensores e os livrar das mãos dos inimigos aquelles matavam e perseguiam, usando contra elles de toda crueldade. Oh! Que forte cousa e mortal guerra! Vêr uns por trigosos, querer destruir os outros, e aquelles que um ventre gerou e uma terra deu creamento desejarem de se matar de vontade, e espargir o sangue de seus dividos e parentes!

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

...the
... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

INDEX

	PAG.
CAPITULO I. — Razões em prologo do author d'esta obra, ante que fale dos feitos do Mestre	15
CAPITULO II. — Como o conde houvera de ser morto por vezes, e nenhuma houve azo de se acabar.....	18
CAPITULO III. — Como alguns ordenaram de o conde ser morto, e porque azo se não fez.....	21
CAPITULO IV. — Como el-rei mandava matar o conde João Fernandes, e porque se leixou de fazer	23
CAPITULO V. — Como o conde João Fernandes houvera de ser morto, e porque azo se desviou sua morte....	26
CAPITULO VI. — Como se azou a morte do conde João Fernandes: e quem fallou em ello primeiro.....	28
CAPITULO VII. — Como Alvaro Paes fallou com o Mestre sobre a morte do conde João Fernandes, e do accordo em que ambos ficaram.....	31
CAPITULO VIII. — Como o conde João Fernandes veio ao sahimento d'el-rei e o Mestre foi ordenado por Fronteiro em Riba d'Odiana.....	33
CAPITULO IX. — Como foi ordenada a morte do conde João Fernandes, e como o Mestre partiu de Lisboa, sem levando intenção de o matar.....	36
CAPITULO X. — Como o Mestre tornou a Lisboa e de que guisa matou ao conde João Fernandes.....	39
CAPITULO XI. — Do que a rainha disse por a morte do conde, e d'outras cousas que hi avieram.....	44
CAPITULO XII. — Do alvoroço que foi na cidade, cuidando que matavam o Mestre, e como alá foi Alvaro Paes e muitas gentes com elle.....	46
CAPITULO XIII. — Como o bispo de Lisboa e outros foram mortos e lançados da torre da Sé a fundo.....	50
CAPITULO XIV. — Como o Mestre, depois que comeu, foi pedir perdão á rainha, e das rasões que foram faladas.	55
CAPITULO XV. — Como os da cidade quizeram roubar os judeus, e o Mestre os defendeu, que lhe não foi feito.	59
CAPITULO XVI. — Que maneira tinha a rainha D. Leonor com o Mestre e alguns outros a que não tinha bom desejo.....	62
CAPITULO XVII. — Como a rainha partiu de Lisboa pera Alemquer, e que maneira teve em sua partida.....	64

	PAG.
CAPITULO XVIII—XIX. — Como o Mestre guisava pera se ir pera Inglaterra e como pediu perdão a Vasco Porcalho.....	66
CAPITULO XX. — Por quaes razões os da cidade disseram ao mestre que ficasse no reino, e o tomariam por senhor.....	68
CAPITULO XXI. — Das razões, que os da cidade diziam ao Mestre, porque se não devia de partir.....	70
CAPITULO XXII. — Da maneira que a rainha ordenou pera matar o Mestre, quando soube que queria partir-se pera Inglaterra.....	72
CAPITULO XXIII. — Das razões que Alvaro Vasques houve com o Mestre sobre sua partida pera Inglaterra.	74
CAPITULO XXIV. — Como Fr. João da Barroca veio a Lisboa, e da maneira de seu viver.....	76
CAPITULO XXV. — Como o Mestre fallou com Fr. João da Barroca, e da resposta que lhe elle disse.....	79
CAPITULO XXVI. — Como foi accordado de enviar á rainha commetter casamento com o Mestre, e segurança pera os da cidade.....	81
CAPITULO XXVII. — Como o Mestre outorgou de ficar por regedor e de fensor do reino, e do que foi falado na camara da cidade sobre sua ficada d'elle.....	84
CAPITULO XXVIII. — Como o Mestre tomou officiaes pera sua casa, e que dictado ordenou dese pôrem nas cartas.....	88
CAPITULO XXIX. — Como o infante D. João soube que o Mestre seu irmão se chamava regedor e defensor do reino, e a maneira que em ello teve.....	91
CAPITULO XXX. — Do recado que a rainha mandou a Gõçalo Vasques d'Azevedo ante que partisse pera Santarem, e das razões que disse aos do logar.....	93
CAPITULO XXXI. — Como a rainha partiu de Alemquer pera Santarem, e das razões que disse aos do logar ante que partisse.....	96
CAPITULO XXXII. — Razões do auctor d'esta obra, ante que fale de Nuno Alvares.....	98
CAPITULO XXXIII. — De que linhagem descendeu este Nuno Alvares e quem foi seu padre.....	101
CAPITULO XXXIV. — Como Nuno Alvares foi trazido á corte d'el-rei D. Fernando, e como tomou as primeiras armas da rainha D. Leonor.....	103

	PAG.
CAPITULO XXXV. — Como o priol commetteu a seu filho que quizesse casar, e como em ello consentiu e casou com D. Leonor d'Alvim.....	105
CAPITULO XXXVI. — Como Nuno Alvares partiu pera sua casa, e da maneira do seu viver.....	108
CAPITULO XXXVII. — Como Nuno Alvares soube que o conde João Fernandes era morto, e das razões que houve com seu irmão sobre ello.....	110
CAPITULO XXXVIII. — Como Nuno Alvares descobriu aos seus que se queria ir a Lisboa, pera servi-ro Mestre.	113
CAPITULO XXXIX. — Como Nuno Alvares chegou a Lisboa, e das razões que disse ao Mestre.....	115
CAPITULO XL. — Como sua madre de Nune Alvares vinha pera torvar seu filho do serviço do Mestre, e do que sobre ello aveiu.....	117
CAPITULO XLI. — Como o Mestre falou com os do seu conselho sobre sua ficada ou partida do reino.....	119
CAPITULO XLII. — Como o Mestre quizera combater o castello e como o cobrou sem combate.....	121
CAPITULO XLIII. — Como foi tomado o castello de Beja e morto o almirante Mice Lançarote.....	126
CAPITULO XLIV. — Como o castello de Portalegre e Extremoz foram tomados.....	130
CAPITULO XLV. — Como o Alcaide de Evora quizera ter voz por a rainha, e foi tomado o castello pelos da cidade.....	133
CAPITULO XLVI. — Como os da cidade se levantaram contra a abadessa, e do geito que tiveram em a tomar	135
CAPITULO XLVII. — Como foi lançada voz pelo Mestre na cidade do Porto, e da maneira que o povo em ello teve.....	138
CAPITULO XLVIII. — Porque razão enviou o Mestre embaixadores a Inglaterra, e da resposta que lhe de lá veiu.....	141
CAPITULO XLIX. — Como a cidade de Lisboa deu um serviço ao Mestre pera ajuda de fazer moeda.....	146
CAPITULO L. — Como o Mestre ordenou de fazer moeda e de que liga e talho foi feita.....	148
CAPITULO LI. — Como o Mestre deu logar a alguns que lavrassem moeda, e poz mantimento a muitas pessoas.	150
CAPITULO LII. — Como os de villa de Almada tomaram voz pelo Mestre, e como foi sobre Alemquer.....	152

